

# A DISCRIMINAÇÃO SEXUAL COM PESSOAS TRANSGÊNERO

Dissertação de Mestrado

Volume II

Joana Rita Vieira Guerra



Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Ana Maria Sousa Neves Vieira

Leiria, Setembro 2017

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

# ÍNDICE

Apêndices .....	1
Apêndice A – Guiões de entrevistas .....	1
Apêndice A1 – Guião de Entrevista à Dra. Margarida Faria .....	1
Apêndice A2 – Guião de Entrevista a Dani Bento .....	2
Apêndice A3 – Guião de Entrevista a Jay .....	5
Apêndice A4 – Guião de entrevista a Andreo Gustavo .....	8
Apêndice B – Entrevistas .....	11
Apêndice B1 – Entrevista à Dra. Margarida Faria .....	11
Apêndice B2 – Entrevista a Dani Bento .....	21
Apêndice B3 – Entrevista a Jay.....	51
Apêndice B4 – Entrevista a Andreo Gustavo.....	70
Apêndice C - Quadros de Sinopses.....	76
Apêndice C1 – Quadro de Sinopse da Entrevista à Dra. Margarida Faria.....	76
Apêndice C2 – Quadro de Sinopse da Entrevista a Dani Bento.....	80
Apêndice C3 – Quadro de Sinopse da Entrevista a Jay .....	92
Apêndice C4 – Quadro de Sinopse da Entrevista a Andreo Gustavo .....	99
Anexos .....	104
Anexo 1 – Escala de Kinsey (1958) .....	104
Anexo 2 – Escala de Harry Benjamin.....	105
Anexo 3 – Relatório clínico que permite a alteração do nome e do sexo no registo civil (Instituto dos Registos e do Notariado) .....	106
Anexo 4 – Lei nº. 7/2011 (Lei da Identidade de Género) .....	107
Anexo 5 – Lista de médicos habilitados a assinar relatórios que comprovam o diagnóstico de disforia de género.....	111
Anexo 6 – Categorias de diagnóstico inseridas na Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde (2010) .....	112

Anexo 7 – Parecer do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida contra a proposta do Bloco de Esquerda (2017) .....	113
Anexo 8 – Documento contra o parecer do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida .....	121

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – GUIÕES DE ENTREVISTAS

### APÊNDICE A1 – GUIÃO DE ENTREVISTA À DRA. MARGARIDA FARIA

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	
<b>ASSOCIAÇÃO AMPLOS</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Como surgiu a ideia de criar esta associação?</li></ul>
<b>DÚVIDAS E DIFICULDADES DOS PAIS E DAS PESSOAS TRANS QUE PROCURAM A AMPLOS</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Os pais de pessoas trans vêm falar convosco, pedir conselhos para lidar com a transexualidade dos seus filhos?</li><li>- Quais é que são as dúvidas e dificuldades mais frequentes?</li><li>- Há muitos pais que não aceitam bem essa questão?</li><li>- E os jovens trans, também vos procuram? Quais é que são as dúvidas e dificuldades, geralmente?</li><li>- De que forma a AMPLOS ajuda estas pessoas?</li></ul>
<b>CONCEITOS RELACIONADOS COM O TRANSGENERISMO</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Qual é a diferença entre ser-se transgénero e transexual?</li><li>- Uma pessoa que não altere nem pretenda alterar os seus órgãos genitais cirurgicamente é também transexual?</li></ul>
<b>DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DE GÉNERO</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Considera que esta questão está relacionada com questões biológicas e genéticas ou, por outro lado, com questões sociais e ambientais?</li><li>- A perceção da identidade de género ocorre na adolescência, visto que é essa a fase que ocupa um lugar central na construção da identidade, ou pode ocorrer muito antes, por volta dos dois anos, por exemplo, como defendem algumas pessoas?</li></ul>

<b>PROCESSO DE TRANSIÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que pensa acerca da lei nº. 7/2011? Que evolução trouxe para as pessoas trans?</li> <li>- O que pensa acerca do diagnóstico médico?</li> <li>- O que pensa acerca da lista de médicos habilitados a assinar os relatórios que confirmam os diagnósticos de disforia de género?</li> </ul>
<b>DISCRIMINAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais são as maiores barreiras que as pessoas trans enfrentam?</li> <li>- Quais considera serem as melhores formas de combater a discriminação?</li> <li>- Considera que o governo tem implementado medidas eficazes nesse sentido?</li> </ul>

## APÊNDICE A2 – GUIÃO DE ENTREVISTA A DANI BENTO

<b>GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b>	
<b>DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A Daniela assume-se como uma pessoa não-binária. O que é que isso significa?</li> </ul>
<b>PROCESSO DE DESCOBERTA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em que altura da sua vida se começou a aperceber de que não se identificava com o seu sexo biológico?</li> <li>- Como foi esse processo de descoberta? O que pensou e sentiu acerca disso? Percebeu logo que era trans ou foi um processo gradual?</li> </ul>
<b>PROCESSO DE AFIRMAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem foram as primeiras pessoas com quem falou sobre o assunto?</li> <li>- Como é que a sua família reagiu quando descobriu? Mudou alguma coisa na vossa relação?</li> <li>- E com os amigos?</li> </ul>

<p><b>PROCESSO DE TRANSIÇÃO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando descobriu que o seu género não correspondia ao seu sexo biológico sentiu necessidade de fazer alterações na sua forma de se expressar, de se vestir, etc.?</li> <li>- O que sentiu quando iniciou o seu processo de transição e começou a sair à rua “como uma mulher”?</li> <li>- Sentiu necessidade de alterar o seu corpo através de hormonas e cirurgias?</li> <li>- Para alterar o seu nome e sexo no registo civil teve de passar por várias fases, desde a avaliação por uma equipa multidisciplinar de sexologia clínica, o diagnóstico médico, a hormonoterapia... como é que lidou com este processo? Sentiu-se compreendida pelos médicos?</li> <li>- Em algum momento sentiu que não tinha forças para levar todo esse processo até ao fim? Pensou em desistir?</li> </ul>
<p><b>ORIENTAÇÃO SEXUAL</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual é a sua orientação sexual?</li> </ul>
<p><b>LEGISLAÇÃO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que pensa acerca da lei nº. 7/2011? Que evolução trouxe para as pessoas trans?</li> <li>- O que pensa acerca do diagnóstico médico?</li> <li>- O que pensa acerca da lista de médicos habilitados a assinar os relatórios que confirmam os diagnósticos de disforia de género?</li> <li>- Não acha que, se esse diagnóstico não for feito, podem existir pessoas com doenças mentais, como esquizofrenia, que solicitam a alteração de género sem serem, na realidade, trans, como defende, por exemplo, o Dr. Décio Ferreira?</li> <li>- O que pensa acerca das recentes propostas de lei do PAN, do BE e do governo?</li> </ul>
<p><b>RECONHECIMENTO LEGAL DE GÉNERO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando é que sentiu necessidade de alterar o seu nome e sexo no registo civil?</li> <li>- Quais foram os maiores obstáculos que enfrentou para fazer a alteração de nome e</li> </ul>

	sexo no registo civil?
<b>MUDANÇAS APÓS A TRANSIÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que mudou após a alteração de sexo?</li> <li>- Na altura como foi a adaptação no seu local de trabalho e na sua vida social? Como é que as pessoas reagiram a esta mudança?</li> <li>- Tinha algum relacionamento quando iniciou o processo de transição? Como é que a outra pessoa lidou com a situação?</li> <li>- De que forma o facto de ser trans afetou e afeta a sua vida?</li> </ul>
<b>CONCEITOS RELACIONADOS COM O TRANSGENERISMO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual é a diferença entre ser-se transgénero e transexual?</li> <li>- Uma pessoa que não altere nem pretenda alterar os seus órgãos genitais cirurgicamente é também transexual?</li> <li>- Uma pessoa intersexual é transgénero?</li> </ul>
<b>DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DE GÉNERO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Considera que esta questão está relacionada com questões biológicas e genéticas ou, por outro lado, com questões sociais e ambientais?</li> <li>- A perceção da identidade de género ocorre na adolescência, visto que é essa a fase que ocupa um lugar central na construção da identidade, ou pode ocorrer muito antes, por volta dos dois anos, por exemplo, como defendem algumas pessoas?</li> </ul>
<b>GRIT</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como é que surgiu a ideia de criar o GRIT?</li> <li>- Há muitas pessoas trans que vêm falar convosco, pedir conselhos para lidar com a sua identidade de género?</li> <li>- Geralmente, quais são as dúvidas destas pessoas?</li> <li>- De que forma o GRIT ajuda estas pessoas?</li> </ul>
<b>DISCRIMINAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais são as maiores barreiras que as pessoas trans enfrentam? Quais são as situações mais complicadas?</li> </ul>

	<p>- Num dos seus textos, intitulado de “Fobias Internalizadas e Fetiche”, descreve uma situação de desconforto em cumprimentar ou em olhar nos olhos que algumas pessoas revelam em relação às pessoas trans. Esta atitude é, também, discriminação, ou apenas desconforto provocado pelo desconhecimento e por as pessoas não se sentirem confortáveis em lidar com o desconhecido, o que está fora daquilo que consideram que é a norma?</p> <p>- Na sua opinião, de que forma as pessoas, de um modo geral, olham para as pessoas trans? O que pensam delas que as leva a discriminá-las?</p> <p>- Quais considera serem as melhores formas de combater a discriminação contra a comunidade transgénero?</p> <p>- Considera que o governo tem implementado medidas eficazes nesse sentido?</p> <p>- Qual considera ser a melhor abordagem a ter com uma pessoa transfóbica, se quisermos fazê-la entender esta realidade de outra forma?</p>
--	--

### APÊNDICE A3 – GUIÃO DE ENTREVISTA A JAY

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	
<b>ORIGENS</b>	- Em que meio nasceste?
<b>DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA</b>	- Qual a palavra que usas para te descrever em termos de identidade de género?
<b>PROCESSO DE DESCOBERTA</b>	<p>- Em que altura da tua vida te começaste a aperceber que não te identificavas com o teu sexo biológico?</p> <p>- Como foi esse processo de descoberta? O que é que pensaste e sentiste acerca disso? Percebeste logo que eras trans ou foi um processo gradual?</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recorreste a alguma associação de apoio à comunidade LGBT para te ajudarem nesta fase?</li> </ul>
<b>PROCESSO DE AFIRMAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem foram as primeiras pessoas com quem falaste sobre o assunto? Como é que reagiram?</li> <li>- Como é que a tua família reagiu quando descobriu? Mudou alguma coisa na tua relação com eles?</li> <li>- E os teus amigos?</li> </ul>
<b>PROCESSO DE TRANSIÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando descobriste que o teu género não correspondia ao teu sexo biológico sentiste necessidade de fazer alterações na tua forma de te expressares, de te vestires, etc.?</li> <li>- Recorreste a hormonas e/ou cirurgias para alterares o teu corpo?</li> <li>- Quais foram os maiores obstáculos que enfrentaste durante o processo de transição?</li> <li>- Sentiste-te sempre compreendido pelos médicos?</li> <li>- Em algum momento pensaste que não tinhas forças para levar todo este processo até ao fim? Pensaste em desistir?</li> <li>- Tinhas algum relacionamento quando iniciaste o processo de transição? Como é que a outra pessoa lidou com a situação?</li> </ul>
<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual é a tua orientação sexual?</li> </ul>
<b>LEGISLAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que pensas acerca da lei nº. 7/2011? Que evolução trouxe para as pessoas trans?</li> <li>- O que pensas acerca do diagnóstico médico?</li> <li>- O que pensas acerca da lista de médicos habilitados a assinar os relatórios que comprovam o diagnóstico de disforia de género?</li> <li>- O que pensas acerca das recentes propostas</li> </ul>

	de lei do PAN, do BE e do governo?
<b>RECONHECIMENTO LEGAL DE GÉNERO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O teu nome e sexo atualmente correspondem à tua identidade de género?</li> <li>- Quando é que sentiste necessidade de alterar o teu nome e sexo no registo civil? (caso se aplique)</li> <li>- Quais foram os maiores obstáculos que enfrentaste para fazer a alteração de nome e género no registo civil? (caso se aplique)</li> <li>- O que mudou após a alteração de género, relativamente ao acesso ao trabalho, ao acesso a serviços públicos, etc.? (caso se aplique)</li> </ul>
<b>MUDANÇAS APÓS A TRANSIÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que é que sentiste quando iniciaste o processo de transição e começaste a sair à rua e a fazer a tua vida “como um homem”?</li> <li>- Na altura como foi a adaptação na tua escola/local de trabalho? Como é que as pessoas reagiram a esta mudança?</li> <li>- Arrependes-te de alguma coisa que tenhas feito durante o teu processo de transição?</li> <li>- De que forma o facto de seres trans afetou e afeta a tua vida?</li> </ul>
<b>DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DE GÉNERO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consideras que esta questão está relacionada com questões biológicas e genéticas ou, por outro lado, com questões sociais e ambientais?</li> </ul>
<b>DISCRIMINAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais são as maiores barreiras que as pessoas trans enfrentam? Quais são as situações mais complicadas?</li> <li>- Em que situações te sentiste/sentes mais discriminado no dia-a-dia?</li> <li>- Qual foi a situação que mais te marcou?</li> <li>- De que forma lidas com isso?</li> <li>- Na tua opinião, de que forma as pessoas de um modo geral olham para as pessoas trans? O que pensam delas que as leva a discriminá-las?</li> </ul>

	<p>- Sentes que o facto de seres trans influencia os relacionamentos amorosos que tiveste ou virás a ter ao longo da vida? Consideras que isso é um obstáculo?</p> <p>- Quais consideras serem as melhores formas de combater a discriminação contra a comunidade transgénero?</p> <p>- Consideras que o governo tem implementado medidas eficazes nesse sentido?</p> <p>- Qual consideras ser a melhor abordagem a ter com uma pessoa transfóbica, se quisermos fazê-la entender esta realidade de outra forma?</p>
--	--

#### APÊNDICE A4 – GUIÃO DE ENTREVISTA A ANDREO GUSTAVO

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	
<b>ORIGENS</b>	- Em que meio nasceste?
<b>DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA</b>	- Qual a palavra que usas para te descrever em termos de identidade de género?
<b>PROCESSO DE DESCOBERTA</b>	<p>- Em que altura da tua vida te começaste a aperceber que não te identificavas com o teu sexo biológico?</p> <p>- Como foi esse processo de descoberta? O que é que pensaste e sentiste quando começaste a perceber que não te identificavas com o teu sexo biológico?</p> <p>- Quando percebeste que eras trans e começaste a pensar mais sobre isso recorreste ao apoio de alguma associação de apoio a pessoas LGBT?</p>
<b>PROCESSO DE AFIRMAÇÃO</b>	<p>- Quem foram as primeiras pessoas com quem falaste sobre o assunto?</p> <p>- Como é que os teus pais reagiram?</p>

	<p>- E os teus amigos?</p>
<b>PROCESSO DE TRANSIÇÃO</b>	<p>- Quando descobriste que o teu género não correspondia ao teu sexo biológico sentiste logo necessidade de te vestires de uma forma mais “masculina” ou isso só aconteceu passado algum tempo?</p> <p>- Com que idade iniciaste o teu processo de transição?</p> <p>- Com que idade iniciaste a hormonoterapia?</p> <p>- Fizeste cirurgias? Fizeste ou pensas fazer a cirurgia de reatribuição sexual?</p> <p>- Com que idade alteraste o teu nome no registo civil?</p> <p>- Sentiste-te sempre compreendido pelos médicos que te acompanharam ou achas que ainda há muita falta de informação e abertura por parte da classe médica em relação às questões trans?</p> <p>- Em algum momento pensaste que não tinhas forças para levar todo este processo até ao fim?</p> <p>- Tinhas algum relacionamento quando iniciaste o processo de transição? Como é que a outra pessoa lidou com a situação?</p>
<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL</b>	<p>- Qual é a tua orientação sexual?</p>
<b>LEGISLAÇÃO</b>	<p>- Quais foram as maiores vantagens que a lei nº. 7/2011 trouxe em termos de evolução para as pessoas trans?</p> <p>- O que pensas acerca da obrigatoriedade de um diagnóstico médico para alteração do sexo?</p> <p>- E da lista de médicos habilitados a assinar os relatórios que confirmam o diagnóstico?</p>
<b>MUDANÇAS APÓS A TRANSIÇÃO</b>	<p>- Arrependes-te de alguma coisa que tenhas feito durante o teu processo de transição?</p>

	<p>- De que forma o facto de seres trans afetou e afeta a tua vida?</p>
<p><b>DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DE GÉNERO</b></p>	<p>- Consideras que esta questão está relacionada com questões biológicas e genéticas ou, por outro lado, com questões sociais e ambientais?</p>
<p><b>DISCRIMINAÇÃO</b></p>	<p>- Sofreste de <i>bullying</i> na escola pelo facto de seres trans?</p> <p>- Sentiste discriminação no teu local de trabalho?</p> <p>- Quais foram os maiores obstáculos que tiveste de enfrentar na tua vida enquanto pessoa trans?</p> <p>- Em que situações te sentiste/sentes mais discriminado no dia-a-dia? Ou não sentes muito a discriminação?</p> <p>- Qual foi a situação que mais te marcou?</p> <p>- Achas que a mentalidade está a mudar nesse sentido?</p> <p>- De que formas achas que ser trans pode influenciar os teus relacionamentos futuros?</p> <p>- Quais consideras serem as melhores formas de combater a discriminação contra a comunidade transgénero?</p> <p>- Consideras que o governo tem implementado medidas eficazes nesse sentido?</p> <p>- Qual consideras ser a melhor abordagem a ter com uma pessoa transfóbica, se quisermos fazê-la entender esta realidade de outra forma?</p>

## APÊNDICE B – ENTREVISTAS

### APÊNDICE B1 – ENTREVISTA À DRA. MARGARIDA FARIA

#### **COMO É QUE SURTIU A IDEIA DE CRIAR ESTA ASSOCIAÇÃO?**

Surgiu quando percebi que tinha uma filha lésbica, depois quando percebi que havia poucos amigos dela cujos pais sabiam, portanto havia uma enorme necessidade de haver uma organização de pais. Eu própria também tinha muita vontade de conhecer outros pais. E depois perceber que a luta pelos direitos das pessoas LGBT também me dizia respeito como mãe. Pronto, foi assim toda uma sequência de situações.

#### **CHEGAM ATÉ VÓS MUITAS MÃES E PAIS DE CRIANÇAS E JOVENS HOMOSSEXUAIS E TRANSEXUAIS?**

Depende um bocado, mas em média penso que nós temos um pedido de apoio por mês.

#### **QUAIS É QUE SÃO AS DÚVIDAS E DIFICULDADES MAIS FREQUENTES?**

Normalmente é tentar ter alguém que os oiça, porque são pessoas... muitas vezes são mais mães que pais e muitas vezes nem podem dizer ao marido e portanto não têm ninguém com quem falar e querem que se lhes retire o peso da culpa e da vergonha que sentem, porque infelizmente ainda há muito esse tipo de perspectiva. E depois querem ser apoiados, querem... se são pais de pessoas homossexuais querem sobretudo conhecer outros pais. Se são pais de pessoas trans normalmente também querem saber quais são os apoios médicos e muitos dos pais de pessoas trans precisam sobretudo de saber que apoios médicos é que existem no país.

#### **HÁ MUITOS PAIS QUE NÃO ACEITAM BEM ESSA QUESTÃO?**

Às vezes não é uma questão de aceitar, mas uma questão de interiorizar. É um processo... às vezes dizem que aceitam mas que lhes custa muito e ficam chorosos, e ficam deprimidos. A questão da aceitação às vezes existe mas não conseguem lidar com a informação, umas vezes estão em negação, acham que é uma fase, que vai passar, querem quase que a gente lhes diga que sim, vai passar.

#### **ACHA QUE HÁ FALTA DE INFORMAÇÃO?**

Acho, acho. Acho que há muita falta de informação.

#### **DE QUE FORMA DEVERIA SER DADA ESSA INFORMAÇÃO AOS PAIS?**

Eu acho que devia haver informação logo dos pediatras e das pessoas que acompanham as crianças desde pequenas. Quando se fala em sexualidade normalmente não se fala em orientação

sexual não-normativa, aquela que não é majoritária. Eu acho que os próprios pediatras podiam naturalizar a questão da homossexualidade como uma possibilidade. Embora haja cada vez mais telenovelas e divulgação na televisão, etc., e as próprias leis que foram aprovadas no parlamento trouxeram muita discussão pública. Quando é um filho é sempre um choque, e depois há pouca informação da própria classe médica. Os pais vão com os filhos tantas vezes ao médico desde crianças, podia haver naturalização disso como uma possibilidade. Dizer «olhe, ele vai entrar na adolescência, pode ser que comece a interessar-se por pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto». Falar disso como uma possibilidade. E em relação à própria escola também se devia falar mais sobre isso.

**E EM RELAÇÃO À TRANSEXUALIDADE? CONSIDERA QUE DEVERIA SER LOGO FALADO POR PARTE DOS MÉDICOS QUE EXISTE ESSA POSSIBILIDADE?**

É exatamente a mesma coisa. Mas eu acho que é mais raro e perturba mais os pais. Eu acho que a orientação sexual deveria ser falada normalmente. A transexualidade, começa-se logo porque... qualquer expressão de género não-normativa ou diferente daquilo que é esperado... a nossa sociedade é muito estereotipada em termos de género. Logo que um bebé nasce tem de estar todo vestido de azul se for rapaz, tem de estar todo vestido de rosa se for rapariga e uma das coisas que nós achamos que é fundamental é começar-se a divulgar uma imagem mais neutra de género, uma imagem não-binária logo desde a primeira infância, envolver as indústrias do brinquedo, envolver as escolas, não haver o cantinho das bonecas para as raparigas... Porque obviamente não é falar em transexualidade, mas um dos choques das pessoas trans quando têm de perceber o seu género e a sua identidade é, no fundo, confrontarem-se com uma sociedade que é tão binária e que não admite sequer nuances entre o feminino e o masculino. As sociedades do norte da Europa têm muito mais flexibilidade, o género é muito mais criativo.

**NA SUA OPINIÃO, NAS ESCOLAS NÃO DEVERIA HAVER SEPARAÇÃO DE CASAS DE BANHO?**

Eu acho que não. E os bibes, por exemplo, é uma das coisas que faz sofrer as crianças. Porque **as pessoas trans são trans desde os 5 anos** e se falar com pessoas trans sobre a sua infância, uma das coisas que os magoou muito foi a questão dos bibes. Foi terem um bibe que não correspondia à sua identidade. Por isso se se criarem ambientes de género neutro as crianças trans sofrem muito menos.

**E QUANTO AOS PRONOMES? EM ALGUNS PAÍSES JÁ EXISTEM PRONOMES NEUTROS. CONSIDERA QUE ESSA MEDIDA PODERIA SER EFICAZ?**

Têm de ser os próprios a reivindicar. Em Portugal ainda não há muito essa reivindicação. Mas eu acho que as mudanças têm de ser feitas. Não importadas, mas pelos próprios a virem à frente falar da sua especificidade. Eu conheço várias pessoas que são não-binárias em Portugal e sofrem por serem não-binárias, porque a sociedade está toda construída para o binarismo, mas eles não sei... não existe um movimento reivindicativo forte e eu acho que tem de ser mesmo uma reivindicação dos próprios. Agora para as crianças intersexo eu acho que não se deve pôr um género neutro. Porque crescer num ambiente de género neutro é muito complicado. Eu acho que é mais para... o género neutro deve ser mais para as pessoas que já perceberam que estão numa indefinição de género, e terem a possibilidade de se registarem com um género neutro pode ajudar. Mas há também todo um aspeto cultural em torno disso que ainda não está muito construído na nossa sociedade.

**CONCORDA COM A PROPOSTA DO BE, DO PAN E DO GOVERNO DE TERMINAR COM AS CIRURGIAS EM CRIANÇAS INTERSEXO?**

Claro que sim.

**E COM A ALTERAÇÃO DE IDADE MÍNIMA PARA MUDANÇA DE SEXO, DOS 18 PARA OS 16 ANOS?**

Nós até defendemos não haver limite de idade para a mudança dos registos civis. Mas não vamos conseguir convencer ninguém. Nós fizemos uma conferência para falar sobre isso, sobre as crianças trans mas... nós conseguimos, e foi muito importante, é que convidámos o Secretário de Estado da Educação para estar na conferência, para moderar um painel, e ele percebeu que era urgente haver diretivas para as escolas sobre pessoas trans, que não vão poder mudar socialmente os documentos, mas vão poder mudar o nome na escola, que é fundamental, é o lugar onde elas passam a vida. A lei do governo prevê que o Ministério da Educação faça um documento num prazo x para a alteração, para a transição social das crianças trans em ambiente escolar.

**NA SUA OPINIÃO, A IDENTIDADE DE GÉNERO MANIFESTA-SE LOGO DESDE A INFÂNCIA?**

Sim. Claro que às vezes é só na idade adulta porque a pessoa nem percebe que isso é uma possibilidade. Eu conheço pessoas trans que só aos 20 anos é que perceberam que aquele seu desconforto e aquela sua situação tinha um nome e tinha um enquadramento e correspondia a uma população que existe no mundo e que existe em todas as culturas. E então obviamente isso é uma questão que... essa descoberta dá muita confiança às pessoas.

## **NA SUA OPINIÃO AS QUESTÕES DA TRANSEXUALIDADE TÊM QUE VER COM QUESTÕES BIOLÓGICAS OU COM A CULTURA EM QUE A PESSOA ESTÁ INSERIDA E A EDUCAÇÃO COM QUE CRESCE?**

O que está provado é que até à 8ª/9ª semanas... a genitália é ambígua primeiro e depois desenvolve-se as gónadas e as características sexuais. Desenvolvem-se com uma configuração masculina ou feminina. Começa por ser híbrido. O cérebro recebe uma mensagem e isto... o cérebro é uma das zonas menos estudadas e menos conhecidas, mas recebe uma informação, de tal forma recebe porque as pessoas dizem «eu sou uma mulher com um corpo que não corresponde àquilo que... Normalmente as mulheres têm um corpo que não coincide com o meu sentimento íntimo de ser uma mulher». O sexo é atribuído à nascença pela genitália, mas a identidade de género é algo que só o próprio sente, e isso é intangível. Há aqui uma componente muito pessoal e muito íntima, há uma rejeição do corpo porque aquilo que a sociedade espera muitas vezes é que a identidade corresponda a um determinado corpo, mas há uma luta enorme de pais, sobretudo em Espanha, e noutros países, sobretudo nos países da América Latina e em Espanha, de reconhecimento que uma criança pode ser uma menina com pénis. Porque a grande questão é: porquê mutilar um pénis? Se essa pessoa se sente do género feminino, porque é que não há de ser reconhecida como tal mesmo tendo um pénis? No fundo é perceber que isto faz parte da diversidade humana. São situações menos frequentes. Também é pouco frequente em Portugal as pessoas terem olhos de cor verde, ou também as pessoas que são ruivas são menos frequentes no mundo, portanto isto faz parte da diversidade humana. Meninas que têm vulva, e que normalmente veem nos livros, mas há meninas que têm pénis. E há meninos que têm pénis e meninos que têm vulva. Os manuais escolares de algumas regiões de Espanha já admitem estas quatro características humanas. E é fundamental, não só para as crianças serem integradas no meio escolar, mas para os próprios se integrarem a si próprios, para não se sentirem tão diferentes, por perceberem que até o próprio sistema educacional as reconhece. A ideia que há é que se assim for estas crianças não vão querer operar-se provavelmente, vão conviver bem. Em Espanha já há 500 famílias com crianças pequenas trans, que têm encontros, que se conhecem, que convivem, e isso é muito importante para as pessoas não se sentirem tão fora da norma.

## **E ACHA QUE PORTUGAL ESTÁ MUITO LONGE AINDA DE CHEGAR A ESSE PONTO?**

Está um bocado, está. Nós tentámos que viessem alguns pais connosco ao parlamento, nós falámos das crianças, vieram as mães de Espanha, as líderes de Espanha, mas de facto nós sem esses pais não conseguíamos. **O que nós estamos a tentar é que os pais dos miúdos de 14 anos cheguem à frente a dizer que os filhos já deviam ser reconhecidos legalmente porque já são do género que eles próprios se atribuíram em casa, no meio escolar, e porque não nos documentos**

de identidade? Porquê esperar pelos 16 anos? Se a criança já sabe quem é aos 7 anos para quê esperar até aos 16 anos? É toda a infância que é hipotecada.

### **VOCÊS TÊM TAMBÉM MUITOS JOVENS QUE VÓS PROCURAM?**

Nem por isso. Nós temos sobretudo jovens homossexuais que nos procuram, porque não sabem como falar aos pais. Alguns procuram-nos porque contaram aos pais e os pais entraram em completa depressão, e depois querem saber como lidar com os pais, e depois querem trazer os pais, mas agora tem havido menos.

### **QUAL É A DIFERENÇA ENTRE SER-SE TRANSGÉNERO E TRANSEXUAL?**

Só os próprios é que sabem. Nós falamos em pessoas trans. Há definições que estão em glossários mas eu penso que isso é do foro individual. E há pessoas que dizem «eu sou transexual», há outras que dizem «eu sou transgénero». Nós só temos é de respeitar a própria autodeterminação. Agora, por exemplo, há uma diferença entre Portugal e Espanha. Em Portugal uma pessoa se falar com a ILGA ou com a Rede Ex-Aequo e disser «eu sou transexual» é uma pessoa que transita socialmente de género, ou seja...

### **QUE FAZ CIRURGIAS?**

Não. Uma pessoa transexual é dizer «eu sou um homem». Está a falar comigo e eu estou-lhe a dizer «eu sou um homem». «Tem peito, tem cabelos compridos...», «está bem, mas eu sou um homem e quero ser tratada assim, quero ser tratada como Manel». Se eu lhe dissesse isto tinha de me respeitar. Não me operei mas eu sinto-me um homem e quero ser tratado como tal. Portanto, eu sou uma pessoa transexual. A partir de agora os pronomes são no masculino e deve-me tratar como eu me sinto e como eu quero ser tratado. Posso ter sete anos de idade, posso ter 70 ou 80 anos, mas eu estou a afirmar-me socialmente como uma pessoa do género oposto àquele que me foi atribuído à nascença. Ou eu sou não-binária, que também é uma pessoa que sai da definição atribuída à nascença. Uma pessoa transgénero, de acordo com aquilo que eu disse... nós achamos que cada pessoa sabe de si, mas uma pessoa transgénero é uma pessoa que desafia o género de uma forma mais de expressão de género. Ou seja, há pessoas que não mudando o nome/género têm uma expressão que não corresponde. E são, por exemplo, homens que gostam de se vestir de mulheres... são transgénero porque estão a transgredir na expressão de género. Às vezes podem ser assim de noite e não ser de dia, podem ser sempre durante um tempo e depois voltar a coincidir a sua expressão com o género atribuído à nascença, podem ser mulheres que gostam de se apresentar de forma ambígua, fica na dúvida se são... se perguntar se é uma mulher diz que sim. Portanto quando coincide o género com o sexo atribuído à nascença mas há uma transgressão do ponto de vista da expressão, da imagem, são as pessoas transgénero. Por exemplo, a Rede Ex-Aequo... eu não concordo muito com isso, mas

a Rede Ex-Aequo quando explica isto em escolas diz, por exemplo, que se nós pensarmos, as nossas avós andavam de saias e tiveram de lutar para usar calças. Nós se calhar com calças vestidas somos transgénero, porque estamos a desafiar o estereótipo. Eu acho que já não estamos a desafiar estereótipo nenhum usando calças mas um rapaz que saia de saias... Lisboa já está muito cosmopolita mas ainda não é tão cosmopolita assim. Mas, por exemplo, em Berlim os rapazes provavelmente podem achar engraçado um dia saírem de saias, para desafiarem um bocado o *status quo*. No dia em que saírem de saias são transgénero, estão a desafiar o estereótipo. **Transexualidade está associada realmente a uma transição social definitiva de alguma maneira.**

### **O QUE PENSA ACERCA DA LEI Nº. 7/2011? QUE EVOLUÇÃO TROUXE PARA AS PESSOAS TRANS?**

**Trouxe uma evolução importantíssima, que foi a possibilidade de as pessoas poderem mudar os seus registos sem terem de pôr um processo contra o Estado, sem terem de ir a tribunal, e facilitou imenso a vida a muita gente, porque muito rapidamente muitas pessoas trans alteraram os seus registos de identificação. O que nós não concordamos é que a identificação da pessoa passe por um diagnóstico médico.**

### **NÃO CONCORDA COM O DIAGNÓSTICO?**

Não, não concordo. Eu acho que para fazer uma cirurgia, para fazer um tratamento hormonal, coisas que são irreversíveis, provavelmente, embora seja pela autodeterminação do corpo, mas pelo menos excluir situações de perturbação mental. E as pessoas que estão ligadas às pessoas trans ao nível da saúde sabem muito bem identificar as situações. **Agora para a identificação em termos dos documentos civis eu acho que é um abuso ser um médico a definir o que a pessoa é.** Até porque há uma dimensão intangível e nenhum... o que se passa é que os médicos, e agora cada vez menos porque os médicos estão a subverter, eles próprios, os melhores médicos, as indicações que têm... Mas quando este processo começou, dos diagnósticos, era um questionário em que perguntavam, para saber se a pessoa era, de facto... se sentia... com uma identidade de género feminina, perguntavam se a pessoa gostava de limpar a casa. Eu disse isto à Secretária de Estado da Igualdade, ela não queria acreditar. E eu disse-lhe «pergunte às pessoas trans». Se gosta de limpar a casa, se gosta da cor rosa... claro que eles diziam todos que sim, aqueles que queriam transitar do masculino para o feminino. Para já é óbvio o que é que se espera. É completamente inacreditável que haja um questionário, no fundo, com esta visão completamente discriminatória, que completamente desclassifica o género feminino. A mim se me perguntarem isso, para me definir como mulher... e depois pensar que, no fundo, **nós não sabemos o que é uma pessoa ter de afirmar a sua identidade. Isto é de uma violência absolutamente inacreditável. E depois dizem «não, o teu cabelo está pintado de vermelho, por**

isso não é uma pessoa trans, é uma pessoa com uma perturbação mental», e tomam decisões que têm implicações fundamentais na vida das pessoas. Portanto, isto aconteceu com várias pessoas.

#### **E O QUE PENSA DA LISTA DE MÉDICOS CERTIFICADOS PARA ASSINAR OS RELATÓRIOS?**

Ah, isso é uma arbitrariedade, isso não estava na lei. Aliás, os dois diagnósticos que os médicos portugueses inventaram, na lei só está um diagnóstico. Quando pedem dois diagnósticos... isto não existe.

#### **MAS SE NA LEI SÓ ESTÁ UM COMO É QUE PODEM EXIGIR DOIS?**

Porque criaram esta arbitrariedade. Porque para fazer as cirurgias, a Ordem dos Médicos, que também é outra arbitrariedade...

#### **SIM, PORQUE DEPOIS A ORDEM DOS MÉDICOS TEM DE APROVAR TAMBÉM.**

Sim, e isso não existe em nenhum país do mundo, só em Portugal. E então a Ordem dos Médicos pediu duas avaliações e tudo se complicou, porque de repente para mudança dos registos também são duas avaliações. E não é o que está na lei. **A lei não fala de duas avaliações, fala de uma avaliação médica. E até fala de médicos no estrangeiro.** A nossa lei, na altura, em 2011, foi bastante revolucionária, comparada com as outras leis que saíram na altura, só a da Argentina que saiu nesse ano também é que foi bastante mais avançada que a nossa. Mas, por exemplo, não obriga à esterilização, que é uma coisa bastante revolucionária. De qualquer maneira, depois criaram-se aí também umas preversidades. Para já a nossa classe médica é bastante má. As pessoas especializadas em pessoas trans são, infelizmente, pessoas com poucos conhecimentos até destas problemáticas do respeito pela dignidade, pela autodeterminação, **são muito técnicos na maneira de atuar.** E, portanto, não foi só as pessoas acharem, como nós achamos, que é uma violação de um direito fundamental ter um diagnóstico, que é violação de um direito fundamental. **Não precisamos de um diagnóstico para sabermos quem somos. Pôr nas mãos da classe médica a nossa própria avaliação é uma coisa efetivamente inacreditável.** Mas, para agravar, **a classe médica que faz os tais diagnósticos é má, é mal formada, portanto estas pessoas contam histórias absolutamente inacreditáveis daquilo que passaram para conseguir a porcaria do papel para poderem... histórias inacreditáveis.** Aliás há um médico no Hospital de Santa Maria que é dos piores, esse então é de facto inenarrável as coisas que ele faz. Pior ainda, é com aquelas pessoas que as pessoas têm de conversar para obterem o diagnóstico.

**EXISTE UMA PROPOSTA NO PARLAMENTO PARA TERMINAR COM OS DIAGNÓSTICOS. ACREDITA QUE IRÁ SER APROVADA?**

Sim, penso que sim. Há três propostas neste momento. Depende um bocado do Partido Comunista, mas vai ser uma peça fundamental. Eu penso que eles não vão conseguir aprovar a proposta mais radical. Para mim a melhor ainda é a do PAN mas também a do Bloco de Esquerda. E o governo fez uma proposta que é bastante moderada e eu acho que o Partido Comunista vai provavelmente aprovar, porque tem uma cláusula, um articulado sobre saúde, garantindo que a classe médica terá um papel nas cirurgias e tal. E eu acho que é por aí que vão ter o apoio do Partido Comunista, que é bastante conservador nestas questões. **Mas sim, acho que com discussão, na especialidade acaba por ser aprovado, porque há muitas indicações do Conselho da Europa para uma versão bastante mais avançada do que esta lei,** para que seja garantida a autodeterminação aos menores de idade e isto não vai acontecer, apenas a nível escolar.

**PENSA QUE NÃO VAI SER APROVADA A IDADE MÍNIMA DOS 16 ANOS?**

Sim, mas menores de idade eu estava a pensar em crianças. Sim, vai baixar para os 16 anos, isso sim. Mas pronto, são dois anos em relação à proposta anterior. Mas vai ser importante, é mais um avanço importante.

**QUAIS SÃO OS MAIORES OBSTÁCULOS QUE AS PESSOAS TRANS TÊM DE ENFRENTAR NO DIA-A-DIA, EM RELAÇÃO À DISCRIMINAÇÃO?**

É uma sociedade que os julga permanentemente, de uma forma preconceituosa e que pode levar ao suicídio. Aliás, é a população com maior índice de suicídio. Depois é a própria exigência deles com eles próprios em relação ao corpo, o que tem a ver com fazerem o seu *coming out* aos 20 e tal, 30 anos, e de repente querem mostrar-se de acordo com o corpo o mais estereotipado possível, e a população trans tem muito isso, e querem fazer sucessivas operações e isso é muito autodestrutivo da personalidade, porque são coisas muito violentas do ponto de vista físico. E depois nunca estão... como as pessoas que fazem plásticas, começam a fazer e depois há uma insaciedade, porque são pessoas que sofrem muitíssimo interiormente. São pessoas cujo nível de sofrimento nós, por mais que tentemos, não conseguimos lá chegar.

**MAS ACREDITA QUE HÁ PESSOAS QUE APENAS EFETUAM AS CIRURGIAS POR CAUSA DA SOCIEDADE?**

Em penso que em parte sim. E pelos pais. A família aí tem um papel muito importante. Em Portugal, por acaso, na nossa associação, há pais que dizem «filho ou filha, tu não tens de te

operar». Aliás, porque os pais têm medo do que se passa com o corpo dos seus filhos. Portanto esta narrativa de «não te operes que para mim és um rapaz, continuas a ser um rapaz...».

### **MAS SE CALHAR FAZEM-NO PORQUE SABEM QUE SE NÃO O FIZEREM SERÃO MAIS DISCRIMINADOS...**

Há duas situações aqui: há uma que é perfeitamente genuína e é uma rejeição verdadeira do seu corpo. Por mais ativismo, por mais que se desconstrua a questão do género, há ali uma parte do corpo que rejeitam completamente. E essas pessoas têm de corrigir isso, porque é um peso enorme e é uma urgência. Na transição de F para M são os seios, porque é visível, porque os rejeitam mesmo. Normalmente fazem mastectomias. Mesmo em Espanha... agora o que acontece é assim: os jovens muito acompanhados pela família desde a primeira infância acabam por tomar hormonas muito cedo, porque os pais se mexem nesse sentido, bloqueadores da puberdade, e então não desenvolvem seios.

### **EM PORTUGAL NÃO É PERMITIDO A TOMA DE HORMONAS ANTES DOS 18 ANOS, CERTO?**

Em Portugal isso não está legislado. As cirurgias não se podem fazer e ainda bem. As hormonas, há indicações da Organização Mundial de Saúde... nós ainda estamos a utilizar categorias da Organização Mundial de Saúde ultrapassadas, não estamos a atualizar as indicações da Organização Mundial de Saúde. Acho que já vai na proposta 10 e nós andamos a utilizar a 7 ou a 6, uma coisa inacreditável. Inacreditável. Mas quando existe uma indicação muito, muito clara, eu conheço endocrinologistas no SNS e fora que estão a prescrever hormonas, bloqueadores de puberdade. Disforia de género é uma perturbação mental, não é por acaso que foi retirado das doenças físicas para as doenças mentais, de depressão profunda ligada à questão da desadequação entre o sexo atribuído à nascença e a identidade de género. É um estado depressivo. Portanto não há um diagnóstico... aliás o que diz os *Standards of Care*, os médicos que lidam com as questões trans, são 1400 que se reúnem todos os anos, é que disforia de género não serve de diagnóstico para definir a pessoa. É um estado, como se pode falar em depressão, angústia. Portanto, pode ser transitório. Disforia de género pode, da forma como os *Standards of Care* da última versão, que é de 2012, se não estou em erro, é que não define a pessoa. Agora, o que leva a que se possa fazer bloqueadores de puberdade é a identificação clara de que a pessoa é de facto do género que se auto-atribui. E há médicos que sabem, que acompanham a criança, que sabem perfeitamente que isto é, no fundo, uma transição definitiva. Sendo que os bloqueadores de puberdade não são irreversíveis, são reversíveis. Claro que reverter não é fácil, porque entretanto a pessoa leva ali uma dose de hormonas, mas são reversíveis. E eu no outro dia falando com médicos do único serviço de saúde especializado em pessoas trans, em Coimbra, endocrinologistas que dão bloqueadores de puberdade a crianças de 15 anos. Claro que isso se calhar não é muito legal, mas também não é completamente ilegal.

## **O ESTADO ESTÁ A IMPLEMENTAR MEDIDAS EFICAZES NO SENTIDO DE TERMINAR COM A DISCRIMINAÇÃO SOCIAL?**

Eu acho que podia fazer mais, sobretudo ao nível escolar, ao nível da formação dos médicos que desconhecem... são os próprios que explicam ao médico de família o que é uma pessoa trans. A própria formação, o próprio curso de medicina é muito incompleto em relação a estas questões, e portanto eu acho que se podia fazer bastante mais.

### **E NAS ESCOLAS?**

Nas escolas também. Mas às vezes a gente fala muito das escolas e esquece-se dos profissionais de saúde. Não sabem nada. Eu fui uma vez falar ao Hospital de Santa Maria e disse... eu represento pais de pessoas homossexuais e trans, as pessoas trans, os pais têm muito medo daquilo que se faz ao corpo dos seus filhos. E nessa altura ainda se operava no Hospital de Santa Maria, portanto eu estava na casa certa, por isso é que eu falei daquilo. «Tenho muito medo do que é que vocês podem fazer ao corpo dos seus filhos», e houve um jovem que disse «corpo?». Não sabia nada. Um jovem a formar-se em medicina, e no hospital onde se faziam as cirurgias. Pediatria: eu tenho uma sobrinha agora pediatra, que se formou com as notas máximas e está agora nos cuidados intensivos no Hospital de Santa Maria, portanto é uma miúda que fez um curso brilhante, e ela diz que teve uma aula sobre identidade de género. Portanto, se temos uma criança de cinco anos com um problema de não identificação do seu género, com uma perturbação da identidade de género, qual é o pediatra? Que nós, AMPLOS, não sabemos. Não temos um pediatra. Não existe. Ou se existir digam-me quem é, porque eu não conheço. Portanto, estas crianças acabam por ir a médicos especializados em pessoas adultas, mas não há pediatras. Não temos conhecimento, e é uma pena.

### **E SOBRE AS CIRURGIAS DE REATRIBUIÇÃO SEXUAL? NESTE MOMENTO NÃO HÁ NENHUM MÉDICO NO SISTEMA DE SAÚDE PÚBLICO?**

Há, há. Eles dizem que sim, lá na URGUS em Coimbra.

### **MAS PELO QUE SEI, NÃO HÁ...**

Penso que sim, que há. Mas não funciona porque há listas de espera e porque não há grande interesse dos próprios médicos do SNS em fazer as cirurgias. Mas parece que sim, dizem que sim. Estivemos no outro dia com os médicos do SNS muito zangados porque nós andamos a dizer coisas... o que nós sabemos é que pessoas com muito poucos meios económicos vão para o privado.

## **HÁ PESSOAS A PEDIR EMPRÉSTIMOS PARA FAZER AS CIRURGIAS.**

Pedir empréstimos e vender o que têm e o que não têm porque não confiam. E foi o que eu lhes disse «você fazem muito bem, então se querem ajudar as pessoas trans e não ajudar-se a si próprios divulguem as vossas boas práticas e convençam-nos porque nós só queremos é que as pessoas trans sejam ajudadas, nós não queremos saber onde, estamos completamente disponíveis para dizer: é ali, e vão ali, e fazer disso a nossa batalha, mas convençam-nos». «Ah, não temos de convencer». «Então vocês não querem ajudar as pessoas trans, porque se vocês não estão interessados em convencer ninguém é porque não querem ajudar as pessoas trans. Porque não é por vocês, é pelas próprias pessoas. Se vocês acham que essa é que é a solução, então batam-se por ela, e digam: isto é que é a solução». E estas pessoas não estão a ter a resposta que precisam urgentemente. Mas o ministro achou que dando uma descompustura à nossa frente, resolvia o problema. Deu uma grande descompustura à nossa frente e achou que nós saíamos dali muito satisfeitos. Não saímos. Até saímos bem mais... Não é por dar uma descompustura às pessoas que as coisas vão começar a funcionar.

## **APÊNDICE B2 – ENTREVISTA A DANI BENTO**

### **A DANIELA ASSUME-SE COMO UMA PESSOA NÃO-BINÁRIA. O QUE É QUE ISSO SIGNIFICA?**

O que é que significa para mim ser não-binária? Eu costumo dizer, lá está, **costumo falar do facto de ser uma mulher trans, porque é isso que o sistema me permite ser, o sistema só me reconhece como mulher, e enquanto pessoa não-binária, porque nós costumamos definir o que é que é a masculinidade e a feminilidade espectralmente, no sentido em que as pessoas estão dentro de dois opostos em que ninguém perfeitamente está num pólo ou perfeitamente está no outro. Para mim ser não-binário é um cruzamento de experiências, ou seja, nós temos um pólo masculino e um pólo feminino e eu não estou no espetro, eu estou no espaço. E é isso que define a minha identidade, porque eu sou um cruzamento de experiências e características de personalidade e características físicas e expressividades e corporalidades que está no espacial, não consigo pôr dentro de uma caixinha espectral, está simplesmente no espaço.**

### **ALTEROU O SEU NOME PARA DANIELA MAS, NA VERDADE, NÃO SE IDENTIFICA COMO MULHER?**

Sim, é um problema da nossa lei...O problema da nossa lei é que **o nosso sistema legal é altamente binário e em consequência de ser altamente binário normalmente nós não podemos ter nomes neutros.** Existia uma exceção antes da lei de 2011 que era para casos de pessoas que estavam em processos de pré-transição e podia haver determinados nomes neutros, Gil era um

deles, mas depois da alteração da lei isso deixou de existir e o que acontece é que quando vais mudar o teu nome, o teu nome tem de corresponder ao género que tu tens no bilhete de identidade. Por exemplo, eu ainda cheguei a pensar... as pessoas tratam-me normalmente por Dani, que é um nome neutro, não é legal em Portugal. Daniele, com “e” no fim, também não é legal em Portugal porque é ambíguo. E por exemplo eu tive uma luta mais ou menos interessante porque por exemplo fiquei... o meu nome de nascença é Daniel, eu gosto muito do nome Daniel, e é por isso que falo nele, a maior parte das pessoas não gosta de falar do nome de nascença mas como eu gosto do nome... e fiquei Daniela. Mas por exemplo, eles não queriam deixar-me ficar com Daniela Filipe. Eu quis manter o Filipe porque... é demasiado ambíguo, já queriam que eu fizesse uma consulta legal para averiguar se o nome seria realmente neutro ou feminino, mas depois acabaram por deixar. Mas de facto **o sistema não me reconhece e então nesse sentido eu tenho o nome de Daniela** porque de facto em termos de transição, a minha corporalidade depende disso, mas em termos identitários identifico-me como Dani ou como uma pessoa não-binária.

#### **ERA DANI QUE GOSTAVA QUE FOSSE O SEU NOME?**

Sim, eu neste momento costumo dizer na brincadeira que um dia que seja possível mudar de nome para nomes neutros eu vou ser trans ao quadrado porque eu vou novamente mudar o nome, vou fazer novamente esse *push*.

#### **E ISSO É POSSÍVEL?**

Eu digo isto na brincadeira mas acho que não é possível. Acho que isso depois é preciso uma providência pelo tribunal. Mas lá está, eu posso nessa altura hipoteticamente alegar que o sistema não me reconhecia e pronto.

#### **EM QUE ALTURA DA SUA VIDA É QUE COMEÇOU A APERCEBER-SE QUE NÃO SE IDENTIFICAVA COM O SEXO MASCULINO?**

Uma das coisas interessantes da minha identidade neste momento é eu identificar-me com a minha masculinidade mas não me identificar como homem. Também tem a ver com o meu não-binarismo, eu não abandono a minha masculinidade, não abandono a minha feminilidade, mas não me identifico com o *persona* homem social que nós conhecemos. O meu processo passou por várias fases. Primeiro isto tem a ver um bocadinho também com fatores sociais porque eu vim de uma terra altamente conservadora, religiosa, pequenina, num meio pequeno. Como eu costumo dizer na brincadeira, o meu pai... na brincadeira mas era real, o meu pai com quatro anos estava a pôr-me vinho à frente para eu me tornar um homem a sério.

## **COMO É QUE A SUA FAMÍLIA REAGIU QUANDO DESCOBRIU?**

O meu pai soube pela televisão. Eu não tenho uma relação com o meu pai há algum tempo. A minha mãe é que sabe e neste momento já lida com as coisas mais ou menos. Por exemplo, o que me aconteceu foi que quando eu era jovem, tinha para aí quatro ou cinco anos, lembro-me de brincar muitas vezes a fingir que tinha maminhas, punha laranjas a fazer de maminhas, vestia roupa da minha irmã e eu tive na altura uma consciência que era... isto é muito interessante porque as pessoas têm consciência do seu próprio corpo, que é o contrário daquilo que nós costumamos falar quando as pessoas têm disforia corporal – o que acontece normalmente é que a pessoa vê-se ao espelho e vê uma imagem que é errada. Uma pessoa, por exemplo, com anorexia vê-se mais gorda quando está magra. Uma pessoa com esta fisionomia o que acontece é que a pessoa reconhece na realidade o seu corpo mas não se identifica com essa perceção. Mas o que acontece é que na altura a minha irmã... eu tenho uma irmã mais velha e ela começou a menstruar e começou-lhe as mamas a crescer e eu pensei tipo «ya, aquilo também devia ser comigo». Mas eu tinha muito a verdadeira noção que o meu corpo não ia ser assim. Mas aquilo ficou assim um bocado recôndido e um bocadinho recalcado.

## **NÃO FALAVA COM NINGUÉM NAQUELA ALTURA SOBRE ISSO?**

Não, não. Era uma coisa muito às escondidas.

## **SE CALHAR TAMBÉM AINDA NÃO TINHA A NOÇÃO DO QUE ERA... SE CALHAR PENSAVA QUE ERA SÓ UMA BRINCADEIRA.**

Não. Depois o que acontece é que eu pensava que aquilo era tudo muito teórico, era muito da minha cabeça. Depois aquilo ficou um bocadinho...com as questões problemáticas pessoais e em casa e tudo o mais, um clima altamente opressor, as coisas foram ficando um bocado mascaradas. Quando eu vim para Lisboa basicamente mudei literalmente de mundo. Isto aqui é uma bolhinha, nesse sentido é positivo. E comecei a explorar-me identitariamente, comecei a explorar-me enquanto expressões de género alternativas, enquanto expressões de género femininas, a ser reconhecida enquanto ela em muitos sítios, a performar enquanto ela. E depois houve uma altura em que eu cheguei à conclusão que «não, não é a maneira como eu me performo na sociedade, não, não é a maneira como me expresso, porque eu posso-me expressar de qualquer maneira independentemente do meu género, mas há qualquer coisa identitária em mim que me diz que eu deveria seguir um caminho». Por exemplo, na altura ainda não tinha conhecimento sequer de que havia as questões não-binárias e que era possível seguir essa identificação. Os únicos sítios em que eu ouvia a palavra trans infelizmente era tipo na pornografia, que é um mundo um bocado triste, que tem um impacto muito grande a nível da prostituição, e é muito esta noção esteriotipada que nós temos das pessoas trans. E eu lembro-

me, quando vim para Lisboa comecei a trabalhar em comunidades de *crossdressing*. Na altura não sabia o que era trans, no entanto eu estava a coordenar comunidades de *crossdressing*, que também são pessoas trans, e na altura eu não tinha sequer essa noção, e é interessante. E ao longo do tempo acabei por me ir redescobrir identitariamente.

### **ISSO ACONTECEU COM QUE IDADE?**

Eu vim para Lisboa com 18. Isto foi um processo mais ou menos longo até porque eu sou uma pessoa neuro-não-normativa, porque tenho um problema de saúde, uma depressão crónica, e isso fez com que muitas coisas ficassem misturadas e mais complicadas depois de lidar e de perceber. Porque depois cruza-se tudo, que é as dificuldades em gerir uma coisa e ao mesmo tempo levava as minhas questões para a terapia, porque depois o meu médico não tinha experiência suficiente. E depois ao longo dos anos redescobri-me enquanto mulher trans, porque dentro daquilo em que eu acreditava era o caminho que eu queria seguir, porque em termos de corporalidade eu acredito muito na identidade corporal, não é só... nós temos uma identidade de género mas muitas vezes a nossa identidade de género não tem de ser coerente com a nossa identidade corporal. O nosso corpo também nos diz muita informação sobre nós. E a *minha identidade corporal era sempre muito próxima àquilo que é a identidade feminina, aquilo que é socialmente lido como feminino*. E então nesse sentido o meu caminho seria «ok, vou entrar para a sexologia, vou mudar o meu nome, vou ser uma ela dentro do sistema». E então na altura comecei a descobrir também as questões não-binárias e comecei a identificar-me com isso, porque de facto eu olho para mim e *entre tudo aquilo que eu faço retiro completamente o género, porque eu acho que as coisas não têm género*, e depois esta questão, por exemplo... do ponto de vista até corporal eu tenho muito orgulho agora porque estou a fazer tratamento hormonal e as minhas mamas estão a crescer, e *eu olho para mim e já não sou capaz de dizer «as minhas mamas estão a crescer, pareço mais mulher»*. Não, as minhas mamas estão a crescer porque eu gosto delas assim. Ou seja, passou a ser uma característica do facto de eu gostar delas e não pelo facto de ser mulher ou homem.

### **PARA SI NÃO É UMA CARACTERÍSTICA FEMININA OU MASCULINA?**

*É simplesmente uma coisa de que eu gosto e que faz-me sentir bem e nesse sentido não tem uma referência a ser mulher, tem uma referência simplesmente àquilo que sou eu.*

### **QUANDO COMEÇOU A IDENTIFICAR-SE DE UMA FORMA MAIS FEMININA SENTIU LOGO VONTADE DE SE VESTIR E EXPRESSAR DE UMA FORMA TAMBÉM MAIS FEMININA?**

*É assim, eu fiz *coming outs* em vários sítios e depois eu vestia-me... A minha tentativa de me expressar de maneiras diferentes era conforme os ambientes onde eu estava também. Havia*

ambientes onde eu conseguia carregar muito mais a minha feminilidade, havia ambientes onde eu não consegui fazer tanto isso. Por exemplo, hoje em dia é engraçado que eu agora que oficializei a minha transição, por assim dizer, eu tenho o nome mudado... por exemplo antigamente como era uma coisa que eu fazia mais às escondidas, ou mais raramente, porque tinha de me controlar, havia quase uma necessidade intensa de naqueles poucos tempos que posso então demonstro o que posso. E agora essa pressão reduziu-se. Agora sou muito mais fluída, nuns dias pareço literalmente um rapazinho, noutros dias pareço literalmente uma rapariga. Mas depois eu sou muito defensora das identidades *femme*, que nós temos socialmente um problema com identidades femininas e eu também faço um *push* muito por aí. E então pronto há alturas que... Vou variando. Vou completamente variando. Mas tipicamente gosto das identidades femininas, não só por me sentir bem mas também porque para mim são importantes enquanto luta social. Porque as identidades femininas são subjulgadas, são muito criticadas e são... nós constantemente fazemos um *slut shaming* e por aí a fora e eu acho que é muito importante também dar um bocadinho de ênfase àquilo que também é uma identidade *femme* ou àquilo que se pode dizer que é uma identidade *femme*. E nós vemos, por exemplo, aquelas coisas tão típicas de os homens podem tirar a camisola e as mulheres não e eu costumo brincar com isto que é: ao fim e ao cabo eu mudei o meu nome e agora não posso tirar a *t-shirt*, legalmente não o podem fazer. Ou, por exemplo, se uma mulher usa uma saia mais curta já é uma prostituta, já é uma oferecida, e eu costumo dizer que eu até posso andar nua na rua mas a minha identidade e o meu espaço é sempre o meu espaço.

#### **A DANI É UMA PESSOA POLIAMOROSA?**

Sim, eu passei pela minha fase poliamorosa, mas agora neste momento já me defino mais com a *anarquia-relacional*, que tem este símbolo [mostra a tatuagem que tem no pulso direito]. A *anarquia-relacional* o que vem dizer é uma generalização ainda maior do que o poliamor. Basicamente, *no poliamor tu tens estruturas e as pessoas sabem identificar claramente quem é que são namorados, quem é que são parceiros, quem é que são amigos, etc.* Na *anarquia-relacional* a base, a premissa essencial da *anarquia-relacional* é dizer: não há rótulos para as relações. Não há amigos, nem amigos coloridos, nem namorados, nem pessoas dentro de caixinhas. Há relações e as dinâmicas das relações fluem simplesmente.

#### **AS PESSOAS NÃO TÊM A NECESSIDADE DE DAR NOME ÀS COISAS?**

Não, é mesmo não se rotula, e aquilo que nós criamos nas relações é, por exemplo, eu posso estar com uma pessoa e numa altura nós temos uma relação mais sexual e mais romântica e noutra altura estar menos, mas não é isso que determina a importância da relação.

## **PODEM TER VÁRIAS RELAÇÕES EM SIMULTÂNEO? E AS PESSOAS SABEM DISSO? HÁ UMA LIBERDADE NESSE SENTIDO?**

Sim, a questão aqui fixe é que tu não metes pessoas em categorias. Não tens, por exemplo... as pessoas muitas vezes fazem isso: tu tens os amigos, depois tens amigos coloridos que são os amigos com quem tens sexo, depois tens os namorados porque tens uma relação romântica. Aqui não, tu podes ter uma relação romântica com os amigos, podes ter sexo com namorados, podes não ter sexo com namorados... porque as pessoas não têm de ter rótulos. Isto é aniquilar completamente a ideia de rótulos e principalmente a ideia de hierarquias entre relações. Por exemplo, para mim um namorado não é sempre mais importante que um amigo. Os amigos são igualmente importantes que os namorados porque todos fazem parte da nossa vida.

## **E É FÁCIL ENCONTRAR PESSOAS QUE TENHAM ESSE TIPO DE PENSAMENTO?**

Eu, felizmente, as pessoas com quem tenho estado neste momento são pessoas que também defendem a anarquia-relacional e nesse sentido a dinâmica funciona muito bem, porque nós acabamos muitas vezes por estar a falar de parceiros uns dos outros e de quem é que estamos intimamente e depois aparece alguém e temos esta autonomia de entrar pessoas novas na nossa família, e a família neste momento está a crescer bastante. É giro porque tem uma vantagem muito grande que é: quando eu estou com alguém e alguém está comigo nós sabemos que estamos por vontade, porque não há uma imposição pelo facto de nós termos uma relação. É simplesmente porque queremos estar, porque ao mesmo tempo também sabemos que quando a pessoa não quer estar ela não vai estar. Se nós sabemos que se ela não quisesse estar ela não ia estar nós sabemos que ela quando está é mesmo porque quer. Isso torna as coisas assim um bocadinho verdadeiras. É bom.

## **QUAL É A SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?**

**Eu defino-me como pan.** Para mim nunca me fez sentido ser hetero, ou *whatever*, o que isso for, porque tendo em conta que eu sou uma pessoa trans o que é que isso é? Porque a maior parte das pessoas que são hetero depois passam a lésbicas e depois se são lésbicas passam a hetero, mas eu nunca me identifiquei como uma pessoa hetero, ou seja, para mim a dúvida foi sempre: **eu gosto de todas as pessoas e não percebo porque é que as pessoas só gostam de um género.** E primariamente identifiquei-me como pessoa bi, porque era o termo que eu conhecia. Depois **identificar-me como pessoa pan vem muito também por conhecer o que é os não-binarismos e a Teoria Queer e perceber que de facto para mim vêm as pessoas primeiro, a genitália não é uma questão preferencial.**

## **AS PESSOAS BI GOSTAM DE HOMENS E MULHERES E AS PESSOAS PAN GOSTAM DE TODOS OS GÊNEROS?**

Sim, apesar de o termo bi já estar a ser redefinido. O termo bi agora foi redefinido para: eu gosto do meu género e dos outros géneros. É esta pluralidade assim.

## **PORQUE O TERMO BI REFERE-SE A DOIS, CERTO? HOMEM E MULHER?**

Sim, o termo clássico seria isso. Mas entretanto o termo também tem sido redefinido exatamente para ser inclusivo. A mim o termo pan faz-me sentir exatamente... **eu como pessoa não-binária, como pessoa que não identifica géneros, também não faz sentido identificar géneros nas pessoas por quem me sinto atraída sexualmente.** Eu costumo é brincar, e isto é uma forma de brincadeira, não levar isto a sério, que é: eu sou pansexual mas polirromântica. Na realidade eu sou panromântica também, mas às vezes eu digo que sou polirromântica porque rapazes cis hetero são muito problemáticos. Porque, como tipicamente fetichizam muito mulheres trans, eu tenho muita dificuldade em conseguir criar afinidade com eles. Ou seja, eu já me apaixonei por rapazes cis hetero mas neste momento a mensagem que transmito neste momento é... porque eu tenho muita gente, muitos rapazes cis hetero que vêm ter comigo e dizem «ah eu sou hetero mas sou muito curioso», e depois eu tenho de lhes explicar «mas sabes, se tu estiveres comigo continuas a ser hetero na mesma, porque eu sou lida como uma mulher». Mas **nós somos lidas muito como curiosidade e isso é um problema porque depois é muito difícil distinguir o que é uma relação puramente relacional e amorosa e sexual ou quando estamos a ser fetichizados e como objeto de curiosidade.** E então há alguma dificuldade para as pessoas lidas como mulheres ou como não-binárias em não se sentirem assim e isso também é um preconceito da minha parte mas também é um bocado por experiência do que me tem acontecido. E por isso é que eu digo que é uma brincadeira eu dizer que sou polirromântica e não panromântica, mas a verdade é que eu também gosto de rapazes cis e eu até costumo dizer isto porque eu e uma das minhas companheiras temos este sonho de um dia conhecer um rapaz cis fixe e trocarmos contactos e que seja tudo porreiro, mas é engraçado. Mas, por exemplo, eu tinha um amigo meu que era uma paixão minha e agora tenho esse amor platónico, porque eu acredito em amores platónicos, que também são relações, são relações válidas, por muito que a gente queira dizer que não, mas são relações válidas.

## **NO NOSSO PENSAMENTO...**

No nosso pensamento e porque as relações não têm de ter constituinte físico, o sentimento estando lá... e é quando a gente também define o que é que é infidelidade. É quando tens sexo, ou é quando tens atração, ou é quando olhas para alguém, ou quando pensas? Isto levanta muitas questões. Mas pronto... sou pan.

**QUEM FORAM AS PRIMEIRAS PESSOAS COM QUEM FALOU SOBRE O ASSUNTO QUANDO COMEÇOU A APERCEBER-SE DE QUE ERA TRANS?**

As primeiras pessoas foram amigos que na altura viviam comigo e na altura o meu psiquiatra.

**NA FASE DA ADOLESCÊNCIA?**

Não, só comecei a falar disto aos 19/20 anos.

**ENTÃO DURANTE MUITO TEMPO JÁ SABIA MAS NÃO FALAVA COM NINGUÉM?**

Eram as minhas brincadeiras de silêncio. É engraçado porque eu agora falo com pessoas que falavam comigo há dez anos quando eu não falava explicitamente sobre o assunto e as pessoas dizem «ah pois, tu na altura já tinhas assim um pensamento diferente, porque tu de facto mostravas que querias mostrar-te de várias maneiras». Ainda por cima fazia *cosplay* e nós fazemos muito esta bricadeira do *cosplay* e etc. Mas a verdade é que explicitamente só comecei a falar com um grupo de amigos, depois quando comecei a frequentar comunidades de *crossdressing* comecei a abranger mais pessoas, comecei a conhecer pessoas dentro do meio, e depois aos poucos fui tentando...

**E NESSE MEIO SENTIU-SE COMPREENDIDA? OS SEUS AMIGOS TAMBÉM COMPREENDERAM?**

Mais ou menos. Cheguei a falar com a minha mãe também na altura, mas a minha mãe pensou que era uma fase e dizia-me sempre «ah, mas tu vais arranjar uma mulher e ter filhos» e eu «mãe, tipo...» (risos). Pode acontecer muitas coisas. Mas na altura o que aconteceu foi que alguns amigos sabiam mas era do tipo «nós sabemos, mas desde que não seja ao pé de mim».

**NÃO QUERIAM FALAR DO ASSUNTO?**

Sim, o assunto ficou muito tabu. As pessoas até sabiam mas o que acontecia era que eu tinha de guardar as coisas para mim na mesma, e se eu me queria expressar de uma determinada maneira tinha de estar com determinadas pessoas porque eram aquelas pessoas que também se expressavam daquela maneira e também tinham de se refugiar da sociedade para o fazer. E depois o que aconteceu foi: quando eu oficializei o meu *coming out* em todo o lado, porque o último *coming out* que eu fiz foi no trabalho, que é sempre aquele lugar mais crítico porque a pessoa não quer perder o emprego, mas depois como eu costumo dizer na brincadeira tenho uma autorização do médico e agora já posso trazer saia para o trabalho, já me deixam.

**DEIXAM MAS ACEITAM E COMPREENDEM?**

Eu entretanto já mudei de empresa duas vezes. Nesse sítio o que aconteceu foi que na altura pessoas que diziam que estavam mais abertas ao assunto acabaram por causar grande pressão,

começaram a condicionar completamente o meu percurso, vinham-me dizer a mim o que é que era ser trans e eu tipo «desculpa, mas quem tem uma vida enquanto pessoa trans sou eu, não são vocês». Esta questão da sobreposição de vozes.

### **PORQUE SER TRANS PODE SER MUITAS COISAS...**

Pode ser muitas coisas mas as pessoas queriam-me ensinar, e depois vinham-me ensinar a comportar como uma boa mulher e essas coisas, coisas tão simples até porque eu andava com o telemóvel no bolso, as pessoas vinham-me criticar por causa disso, porque as mulheres não andam com o telemóvel no bolso. Mas eu compro calças para poder andar com coisas nos bolsos. E então vinham-me chatear com tudo e mais alguma coisa e aquilo começou a tornar-se muito difícil, até que começaram a chamar-me à atenção pela forma do meu corpo e porque... houve uma vez inclusivé, eu fiz uma palestra de astronomia, vieram-me chamar à atenção porque eu tinha um alto nas calças que parecia o alto do pénis mas eu estava com sutiã e parecia mal e era uma vergonha. E naquela altura comecei a deprimir um bocado e acabei por sair. E depois o que aconteceu também foi que eu tive de mudar drasticamente de grupo de amigos porque muitos amigos com quem eu me dava, quando eu abri a minha forma de ser, o que aconteceu foi que muitos grupos de amigos sentiam-se embaraçados em sair comigo, ou tinham muita dificuldade em tratar-me pelo pronome correto, ou estavam sempre a dizer que isto não existia. Acabei por mudar muito o meu esquema relacional e optar por pessoas que compreendem ou pelo menos têm mais facilidade em compreender. Muitas vezes as pessoas não têm empatia em si pela questão trans mas, por exemplo, por se sentirem de alguma maneira oprimidas em grupos minoritários as pessoas entendem ou têm mais facilidade em entender. Ou deveriam, às vezes isto é confuso. E quando nós estamos no ativismo começamos a perceber que isto é muito confuso.

### **QUANDO DESCOBRIU QUE O SEU GÉNERO NÃO CORRESPONDIA AO SEU SEXO BIOLÓGICO SENTIU LOGO NECESSIDADE DE RECORRER À HORMONOTERAPIA E ÀS CIRURGIAS?**

Tive fases, porque por exemplo quando eu comecei a fazer a minha exploração identitária fez-me muito sentido pensar em mudar o corpo, mas não o quis fazer logo. Depois entretanto quando entrei para a sexologia pensei em fazê-lo e na altura tinha mais alguma ansiedade porque queria mudar o meu nome e queria tratamentos, mas depois quando mudei o meu nome essa ansiedade baixou muito. Oficialmente os meus documentos já dizem que eu sou uma rapariga.

### **ISSO ERA O MAIS IMPORTANTE?**

Os níveis de ansiedade baixaram muito e agora já quero fazer as coisas com calma e no meu caso em particular, porque depois as pessoas têm experiências e têm vivências muito diferentes. No meu caso felizmente tenho o privilégio de ser uma pessoa mais ou menos andrógena e mesmo sem alterações físicas nenhuma eu sou tratada enquanto ela e isso dá-me alguma vantagem, porque eu tinha esse reconhecimento. Falando em questões não-binárias porque aí as pessoas não reconhecem de todo, por isso nem vale a pena passar por aí.

### **ATÉ PORQUE EM PORTUGAL NEM SEQUER EXISTE PRONOME NEUTRO...**

Há pessoas que a falar comigo já estão a fazer um esforço para neutralizar o discurso, é um esforço que eu aprecio, apesar de ser difícil. Nesse sentido, **comecei a fazer hormonoterapia o ano passado, comecei a fazer bloqueadores de testosterona durante um ano praticamente, fez agora um ano, e comecei o estrogénio há dois ou três meses.**

### **É UM PROCESSO RECENTE...**

Sim. Já estou a notar algumas diferenças, mas por exemplo no meu caso em específico prefiro fazer as coisas devagar. E depois como pessoa que é muito adepta do positivismo cultural, eu gosto muito de poder sentir o meu corpo a mudar e ir reconhecendo as mudanças do meu corpo e ir vivenciando também essas mudanças. Por exemplo, a mim não me choca chegar a determinada altura e «ok, parou agora aqui, vou continuar mais tarde». Essas coisas não me chocam. Eu quero é ter a liberdade de o poder fazer porque é a minha vida e é o meu corpo, é uma decisão minha.

### **MAS HÁ PESSOAS QUE SOFREM IMENSO COM ISSO...**

Há pessoas que querem fazer as coisas muito rápido, há pessoas que querem fazer mais devagar. O problema é que temos uma dificuldade técnica que é do ponto de vista do sistema de saúde existe muita pressão para que tu faças as coisas num caminho específico, para te tornares a verdadeira mulher ou o verdadeiro homem. E muitas vezes quando tu dizes «não, eu quero fazer as coisas à minha velocidade», as coisas não são muito bem vistas. Se eu chegasse agora e dissesse ao meu médico que não quero fazer uma cirurgia agora, quero fazer daqui a dois ou três anos, que é quando eu acho que devo fazer, ia achar que estava com dúvidas e então acabou tudo ali. E isso exerce uma grande pressão. Porque depois temos estes regimes, que é esta questão de as pessoas serem passáveis socialmente enquanto mulheres ou enquanto homens. Também gera uma grande pressão porque, por exemplo, no caso de uma mulher trans que tem traços muito masculinizados vai ter mais dificuldades sociais para passar enquanto mulher e isso muitas vezes é gerador de muita pressão. **Eu sou acompanhada e acho muita piada porque o meu**

médico nunca me perguntou como é que eu me sinto. Avalia a minha identidade, tenta-me consecutivamente perguntar o que é que eu faço enquanto mulher ou o que é que eu faço enquanto homem para perceber se eu sou uma mulher ou se sou um homem. Inclusivamente já me sugeriu fazer um curso de estética feminina.

#### **ESTÁ A SER ACOMPANHADA NO SISTEMA NACIONAL DE SAÚDE?**

Sim. Eu não acredito em relações de poder, e eu acho que as consultas quando temos relações de poder o que fazem é que quando o médico tem o poder de dizer que sim ou não fazem com que a relação terapêutica não funcione. Acho que é lógico.

#### **NA SUA OPINIÃO ISSO PODE CONDICIONAR AS RESPOSTAS E OS COMPORTAMENTOS DOS PACIENTES NAS CONSULTAS?**

Vai condicionar. Nós temos muitas histórias de pessoas que acabam por teatralizar um bocadinho nas suas consultas exatamente porque sabem onde é que querem chegar. Quando não há relações de poder o que acontece é que a pessoa vai opcionalmente ao médico e vai esclarecer as suas dúvidas porque é uma opção, ela não tem obrigatoriamente de estar ali. E nesse sentido eu acho que seria mais benéfico dizer que esta terapia é opcional, que as pessoas pudessem aceder se tivessem necessidade e que as ajudasse a ter capacidades para lidar com uma série de adversidades sociais, e não como um controlo sobre a minha identidade. Porque basicamente o que acontece é que eu vou ao médico para ele me normalizar em relação às outras pessoas e não um médico que me ajude a ser eu da maneira que eu quero ser, que é diferente. Nós sabemos quem somos. E o médico estaria ali para ajudar-nos a criar ferramentas para as condições sociais, para nos salvaguardar, e não para nos condicionar.

#### **ISSO SERIA UMA ALTERNATIVA AO DIAGNÓSTICO, QUE É O QUE TEMOS ATUALMENTE?**

Sim porque o diagnóstico... existe uma proposta de lei do governo, do Bloco de Esquerda e do PAN. O que dizem é: a autodeterminação para pessoas trans, ou seja, para pessoas. Que o que a lei diz é que qualquer pessoa sabe quem é e então pode ir ao Notariado e mudar o seu nome. Não há uma especificidade, ou seja, não há pessoas trans a poder mudar o nome. Há pessoas. E nesse sentido o que nós estamos a dizer é: deixamos de criar um *guetto*, porque deixa de haver diagnóstico, porque se tu não limitas a lei a pessoas trans não há ninguém que diga que tu és trans ou não. Simplesmente tu sabes quem és e vais ao registo civil e mudas. E isto é uma grande vantagem porque diminui esta caracterização de pessoas e tu sabes quem és. E por isso o diagnóstico... nós sabemos claramente que os diagnósticos que são feitos hoje em dia, tendo em conta os sentimentos que as pessoas têm, uma relação de poder clínico para com a pessoa, o que acontece é que os diagnósticos **são completamente enviesados e não têm poder. Têm poder legal**

porque neste momento é aquilo que nos limita mas na realidade não avaliam nada. Para além de que os *Standards of Care* internacionais já dizem claramente que o diagnóstico não faz sentido nenhum. Mas o facto é que acontece. Por exemplo, eu tive de fazer um teste de personalidade, tive de fazer um teste de QI, tive de fazer um teste de coordenação motora, tive de fazer um teste de memória, e eu a pensar «ok, mas uma pessoa pode ter um QI baixo e ser trans, uma pessoa pode ter problemas de coordenação motora e ser trans, uma pessoa pode ter problemas de memória e ser trans, uma pessoa pode ter problemas de doença mental e ser trans também». Parece que nós somos imunes a tudo. Nós temos de ser pessoas perfeitas, excepto por sermos trans.

### **NA SUA OPINIÃO UMA PESSOA COM UMA DOENÇA MENTAL PODE ACHAR QUE É TRANS E NA VERDADE NÃO O SER?**

Sim, mas os *Standards of Care* internacionais são muito claros nisso. As pessoas que têm doenças mentais também podem ser trans. Por exemplo, uma pessoa com uma psicose, vai-se negar um tratamento a essa pessoa? Se calhar aquele mal-estar e aquela psicose até podem ser derivados à pessoa não ser reconhecida pelo que ela é, ou seja, isto é um estratagema de... os *Standards of Care* e os diagnósticos não excluem doenças mentais, ou seja, uma coisa não limita a outra. O que se pode muitas vezes tentar é fazer as coisas numa altura em que a pessoa esteja estável, isso até se percebe. Não é numa altura em que a pessoa está descompensada que se faz. Procura-se a estabilidade para fazer, mas não se nega a possibilidade de fazer.

### **O QUE PENSA ACERCA DA LISTA DE MÉDICOS AUTORIZADOS A ASSINAR OS RELATÓRIOS?**

Essa lista foi construída com base em amigos de amigos de amigos. Tu por acaso és um médico, tens um amigo, por acaso vai para a lista porque... por exemplo, o que tem acontecido é que há pessoas da lista que foram questionadas sobre o facto de estarem na lista e as pessoas «eu estou na lista? Não sabia». E isto tem um grande problema que é: limita-te. Primeiro, a lei atual permite acesso a todos os portugueses, a todos os cidadãos portugueses residentes em Portugal ou no estrangeiro, que tenham idade superior a 18 anos. Ora o que é que acontece? As pessoas que vivem no estrangeiro não têm possibilidade porque os médicos estão todos em Portugal. E muitas vezes quando são seguidos fora do país depois as consultas que têm lá não têm equivalência cá, por isso têm de fazer novamente o diagnóstico cá.

### **PORQUE ESTA LISTA NÃO ESTÁ NA LEI...**

Não, não está na lei. Isto foi uma artimanha ali manhosa. Há quem associe isto ao facto de ter havido uma mudança de governo na altura. Foi quando houve uma mudança para um governo de Direita. Porque não é legal sequer. Porque todo o processo clínico... nós temos duas

avaliações clínicas, a primeira e a segunda avaliação, mais a Ordem dos Médicos, e isto também não é uma coisa que esteja nos *Standards of Care*. Tu fazes uma primeira avaliação, depois fazes uma avaliação independente e depois a Ordem dos Médicos tem de avaliar estas duas avaliações. O que acontece é que tipicamente a Ordem dos Médicos não vai dizer que não porque os médicos que se constituem... a definição é a mesma que já te avaliou uma vez e seria de estranhar como é que os médicos se contradizem uns aos outros. Mas este é o único procedimento clínico em Portugal que exige um parecer da Ordem dos Médicos. Os *Standards of Care* dizem que há certas cirurgias que tu precisas de uma avaliação e nós estamos a fazer três avaliações. E nem sequer é uma coisa que está na lei, é um procedimento médico. E isto é muito problemático. Já para não falar depois da dificuldade enorme que existe no acesso aos cuidados de saúde em Portugal, que estão praticamente todos virados para o privado porque o sistema de saúde não está a dar resposta. Eu por exemplo estou no Santa Maria neste momento há quatro anos.

#### **A FASE DO DIAGNÓSTICO DEMORA DOIS ANOS, NÃO É?**

Depende. Isto é mais outro problema porque todos os médicos têm práticas diferentes. A lei é muito clara, sendo uma lei que já está ultrapassada, mas a lei é clara. Para mudares de nome a lei exige um diagnóstico de perturbação de identidade de género. Acontece que perturbação de identidade de género já não existe, ou seja, a lei está a referenciar um diagnóstico que já não existe. E então passa-se é um diagnóstico de disforia de género. O que é que acontece? Por exemplo, a lei não fala em tratamentos, a lei não obriga a tratamentos nenhuns, a lei só obriga a um diagnóstico. Mas no entanto existem práticas clínicas, por exemplo, em alguns hospitais fazem com que a pessoa tenha de tomar primeiro hormonas para depois eles autorizarem a mudar o nome, existe outros lados em que a pessoa muda o nome logo, isto não é coerente sequer. No meu caso, ao fim de dois anos eu quis mudar o meu nome, eu pedi e tive a autorização para mudar o nome ao mesmo tempo que tive autorização para fazer hormonas. Claro que depois tive de esperar mais tempo porque estive a tratar de outras coisas, porque quis fazer crio-preservação e isso custou-me mais oito meses. Mas o facto é que as práticas são todas diferentes. Não há hospitais a fazer práticas iguais e isto é uma complicação muito grande. A lei não exige tratamentos nenhuns, para mudar o nome a lei não exige tratamentos nenhuns.

#### **ENTÃO NÃO É NECESSÁRIO INICIAR A HORMONOTERAPIA PARA ALTERAR O NOME?**

Não. Alguns médicos fazem com que as pessoas... porque acham que elas têm de ser mais femininas ou mais masculinas para alterar o seu nome. Por isso é que a lei está completamente deturpada pela classe médica. Por isso é que nós muitas vezes dizemos que estes diagnósticos não têm grande valor, porque isto está manipulado. Não se justifica um diagnóstico... por exemplo, eu na altura quando fiz os testes de personalidade eu pedi uma consulta extra à

psicóloga para perceber o que é que os testes de personalidade estavam a pedir, o relatório, e depois eu estava-lhe a dizer «tem noção que eu venho aqui e sei o que quero, exatamente eu vou condicionar os testes todos». E ela «pois, isto não faz muito sentido mas temos de fazer». E isto é crítico porque mostra que estes diagnósticos... aqui a questão essencial é que tu não podes diagnosticar uma identidade. Não podes diagnosticar o que é que uma pessoa é. Tu podes diagnosticar, no máximo, se ela se sente bem ou se se sente mal, se ela está a sofrer ou se não está a sofrer, ou se há coisas que estão a fazê-la sofrer ou não. A pessoa e aquilo que ela é não podes diagnosticar. Disforia de género tipicamente deveria-se referir a um estado daquele momento. A pessoa neste momento está a sentir um sofrimento associado a isto. Não deveria ser lido como um traço de personalidade. É isto que os médicos fazem, lêem aquilo como personalidade. Tu és assim e é isto, não se te sentes bem ou se te sentes mal, se estás com dificuldades ou não. Agora a autodeterminação... Tanto a proposta do Bloco de Esquerda, como a do PAN, como a do governo têm a autodeterminação em cima da mesa. A questão é que entre os 16 e os 18 é preciso autorização dos pais, tal e qual como em outros procedimentos clínicos. Se uma pessoa pode ser presa aos 16 anos, se uma pessoa se pode emancipar aos 16 anos, porque é que não pode mudar o nome aos 16 anos?

#### **EM QUE IDADE É QUE AS PESSOAS COMEÇAM A PERCEBER A SUA IDENTIDADE DE GÉNERO?**

Depende. Há crianças com três ou quatro anos que já sabem exatamente quem são. E isto depois tem muito a ver com as várias condicionantes das pessoas e os meios onde elas se conseguem expressar ou não, porque nós depois temos aquela mania de educar as crianças de uma forma específica e controlar como elas crescem. Mas, por exemplo, a proposta do governo propõe uma coisa interessante, que é ter um nome social nas escolas para menores. Que mesmo assim tem uma lacuna, que é: tu tens um nome social na escola para os professores te chamarem pelo nome correto, com o qual te identificas, mas por exemplo, tu vais ao Centro de Saúde e continuas a levar com o nome antigo, vais à segurança e continuas a levar com o nome antigo. Ou seja, é um passo mas é um passo que deveria ser um bocadinho mais... era importante que fosse um bocadinho mais trabalhado. Mas, no entanto, o problema aqui com os menores é tentar garantir o real interesse da criança. Pessoalmente, a lei devia ser extensível a menores. Mas o problema é a maneira como se faz isso. Esse é que é o problema que é importante perceber como é que se havia de fazer porque, por exemplo, nós dos 16 aos 18 temos um processo administrativo com autorização dos pais. Mas por exemplo se a criança é menor, quando tiver a idade de consentimento, como é que garantimos o real interesse da criança? São os pais que autorizam? É o tribunal que autoriza? E depois se há conflito entre a criança e os pais? Este é que é o problema.

### **SE OS PAIS NÃO ACEITAREM A CRIANÇA NÃO PODE FAZER NADA?**

A criança pode. Por exemplo, o que acontece na proposta do BE, penso, é que... o que se faz é que os processos vão ao tribunal e o tribunal depois decide. O problema aqui não é... há um consenso geral que sim, as crianças deviam ter o direito a expressar-se com o nome que sentem, o problema é saber como legalmente fazer isto. A questão difícil de perceber é qual é a autonomia da criança, o consentimento da criança, e a não manipulação da ideia da criança por parte dos pais ou de outras pessoas. Essa é a parte difícil aqui. Agora, sabemos todos que sim, que as crianças deveriam poder identificar-se com o seu nome, sim, agora o problema é como é que fazemos isso legalmente.

### **ACHA QUE AS PROPOSTAS APRESENTADAS IRÃO SER APROVADAS?**

Nós agora estamos à espera, possivelmente antes do verão dificilmente vai ser discutido, mas depois as três propostas serão discutidas em parlamento e depois deve-se tentar dos três projetos ver o que se consegue do melhor dali. E se tudo correr bem, deveremos pelo menos sentir que... *Pelo menos a autodeterminação está quase garantida, porque foram os vários partidos a defender o mesmo. Mas seria importante porque para muita gente seria um passo enorme.* Porque há muitas pessoas com a mudança do nome, e *isto faz com que a gente separe completamente a esfera legal da esfera clínica.* As pessoas sabem quem são, legalmente, e o Estado só tem de as reconhecer por aquilo que elas são, porque do ponto de vista legal é isto. Tu não estás a pedir mais nada. Estás a pedir simplesmente que o Estado te reconheça. Mais nada.

### **O DR. DÉCIO FERREIRA É COMPLETAMENTE CONTRA A AUTODETERMINAÇÃO DE GÉNERO...**

Sim, ele tem aparecido em várias notícias e tudo o mais contra e os argumentos são um bocado falaciosos, que ele tem, que às vezes são usados.

### **QUE TIPO DE ARGUMENTOS?**

Eu participei até uma vez num programa de televisão, o *Queridas Manhãs*, e aquilo foi um bocado mau, porque por exemplo ele diz que... um dos argumentos é que se não há doença então não há tratamento. O que é falacioso porque nós temos diagnósticos para coisas que não são doenças, o que é normal, porque por exemplo a pessoa grávida tem um diagnóstico para poder aceder ao hospital mas não está doente. Tem é um estado que faz com que ela possa aceder ao hospital. Isto são condições de saúde. Ou seja, a pessoa não está doente, tem é um diagnóstico para poder aceder ao sistema de saúde. Depois também já ouvi argumentos do tipo «e se 10 milhões de pessoas quisessem agora mudar o nome?». Se no extremo 10 milhões de portugueses quisessem mudar de nome o mais que podia acontecer era o Estado ter montes de trabalho, ponto. Havia uma imersão de papéis e o Estado tinha montes de trabalho. Depois

aparece também o argumento típico de «ah e se a pessoa não estiver em condições, estiver embriagada, e for mudar o nome?». Os próprios serviços já têm esse poder em relação a muitas coisas. Por exemplo, se tu tentares ir ao Registo Civil ou ao Notariado fazer qualquer coisa e perceberem que tu estás embriagada, de certeza que não te vão fazer nada. Porque isso já está estipulado pela lei. E tendo em conta que tu demoras cerca de duas semanas a obter a resposta de aprovação... a não ser que tenhas uma bebedeira de duas semanas que não percebas que mudaste o nome e que vais ter de reverter o assunto. Ou seja, os argumentos são fracos. Não há um verdadeiro argumento que diga «isto é mau». Porque o que nós estamos a falar é de dar autonomia às pessoas para serem quem são, e isso é que é o importante. O problemático disto não é só os maus argumentos, é dividir a comunidade, é meter medo à comunidade. **Porque o que nós estamos a dizer é, de forma indireta, «se vocês não tiverem um diagnóstico vocês não vão ser tratados. Se vocês não forem doentes vocês não vão ser tratados». Isto gera uma clivagem na comunidade.**

#### **E HÁ MUITAS PESSOAS TRANS QUE SÃO A FAVOR DO DIAGNÓSTICO PRECISAMENTE POR CAUSA DISSO.**

Por causa disto. Porque depois vem a conversa do verdadeiro transexual, que é aquele que quer fazer operações. Tanto que toda a comunidade transexual tem um consentimento unânime. Há muitas formas de ser trans. Imensas formas de ser trans. Trans é uma umbrela gigante. Há pessoas que querem mudar o nome, há pessoas que querem fazer só a hormonoterapia, há pessoas que querem fazer cirurgias, há pessoas que não querem fazer nada mas simplesmente querem expressar-se de maneiras diferentes, ou seja, não há uma maneira correta de ser trans. Não há verdadeiro trans. O que nós temos é que defendemos um sistema de saúde, e isto geralmente para tudo, um sistema de saúde que se adequa às necessidades de cada pessoa em particular. Ou seja, eu tenho umas necessidades, o sistema de saúde cobre essas necessidades, há outra pessoa que tem dificuldades diferentes... e é isso que nós temos de pensar. Até 2011 o que acontecia era que as pessoas obrigatoriamente tinham de fazer tudo e depois então pôr um processo contra o Estado para conseguirem o reconhecimento legal, ou seja, as pessoas muitas vezes nem pensavam que havia outras possibilidades. Porque simplesmente a única maneira que elas tinham de mudar o nome era fazer tudo. Agora se calhar as pessoas já começam a perceber «sim, mas eu posso mudar o meu nome, ser lida socialmente enquanto ela, ou enquanto ele...».

#### **PORQUE PARA ALTERAR O NOME NÃO É NECESSÁRIO FAZER A HORMONOTERAPIA NEM AS CIRURGIAS...**

Exatamente. Não é. Ou não deveria ser. E se a nova lei for aprovada é simplesmente ir ao notariado e mudar. Eu posso simplesmente ser uma pessoa que quer ser reconhecida enquanto ela socialmente, ser percebida enquanto ela, mas por vários fatores, por exemplo porque se

calhar tenho medo que a minha condição sexual mude um bocadinho, se calhar não quero fazer uma cirurgia. Isto é um fator válido. As pessoas têm muitas razões para não quererem fazer cirurgias.

#### **E ACHA QUE OS MÉDICOS, DE UM MODO GERAL, COMPREENDEM ISSO?**

De um modo geral não. O problema é esse. Nós temos muito poucos médicos que são progressistas neste sentido. Temos bons médicos, mas ainda há uma falta de formação enorme nesta área. O que acontece é que, por exemplo, estes melhores médicos acabam por estar no privado, temos casos de muitos maus médicos no público, e depois muitas vezes há aqui determinadas condicionantes e depois novamente esta questão de «se não és doente...». Por exemplo, o meu diagnóstico diz lá: sou transexual, não sofro de psicopatologia nem fetichismo travestista e etc. Uma pessoa olha para aquilo e pensa «o que é que isto me avaliou na realidade?». Agora **dizer às pessoas que «se vocês não tiverem este papel, vocês não são quem são», isso é drástico e problemático. E desta forma meter medo às pessoas é problemático.**

#### **OU TÊM ESSE PAPEL OU TÊM DE MANTER O SEXO BIOLÓGICO COM QUE NÃO SE IDENTIFICAM, PARA O RESTO DA VIDA...**

E é problemático meter medo às pessoas desta maneira. Que é dizer-lhes «então se vocês não são doentes então vocês não têm acesso a cuidados de saúde». Quando todas as *guidelines* internacionais já dizem claramente que estamos a falar de condições de saúde e que melhora substancialmente a vida das pessoas, às necessidades delas e que isto não é uma doença.

#### **MAS NA OMS AINDA CONTINUA COMO UMA DOENÇA...**

Sim, mas **o plano vai ser sair da categoria das doenças mentais do DSM.**

#### **ESTE ANO, PENSO EU...**

É na próxima revisão. A ideia vai ser passar a condição de saúde, mesmo. Ou seja, condição de saúde sexual. O termo não é o melhor, porque vai falar em incongruência, que também não é o melhor termo, mas no entanto o que vai dizer é que deixou de ser considerado exatamente uma doença no DSM e passa a ser uma condição de saúde. Por exemplo, uma grávida está numa condição de saúde, precisa de um cuidado hospitalar para ajudá-la no parto. É uma condição de saúde. Por isso **se as *guidelines* internacionais já estão neste caminho, se temos leis que já vão neste caminho, porque é que nós, sistematicamente, temos médicos a dizer que não, que isto é uma doença?** «Não, o Estado não deve apoiar quando não é uma doença». Inclusivé há testemunhos de pessoas que dizem que médicos dizem aos pacientes que «se a lei mudar eu não vou fazer mais nada», e isto é de terror, isto é fazer terror psicológico com as pessoas que

precisam de ajuda. É muito claro que há aqui um trabalho efetivo a fazer em relação aos cuidados de saúde.

#### **SENTIU NECESSIDADE DE ALTERAR O SEU CORPO ATRAVÉS DE CIRURGIAS?**

Há uma coisa que a mim pessoalmente me faz diferença, que é o peito. Por exemplo, eu agora estou a fazer hormonização e já se nota um bocadinho, que estão a crescer, e é aquilo que neste momento me faz mais diferença.

#### **E PENSA FAZER A MAMOPLASTIA?**

Sim, dependendo de como é que as hormonas... porque eu só comecei a fazer hormonização há pouco tempo, a nível de estrogénios. Não deu tempo suficiente de a mama ter crescido. Ainda não sei quanto é que vai ficar, até posso ficar satisfeita e não preciso da mamoplastia. Mas sim, se precisar sim. Cirurgia genital, o que eu quero fazer é... primeiro quero garantir que haja boas cirurgias porque nós temos este problema que é... o Décio também não vai operar muito mais tempo...

#### **E NÃO HÁ MAIS NENHUM?**

E em Portugal está tudo parado.

#### **MAS NO PRIVADO TAMBÉM É SÓ ELE?**

É só ele.

#### **E NO PÚBLICO NÃO HÁ NENHUM?**

No público está tudo parado. Houve-se falar no Porto, que está a começar a fazer, mas as coisas vão a um ritmo devagar. A URGUS em Coimbra está parada, não há grande informação, não se sabe grande coisa... E depois é aquele receio. Eu não me quero meter numa cirurgia com pessoas que eu não sei quem são, não sei qual é o *feedback* e não sei se vai ser uma coisa com qualidade ou não. E para mim é estas duas coisas: é eu querer fazer numa altura... mas para mim eu não quero que seja o médico a dizer «tu agora vais fazer». Eu quero «ok, eu tenho a minha autorização para fazer e quando eu gostar, quando eu sentir que quero, vou fazer». Mas depois tenho esta coisa, eu também não quero fazer com um médico ao calhas, que não tenho *feedback* e não sei o que é que vai acontecer.

#### **MAS QUER FAZER?**

Gostava um dia mais tarde. Mas não agora.

## **DURANTE ESTE PROCESSO TODO SENTIU-SE SEMPRE COMPREENDIDA PELOS MÉDICOS QUE A ACOMPANHARAM?**

Bem, depois de toda esta conversa sobre médicos... a verdade é que eu tive mais suporte por médicos que não são da especialidade, porque são médicos que já me acompanham há mais anos por outros problemas, do que pelos médicos específicos para este problema. Para este problema... isto é preciso muitas aspás aqui.

## **SENTIU QUE ELES NÃO ESTAVAM PREPARADOS PARA ESTE TIPO DE SITUAÇÕES?**

O médico por quem eu estou a ser seguida no Santa Maria esquece. Esquece. Eu passei o tempo a ser avaliada em termos identitários e não em termos de como é que me sinto. E isso foi extremamente mau. É mau principalmente quando eu chego à consulta e eu tenho medo do que é que posso dizer na consulta que me vai parar tudo. Ou tenho medo de falar com o médico porque não sei quê. Ou tenho de escolher a roupa em casa porque aquele papel está definido. E isso para mim é mau. Na endocrinologia por acaso até tenho apanhado uma médica porreira, ela tem sido bastante acessível. No Júlio de Matos também só tive duas consultas por isso foi a despachar. Mas pronto, a pessoa principal que me tem estado a seguir o processo tem sido isto. E depois como eu quero fazer as coisas pelo público estou sempre um bocado condenada aqui a fazer geringonça de um lado para o outro para perceber para onde é que posso ir.

## **ALGUMA VEZ PENSOU EM DESISTIR? QUE NÃO TINHA FORÇAS PARA LIDAR COM TANTAS DIFICULDADES?**

Ah, isso é outro assunto. Isso é todo um outro assunto. Mas pronto. Eu nesta altura também tenho uma coisa que é o facto... é um esforço extra porque para além do processo que estou a fazer também faço ativismo e depois há uma coisa que acontece que é quando tu pões os óculoinhos de perceber as problemáticas sociais tu já não os consegues tirar. E quando começas a desconstruir já não consegues ler nos trâmites antigos. Eu quando desconstruí toda esta questão do género já não consigo ler-me novamente como uma coisa binária, altamente binária. E isto depois é difícil que é... tu estares a fazer o teu processo e, por exemplo, o facto de eu ser uma pessoa não-binária e por aí fora faz com que eu esteja constantemente em choque. Porque podia ser mais simples se eu me conformasse simplesmente com um sistema binário. Tenho um papel feminino, estou aqui encaixada, toda a gente me lê como uma rapariga e estou muito contente. O problema é que eu não faço isso. O problema é que eu estou em confronto porque as pessoas lêem-me de maneiras completamente diferentes. Eu gosto muito de frisar, quando as pessoas começam a discutir questões, eu estou lá, estou presente, e isso não é assim, tenham cuidado. Ou seja, há aqui toda uma questão já de movimento social que para mim é muito importante e isso desgasta também um bocado. É o processo em si mais todo... por

exemplo, agora estou na coordenação do GRIT e nós recebemos casos de pessoas com problemáticas muito diferentes, ou seja, já não consigo ficar indiferente a isto. Já não é só o meu processo neste momento. São todas as pessoas que passam por aqui, todas as pessoas que precisam de ajuda, e nós sentimos isto como urgência para mudar, porque é preciso. Acaba por se somar o meu problema, a minha situação, com todas as problemáticas das outras pessoas. Eu já não consigo separar isso. Porque a luta que eu estou a fazer para mim é aquela que todas as outras pessoas também têm.

### **O QUE É QUE MUDOU NA FORMA COMO OS OUTROS LIDAM CONSIGO, DESDE QUE INICIOU O SEU PROCESSO ATÉ AGORA?**

Isto tem muito a ver com o meu círculo de amigos. Tive pessoas com quem tive muita dificuldade. Agora as pessoas que eu tenho conhecido hoje em dia têm sido umas queridas comigo, consegui uma família completamente nova, a vários níveis. Este centro para mim tem sido uma casa e isso tem sido muito positivo. Depois há toda a outra parte que é... Eu aqui vou conhecendo pessoas, vou construindo núcleo aqui, no meio do ativismo fui conhecendo pessoas que entendem a minha problemática e as minhas dificuldades, mas depois temos todas as outras frentes, que é por exemplo no trabalho. Começo um trabalho novo e pensar «ok, será que vou fazer out aqui? Será que vou dizer às pessoas que sou trans? Será que não? Será que tenho essa necessidade?». Mas depois se as pessoas começam... Tive há pouco tempo um colega meu a discutir comigo a dizer o que é que era ser trans ou não porque, segundo ele, ele via uma pessoa trans e conseguia perceber logo e ele não percebeu que estava a falar com uma pessoa trans. E isto às vezes é complicado porque, por exemplo, cada vez que vou a um sítio novo... agora já não tanto mas houve uma altura em que eu tinha de pensar «será que as pessoas vão-me ler corretamente? Será que não me vão ler corretamente? Será que não vou ser barrada à porta? Será que não vou ter problemas?». Porque muitos sítios não são muito *gay friendly*. Antigamente ir à casa de banho era um desafio, agora a coisa já está um bocado mais controlada. Por exemplo, ir a um ginásio para mim continua a ser um desafio, porque eu vou para um ginásio, legalmente tenho o direito de ir para o balneário das raparigas, mas eu não tenho cirurgias feitas por isso sou lida como do sexo masculino. E eu que sou uma pessoa que faz naturismo há dez anos estou no balneário e tenho de esconder o meu corpo. Porque se eu mostro o meu corpo vou ter problemas. Ou seja., há uma série de condições com que nós temos de lidar todos os dias. Porque parece que estás sempre a fazer *coming outs* sucessivos. E depois não queres dizer às pessoas... e depois até que ponto é que tu queres ou não queres dizer às pessoas, ou te queres proteger. Eu, por exemplo, pessoalmente tenho uma identidade trans e eu não quero ser confundida com uma pessoa cis, porque a minha identidade trans é muito importante. Mas o problema é que em certas alturas ser trans é um perigo.

## **POR CAUSA DA DISCRIMINAÇÃO?**

Muito por causa da discriminação. Eu já tive uma situação em que eu estava e de repente começam tipos ao meu lado a mostrar a suástica, pessoal de extrema direita a mostrar a suástica, ali para Santos. Porque começaram a conversar e estavam a perguntar qual era a onda... ninguém falou comigo. O que acontece é que estava um grupo de rapazes e começaram a olhar, uns começaram a olhar fixamente para mim porque devem ter percebido logo, e ainda por cima numa altura em que eu tinha mais dificuldade em estar passável, e depois o tipo começa a levantar os braços, a mostrar a suástica, e a perguntar «então quais é que são as vossas visões políticas e não sei quê?». E a única coisa que eu pensei foi «eu quero sair daqui imediatamente». Porque se estas pessoas olham para mim da maneira que estão a olhar é porque já me toparam e eu quero sair daqui. Nós percebemos, por exemplo, as pessoas passam aqui ao lado e de vez em quando estão sempre a olhar para ver o que é que está aqui dentro.

## **JÁ FOI VÍTIMA DE VIOLÊNCIA FÍSICA?**

Violência física, até agora... mas é assim, eu costumo dizer... eu sou ribatejana. Ainda há pouco tempo tentaram-me assaltar e não conseguiram. Porque eu pus-me a discutir com o assaltante e ele desistiu. Eu virei-me para ele e basicamente a história foi «eu não sei de onde é que tu vens mas tu também não sabes de onde é que eu venho, por isso segue a tua vida que eu sigo a minha e a gente acaba aqui». Começámos a discutir um bocado e safei-me. Mas já tive casos, por exemplo, de um tipo que me perseguiu, já tive um caso uma vez que iam para me dar um murro mas depois caiu no meio do chão...

## **MAS ESSES EPISÓDIOS TIVERAM QUE VER COM O FACTO DE SER TRANS?**

Estranhamente começaram a acontecer mais estes episódios quando eu começo a ser lida como rapariga na rua. Pode ter a ver com o facto de ser trans ou pode ter a ver com o facto de ser lida como rapariga. O facto de ser trans em cima do facto de ser rapariga duplica as probabilidades de ser vítima de violência. Já tive muitas situações em que eu não estive confrontada com violência mas também porque eu sou muito confrontativa no sentido em que eu não gosto de sentir... Por exemplo, eu gosto de ir ao centro mas eu não gosto que o centro seja o meu espaço. Eu acho que mereço qualquer espaço público que existe. Então eu faço questão de ir a outros espaços públicos que não são LGBT, que são sítios normais, por assim dizer. E nesse sentido eu posso nunca ter a certeza se sou bem recebida ou se não sou bem recebida. Só que o que acontece é que eu drasticamente mudei as minhas rotas de caminhos entre uma altura e outra. Eu antigamente ia à vontade para todo o lado e agora já penso duas vezes.

## HÁ SÍTIOS ONDE DEIXA DE IR?

Houve uma altura em que havia sítios onde eu tinha deixado de ir. Primeiro porque eram sítios que eu frequentava com alguma regularidade e tinha algum receio de como é que podia ser lida e interpretada. E depois há outros que agora é que estou a começar outra vez a ganhar esse espaço para ir. Mas houve uma altura que sim, havia sítios a que eu não ia de todo. Porque depois tinha sempre aquele receio. Porque me sentia desconfortável. Por exemplo ir a tascas. Eu neste momento estou-me a converter ao vegetarianismo, mas dantes eu ia assim a algumas tascas. Esquece. Na altura em que eu comecei a fazer a minha transição, das duas uma: ou ia muito lida como gajo ou não ia. Porque senão iria ter problemas, ou ia-me sentir mal, ou desconfortável. Porque são sítios mais conservadores. Por exemplo, eu ia ter com a minha mãe, e a minha mãe neste momento está num meio pequeno, e eu ia muito controlada, ia de calças e *t-shirt* porque assim era uma coisa mais ou menos neutra. Mas lá está, **tinha de estar sempre a pensar «onde é que eu vou e como é que eu posso ir?»**.

## RECENTEMENTE INICIOU A HORMONOTERAPIA. ACHA QUE VAI TER PROBLEMAS, NO LOCAL DE TRABALHO, POR EXEMPLO, QUANDO COMEÇAR A TER UM ASPETO MAIS “FEMININO”?

Eu neste momento sou lida como ela, por isso não sei qual será o impacto das pessoas ao começarem a ver-me mudar de corpo. Porque isto é sempre aquela coisa: as mulheres cis desenvolvem o corpo a partir dos 12 anos, eu desenvolvo o meu a partir dos 30. Porque eu não sei ali quem é que sabe que eu sou trans ou não. Eu já fiz *out* com algumas pessoas, porque comecei a falar do facto de fazer voluntariado em LGBT, ser poliamorosa, etc. E *fine*. Porque eu tomei esta decisão, de **começar a fazer *out* logo no princípio porque assim safo-me de problemas maiores à frente. Escuso de estar a esconder a minha vida, escuso de estar a fingir**. Vou para a ILGA e as pessoas perguntam-me o que é que é a ILGA. «Sim, é uma associação pelos direitos LGBT», e não tenho problemas porque as pessoas sabem, eu falo disso descontraidamente. Já consegui essa posição. Se calhar há uns anos não ia fazer isso. E neste momento isso safa-me de muitos problemas. Só que a equipa é grande. As pessoas ao meu lado... Por exemplo, o meu colega no outro dia acabou por dizer «ah pois, é que eu acho que já te vi numa reportagem qualquer na televisão, no jornal». A pessoa que me fez a tatuagem vira-se para mim «ah pois, é que eu vi-te no outro dia na televisão e pensei: olha é a Daniela que eu vou tatuar». Já tenho alguma visibilidade pública, já não é muito fácil esconder. Mas o facto é que eu não sei quais é que são as pessoas que sabem. Aliás, eu não sei se os entrevistadores sequer sabem, que me entrevistaram. Não sei. O meu nome está legal, está o nome correto. Não se falou sobre o assunto, porque não é, por exemplo, como o trabalho que eu tinha tido antes. O trabalho que eu tive na outra empresa, e como eu não tinha o meu nome mudado, uma das perguntas que eu fiz na entrevista foi «a que casa de banho é que eu posso ir?». E nunca ninguém tem de perguntar

isto numa entrevista, mas eu tive. Porque ainda por cima a casa de banho era partilhada com outras empresas e eu... não quero ter problemas. Isto é um bocado chato mas pronto. E desta vez não houve problema, porque a minha identidade está correta, o nome está correto. Agora não sei como é que vai ser. De voz não tenho um problema porque a voz tipicamente com as hormonas não muda muito. Dificilmente, a menos que eu faça um treino de voz, dificilmente a hormonização, no caso das mulheres trans, tem impacto. Não é como a testosterona, porque as cordas vocais não são formadas pela testosterona... Porque, por exemplo, o que acontece... isto é uma questão biológica. Porque, por exemplo, o que acontece aos 12 anos é que a testosterona no corpo é que começa a mudar muito o corpo. Fecha as cordas vocais, faz com que os ossos fechem, etc. E como eu já fiz esse processo o estrogénio não faz reverter. Por isso é que os homens trans quando tomam estrogénio começam a engrossar a voz, porque a testosterona começa a ativar e começam a vocalizar outra vez uma voz nova. No meu caso não porque a voz já está formada. Tinha de reverter. Há a cirurgia, mas é uma cirurgia arriscada, acho que não há nenhum médico em Portugal a fazer isso. Ou então fazes com treino de voz. Se tiveres aulas de voz e de colocação. Se bem que posso ter falsetes, aquela cena de estar a falar e (!). Acho que isso é normal acontecer. Agora o resto do corpo, *as minhas ancas vão mudar ligeiramente, a minha mama vai crescer mais*, não sei daqui a quanto tempo, *mas eu não sei como é que os meus colegas vão lidar com isso, ou se vão perceber sequer*. Porque às vezes eu tenho a noção... o ano passado aconteceu uma coisa muito gira, e má ao mesmo tempo, que é um bocado sexista, que foi: eu sou informática há dez anos de profissão e eu estava muito bem a fazer as cenas e muito rápido e não sei quê, porque é o meu trabalho, e o meu colega do lado viu que eu escrevia bué da rápido e não sei quê, e eu acho que ele... porque ele nunca me leu como pessoa trans, sempre me leu como Daniela, então ele não sabia. Porque eu na altura falei com os recursos humanos mas claro que os recursos humanos não foram dizer a mais ninguém, felizmente. Mas o que é que aconteceu? Passado um tempo em conversa disse-lhe que era uma pessoa trans e ele passado um bocadinho veio-me dizer «ah pois, eu logo vi, teclavas tão rápido, tinhas de ser um gajo antes». Eu neste momento não sei como é que os meus colegas me leem porque como eu não sei quem é que sabe que eu sou trans não sei qual é a leitura que eles fazem de mim. Quando eu cheguei lá ao trabalho e comecei logo a comentar bué da cenas e «isto devia ser melhorado aqui e ali e ali e ali» e eles pensaram «isto é uma gaja muita *geek*, ou é porque é trans ou não sei, tem superpoderes». Nunca houve essa conversa aberta. Eu tenho o meu colega ao lado às vezes a falar sobre questões LGBT mas parece que ele não sabe que eu sou LGBT. E isso ao mesmo tempo é estranho porque parece que são pessoas que estão alienadas da realidade onde eu estou. Por isso nesse sentido não sei como é que vai ser, principalmente quando chegar ao dia em que eu disser «ah, vou estar de baixa porque vou fazer uma cirurgia», «mas tens algum problema?». Não sei como é que vai ser, vai ser uma surpresa. Acho que até lá já as pessoas vão sabendo.

## **UMA PESSOA QUE NÃO FAÇA CIRURGIAS NEM TOME HORMONAS É TAMBÉM TRANSEXUAL?**

Sim. Eu gosto mais da palavra trans, porque «transexual» é um termo clínico. E nós sabemos que enquanto movimento da sociedade civil, do ativismo e daquilo que é a clínica, de vez em quando há estes lapsos, que são as expressões. O termo «transexual» apareceu para caracterizar pessoas, em específico, que têm disforia de género, seja lá o que isso for. E o que acontece é que até a própria ILGA entretanto mudou o termo «transexual» para «trans». Porque é um termo muito mais abrangente. Nós podemos partir do princípio que o termo «transexual» é tão problemático quanto eu te dizer «tu és trans», «não, sou transexual», «então é porque tens uma cirurgia». Porque isso o que faz é invasão da privacidade, é tu definires pessoas transexuais como pessoas que fazem cirurgias. E as pessoas não têm de falar da sua intimidade a ninguém, certo? Se tentares ver no Movimento Civil o que se tenta é abandonar o termo «transexual» porque *é um termo clínico que tem uma carga negativa muito grande*. Antigamente havia o termo «transexualismo». Tentou-se abandonar um bocadinho isto. E a palavra «trans» é *inclusiva porque inclui todas as manifestações de identidades trans, que não sejam só pessoas especificamente que queiram fazer a cirurgia de reassignação sexual. Para além de que assim tu falas de pessoas trans e não estás a falar da genitália delas, estás a falar de pessoas que têm identidades diferentes*.

## **E TRANS TAMBÉM ENGLOBALA *CROSSDRESSERES, DRAGS*, TUDO ISSO?**

Sim. Existe um espetro enorme. *Dentro das pessoas trans tens *crossdresseres, dragqueens, dragkings*, tens pessoas que fazem MtF, FtM, pessoas *queer*, pessoas não-binárias, ou seja, o trans é lido quase como tudo o que não é normativo, do ponto de vista do género*.

## **E UMA PESSOA INTERSEXUAL, É TRANS?**

Não. Uma pessoa intersexo pode ser uma pessoa trans, mas não é necessariamente uma pessoa trans. *As pessoas trans é uma questão identitária, enquanto identidade. As pessoas intersexo é uma questão física e biológica*. São pessoas que nascem com aquilo que são ditados os cromossomas ou gónadas ou qualquer característica física secundária como tradicional masculino ou feminino. Na realidade, nós vamos a ver e há uma combinação infinita, gigante, de questões intersexo, porque as pessoas têm níveis hormonais muito diferentes, as pessoas têm... depois há as questões cromossomáticas, as questões... por exemplo, há pessoas que só descobrem que são intersexo quando vão tentar engravidar e não conseguem. Ou seja, o nosso género é definido com um médico a olhar «ah, tens aspeto de menina e tens aspeto de menino». A maior parte das pessoas não sabe se tem os cromossomas corretos ou não. Porque ninguém faz isso, ninguém faz essas análises. Por exemplo, há homens que têm cromossomas XX e mulheres com cromossomas XY, são casos raros mas acontecem. Depois aí também há uma

mistura enorme de possibilidades. Nós é que estamos habituados a ter um sistema muito de caixa. E se calhar até são mais do que a gente pensa. Porque as pessoas não fazem os testes todos, nem toda a gente faz testes. Quantas pessoas é que sabem que são XY ou XX? Tu sabes?

**NÃO, NÃO SEI...**

Pronto, a maior parte das pessoas não sabe.

**NA SUA OPINIÃO SER TRANS ESTÁ RELACIONADO COM QUESTÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS (A FORMA COMO SOMOS EDUCADOS, A CULTURA EM QUE ESTAMOS INSERIDOS) OU É UMA QUESTÃO GENÉTICA?**

O género, a sua génese, acaba por ser um construto social. Tal e qual como o sexo. O sexo hoje em dia também há muita gente que... acaba por ser um construto social porque é as suas manifestações que dão expectativas. O género em si tem muito do que é a nossa construção social em cima de papéis que são estabelecidos. Não há estudos conclusivos que digam que há questões genéticas que expliquem pessoas trans. Por exemplo, existem determinados doutores que dizem que os cérebros das pessoas trans têm uma anomalia, mas não há estudos que digam isso. Ou melhor, os estudos são inconclusivos, porque na realidade o que se tem verificado é que todas as pessoas têm características simultâneas de ambos os géneros, seja lá o que isto for, mas estão em combinações diferentes.

**NINGUÉM ESTÁ NOS EXTREMOS...**

Em nenhum dos pólos. E a nossa sociedade influencia muito a maneira como nós nos comportamos e a maneira como nós lemos o nosso género. Por isso é que a identidade de género acaba por ser um construto social e que resulta da nossa visão de nós e de como queremos que o mundo nos veja, e não tão propriamente aquilo que a genética ou a biologia nos diz que nós somos. Até porque se nós formos a ver nós percebemos pouco de biologia.

**HÁ QUANTO TEMPO EXISTE O GRIT?**

O GRIT existe desde 2001 se não me engano. Ou 2001 ou 2007, agora não me estou bem a recordar. **Eu estou há dois anos.**

**COMO É QUE SURTIU A OPORTUNIDADE DE VIR PARA AQUI?**

Surgiu na altura em que eu fiz o meu *coming out* no trabalho. Houve uma série de confusões e eu vim cá à ILGA e vim ralar porque o *mail* tinha ido parar à caixa *spam* e eu tipo «epá, eu preciso de fazer alguma coisa, nós temos de fazer alguma coisa e não sei quê. Então pronto, eu começo a ser voluntária aqui». E entretanto comecei a dinamizar umas tertúlias sobre questões

de género. Nós temos uma rubrica mensal que é o Transinforma-te, que é uma tertúlia mensal que nós fazemos à volta de temas trans e questões de género. A última foi sobre positivismo corporal, já tivemos sobre identidades não-binárias, etc. E eu na altura comecei a dinamizar umas tertúlias e entretanto surgiu a oportunidade de... como o GRIT nessa altura estava um bocadinho moribundo, surgiu a oportunidade de reavivar o grupo e entretanto durante um ou dois meses não estive na coordenação, estive outra pessoa, e depois passei eu para a coordenação. E desde aí temos tentado fazer o grupo crescer, nós temos... é uma coisa que me dá muito gosto fazer. Tenho muito orgulho neste grupo. Porque nós temos construído uma família de pessoas muito interessante, de pessoas que chegaram a nós, porque nós fazemos várias coisas. Temos tudo aquilo que é a parte política e apoio à associação. Que coisas políticas é que nós fazemos? Temos a área comunitária, em que temos uma área de formação, nós vamos dar formação a vários sítios sobre questões trans, temos esta própria rubrica que é o Transinforma-te, temos as nossas festas, agora vamos ter uma no mês que vem, e depois temos um grupo de trabalho que reúne-se todos os meses para tentar discutir coisas que possam ser importantes a nível de grupo, a nível político, a nível de ativismo, pessoas que queiram dar esse passo. E depois temos o grupo de apoio, que é um grupo de troca de experiências. A porta é fechada só para pessoas trans, ou pessoas que estejam a questionar a sua identidade. Porque novamente vem essa questão dos verdadeiros trans. Eu não sou a pessoa que posso aplicar esse critério, eu não posso dizer quem é que é trans ou não, as pessoas simplesmente procuram o grupo porque se identificam de alguma maneira com esta questão e é lógico que elas procurem um grupo, faz todo o sentido. Eu não sou juiz moral para dizer quem é que é trans ou não, eu acho que as pessoas simplesmente chegam porque sentem afinidade por alguma razão. E precisam de ajuda de alguma maneira. Neste momento as pessoas que já estiveram cá em reuniões presenciais desde o ano passado que foi basicamente quando o grupo começou a crescer, já foram 50 e tal pessoas. O que demonstra que cada vez temos mais pessoas que têm chegado e nós estamos a falar de pessoas que conseguem chegar à ILGA de alguma maneira, porque há pessoas que estão noutros coletivos ou pessoas que nunca têm conhecimento que este grupo existe. A nossa ideia é mesmo que o grupo seja do conhecimento das pessoas, porque é muito bom quando temos pessoas que chegam aqui e dizem «finalmente encontrei pessoas que sentem o mesmo que eu». Isto é estrondoso. E às vezes há aqui discussões, e agora já temos tido discussões mais feministas e do ponto de vista também do empoderamento, porque o grupo também serve para isso, para empoderar pessoas. Nós não queremos que as pessoas sejam só pessoas por serem trans, mas são pessoas que pertencem a uma série de coisas, que por acaso também são trans, e por acaso todos nós também sofremos da mesma opressão e é isso que nós aqui discutimos.

## **HÁ MUITAS PESSOAS QUE SE CALHAR NÃO ENCONTRAM ISSO EM MAIS LADO NENHUM...**

Sim, há muita gente que ainda só fez *coming outs* aqui dentro, não fez *coming outs* lá fora. E enquanto tiverem espaço é um espaço que podem frequentar. Eu comecei a fazer este trabalho cá e é um desafio enorme, tendo em conta as dificuldades que ainda existem, é um desafio enorme.

## **QUAIS É QUE SÃO, NA SUA OPINIÃO, AS MAIORES BARREIRAS, OS MAIORES OBSTÁCULOS, QUE AS PESSOAS TRANS TÊM DE ENFRENTAR EM TERMOS SOCIAIS?**

Para não falar das microagressões constantes, muitas vezes as dificuldades é fazer *coming outs*. Isto tem duas questões: as pessoas... quando as pessoas estão a fazer transição e querem fazer *coming outs* é um impacto enorme, ou seja, as pessoas muitas vezes saem de estados de sofrimento porque querem a sua identidade reconhecida e depois de repente percebem que vai ser muito difícil por exemplo no trabalho, na escola, muitos professores rejeitam completamente as identidades das pessoas, no trabalho é o risco de ficar sem trabalho, a família é o risco de ficares sem casa, porque há muitas famílias ainda altamente conservadoras neste sentido, e isto é um obstáculo enorme porque o que faz é que as pessoas acabam por ficar sempre... de alguma maneira justifica porque é que as pessoas trans têm uma taxa de depressão altíssima. E depois tens outra fase que é aquilo que nós há pouco falámos da passibilidade. As pessoas trans na generalidade, muitas, têm uma coisa: querem ser invisíveis. Isto é, não querem ser reconhecidas enquanto pessoas trans na rua. Fazem a sua transição, independentemente de que forma for, mas querem ser lidas socialmente como homens ou como mulheres, como pessoas não-binárias serão sempre trans mas isso... entre homens e mulheres, querem sempre ser lidas assim e não querem ser reconhecidas enquanto pessoas trans.

## **PORQUE SABEM A DISCRIMINAÇÃO DE QUE SERÃO ALVO?**

Sim. E depois vem esse problema que é: as pessoas passam a fase transitória e depois como é que são reconhecidas realmente enquanto eles ou enquanto elas? Se são passáveis ou se são invisíveis à sociedade? Por isso é que muitas vezes as pessoas decidem «ok, agora que já mudei vou para outra cidade viver, onde ninguém me conhece. Ou vou para outra escola, onde ninguém me conhece. Ou vou para outro trabalho». E então as pessoas acabam por procurar um sítio novo para reestruturar a vida inteira, e isso é difícil. Porque muitas vezes por muitos processos que as pessoas façam as pessoas não ficam indiferentes depois às microagressões constantes, a pessoa ter medo de ser reconhecida, mesmo que por vezes passe anos, mas a pessoa ter medo que seja reconhecida, ou tenha percalços por causa disso, ou por exemplo tu começas uma relação nova e depois vais ter de explicar à outra pessoa «olha eu sou assim». Tens enormes dificuldades. Em termos de relações amorosas depois isto é um problema, porque

as pessoas estão muito divididas entre genitálias masculinas e genitálias femininas e depois tu de repente «olha mas eu sou uma mulher mas tenho um pénis».

### **JÁ TEVE ALGUM PROBLEMA EM ALGUM RELACIONAMENTO PELO FACTO DE SER TRANS?**

Fora as questões fetichistas que já tive, e já tive de educar pessoas, a meio do sexo... Mas o que também aconteceu é que houve ali uma altura em que eu não me envolvia com ninguém em específico por causa disso, mas depois houve outra altura em que eu decidi que antes de me envolver com as pessoas, as pessoas vão saber explicitamente que eu sou uma pessoa trans e depois se elas querem relacionar-se ou não, isso já é outra questão.

### **ACHA QUE ISSO É IMPORTANTE?**

Para mim é importante deixar... tal e qual como eu digo que sou trans... tal como eu digo que sou anarca-relacional também é importante porque ao fim e ao cabo... ok, eu estou com alguém mas eu tenho de dizer «sim, mas eu tenho outras parceiras, ou outros parceiros». Mas eu deixo logo o jogo um bocado aberto. Para mim obriga-me a fazer *coming outs* constantes, mas para mim é uma salvaguarda. Porque a última coisa que eu quero é estar numa situação com alguém e de repente a pessoa tornar-se violenta porque não tinha percebido. E então tento salvaguardar. E depois é assim, começamos a fazer estas leituras indiretas que é – eu percebo se a pessoa com quem eu me estou a dar se é acessível a pessoas trans. Se lê-se também como uma pessoa não-binária isso não vai ser uma questão. Agora se a pessoa começa a ter muitos estereótipos de como é que isto é, como é que aquilo é, então se calhar é melhor não.

### **NUM DOS SEUS TEXTOS INTITULADO “FOBIAS INTERNALIZADAS E FETICHE” FALA SOBRE SITUAÇÕES EM QUE AS PESSOAS TÊM DIFICULDADE EM CUMPRIMENTAR PESSOAS TRANS E EM OLHÁ-LAS NOS OLHOS. PARA SI, ISSO É DISCRIMINAÇÃO TAMBÉM OU APENAS DESCONFORTO PORQUE NÃO CONHECEM AQUELA REALIDADE E NÃO SE SENTEM À VONTADE?**

Sim, a questão é depois pensar o que é que leva as pessoas a fazer isso. Por isso é que é internalizado. Eu já tive uma situação em que **um colega meu cumprimentou toda a gente e depois chegou ao pé de mim e não sabia o que é que havia de fazer. E depois ficou muito nervoso, e depois começou a tremer. E isto não tem a ver com a pessoa estar-me a discriminar diretamente a mim, mas tem a ver com uma fobia internalizada dele que é tipo «eu não posso beijar homens».** E isto é internalizado, por isso é que exatamente o texto é fobias internalizadas, porque, por exemplo, ninguém é livre de ser fóbico em algumas alturas. Eu, por exemplo, muitas vezes também tenho fobia internalizada. Ainda no outro dia quando foi a marcha “Mexeu com Uma, Mexeu com Todas”, houve ali a marcha e uma manifestação no Luís de Camões, e eu fui discursar. E estava eu enquanto mulher trans e estava uma série de pessoas

lidas como mulheres cis, e eu começo a discursar. E houve ali um momento em que eu pensei «será que eu, uma mulher trans, tenho legitimidade para falar?». Isto é a fobia internalizada. É eu estar a dizer para mim «se calhar eu não estou ao nível destas mulheres, se calhar eu sou uma mulher inferior». Isto é internalizado. E, no entanto, não é um ato discriminatório em si mas é uma fobia internalizada. E um homem quando tem problemas em beijar outro homem porque acha que é um atentado à sua masculinidade, isto é uma fobia internalizada. E eu já tive no outro dia **um colega meu, nós saímos à noite**, e eu na altura estava com uma pessoa, **e a gente estava na nossa e tudo muito bem e** ele cumprimentou-me porque me conhecia e, **tendo em conta que na altura que eu fiz o *coming out* no trabalho toda a gente passou a saber quem eu era, e depois durante a noite ele beijou-me e não sei quê, mas foi porque estávamos às escuras. Quando acenderam as luzes ele afastou-se e ignorou-me completamente.** Depois fomos para a rua e ele continuou-me a ignorar completamente. E isto, eu ao mesmo tempo percebo, que é a dificuldade dele em lidar com a situação, não querer ser visto pelos amigos. Mas isto pode ser visto de duas maneiras: é discriminação porque realmente teve um impacto negativo em mim, mas ao mesmo tempo é triste da parte dele porque aquilo é altamente internalizado. É a dificuldade que ele próprio tem em lidar com aquilo. E quando nós falamos nisto realmente existe uma série de componentes e estruturas, nós temos uma sociedade altamente patriarcal e machista, que tem muita coisa internalizada. E depois nós internalizamos a violência. **Nós, por exemplo, chamamos gay, larilas, panisga e traveca com uma facilidade doida, porque é internalizado. As pessoas não questionam que isto tem impacto real em determinadas pessoas.**

**QUAIS CONSIDERA SEREM AS MELHORES FORMAS DE COMBATER A DISCRIMINAÇÃO? ACHA QUE O ESTADO ESTÁ A FAZER UM BOM TRABALHO NESSE SENTIDO?**

A nível das pessoas trans, a nível legal ainda temos um passo para dar porque estamos à espera de uma lei. Mas a lei não é tudo. A lei pode ser uma ponte mas é preciso passar pelas pessoas, e o que acontece é que nós temos um problema enorme, e por causa da violência normalizada e pela questão daquilo que nós vemos na televisão, e toda a história que nós temos, o que acontece é que não é feito um trabalho social que chegue. Por exemplo, nós temos a ILGA e temos outros grupos que tentam chegar às pessoas de alguma maneira, com atividades e com formação, mas o que acontece é que são as pessoas que sofrem na pele este problema que têm de estar sistematicamente a tentar dar formação. Ou seja, nós exigimos das pessoas que são oprimidas o trabalho de ensinar os opressores. E isto é uma estrutura que tem de mudar. As pessoas de facto... nós não temos um sistema educativo que contemple estas questões, que devia ter. Eu acho que a questão da identidade de género devia ser falada desde sempre, a questão da sexualidade... porque a questão é que quando os miúdos começam a ter noção... por exemplo, quando as crianças nascem com um pai ou uma mãe trans parece que é um mundo que é natural porque não é uma questão para eles, porque simplesmente aquilo existe. E os miúdos

são altamente plásticos nestas matérias, e eu acho que primeiro é um passo gigante pôr estas matérias na escola, e depois é toda a formação com médicos, com seguranças, porque por exemplo um dos grandes problemas que as pessoas trans têm muitas vezes com a segurança, já me aconteceu também, e há muitas pessoas trans que se queixam disso, que é – eu sofro uma situação de violência, mas agora o que é que é pior: é sofrer uma situação de violência na rua ou é ir à policia queixar-me e depois os polícias serem altamente transfóbicos comigo? Eu já tive um polícia a rir-se de mim na rua. Eles disseram-me «ok, nós estamos habituados a isso», mas depois quando eu saí à rua para ir soprar o balão toda a gente estava-se a rir. Quando a polícia faz isto é grave. E isto é um problema porque as pessoas têm medo. Para além de terem medo das pessoas depois têm medo de fazer queixa. Porque depois há a dupla vitimização. Nesse sentido socialmente há um trabalho muito grande a fazer. A lei é uma coisa, a lei dá legitimidade para determinadas ações, é por isso que leis más são tão perigosas, leis que visam diagnósticos são perigosas, exatamente por isso. Mas agora há todo um trabalho social enorme a fazer, e é preciso chegar a muitos sítios também.

#### **A DISCRIMINAÇÃO ESTÁ A DIMINUIR?**

Temos feito alguns passos, é verdade. Ou seja, as coisas não é que tenham diminuído mas são mais discutidas. Os assuntos estão mais em praça pública, são discutidos. Eu nunca vi tanta gente a fazer trabalhos sobre questões trans e trabalhos sobre questões LGBT como agora, ou seja, é um assunto que se está a tornar importante. Isso está a abafar um bocadinho também as críticas. Se formos ver, e eu já tive isso em coisas que eu escrevo, em entrevistas em que eu apareço ou outras pessoas que eu conheço, os comentários é horrível, as coisas são horríveis, e eu já tomei por decisão: nunca vou ler nada do que me respondem. As pessoas conseguem dizer coisas, a internet dá-lhes essa máscara, que na rua não têm e depois o que acontece é que começa a ter medo na rua de quem é que tu podes confrontar e depois na internet lês o que lês e a informação que passa... Temos uma fraca visibilidade, por exemplo, nós nas telenovelas, nos programas de televisão, nunca vemos pessoas trans, nunca vemos pessoas homossexuais, nunca vemos nada, e depois quando aparecem são sempre personagens caricaturadas.

#### **HÁ UMA SÉRIE MUITO BOA SOBRE AS QUESTÕES TRANS, A “TRANSPARENT”. JÁ VIU?**

Sim, mas lá está, no netflix, e nem toda a gente tem acesso ao netflix. Também tivemos agora o *Sense8*, que foi cancelado mas também é uma série do netflix, tem duas *seasons*. Tem uma pessoa trans, que é giro porque é uma pessoa trans feita por uma pessoa trans, porque a personagem, a atriz, é uma pessoa trans, mas a personagem dela não tem nada de impacto na história, simplesmente é uma pessoa trans ali, mas é uma das personagens principais. Não se fala sobre ela ser trans. Isto só assim é que se consegue fazer a visibilidade, é quando as personagens não são... por exemplo, nós temos filmes sobre pessoas trans em que a história é

toda a pessoa trans. Não, as pessoas trans devem aparecer naturalmente em qualquer história porque elas existem por aí. E nesse sentido nós temos um passo enorme a fazer, que é: nós precisamos de conquistar o espaço público e é por isso que a marcha é importante. É uma demonstração de conquista do espaço público que nós queremos. O espaço público também é nosso e nós temos de ser representados como todas as outras pessoas também são. O mundo tem de ser real. E nós temos de estar lá porque nós estamos, nós existimos. E isso é importante, é uma barreira que é preciso, a nível nacional, quebrar. A nível mundial também, mas já que estamos a falar em Portugal... ainda temos muito trabalho para fazer e que é necessário.

## APÊNDICE B3 – ENTREVISTA A JAY

### **EM QUE MEIO NASCESTE?**

Cidade.

### **QUAL É A PALAVRA QUE USAS PARA TE DESCREVER EM TERMOS DE IDENTIDADE DE GÉNERO?**

Ora, eu sou uma pessoa não-binária, transmasculina. Eu não me encaixo dentro do binário homem / mulher, mas identifico-me como trans, porque discordo daquilo com que nasci, do género que me foi imposto.

### **EM QUE ALTURA DA TUA VIDA COMEÇASTE A PERCEBER QUE NÃO TE IDENTIFICAVAS COM O TEU SEXO BIOLÓGICO?**

Primeiro ano, segundo ano.

### **FOI LOGO EM CRIANÇA?**

Claro. Há pessoas que sabem que são gays logo em pequeninas e outras que só sabem quando têm 30. Algumas sabem quando são pequenas e outras que demoram mais tempo.

### **COMO É QUE FOI ESSE PROCESSO? SOUBESTE LOGO O QUE ERAS OU NA ALTURA NÃO SABIAS O QUE ISSO ERA?**

Lá está, eu entendia o género como uma coisa binária, e ser trans como a transição completa... completa, o que quer que isso seja, de um lado, o que quer que isso seja, para o outro, o que quer que isso seja. Porque o que eu percebi desde pequena é que eu fazia as coisas que eu queria, até ao momento em que alguém me dizia «não, não podes fazer isso porque és uma menina», ou «não, não podes fazer isso porque os rapazes fazem isso».

### **OS TEUS PAIS DIZIAM-TE ISSO?**

Sim, sim. Não só os pais, mas os professores dizem isso, as outras crianças dizem isso. É uma coisa que temos muita tendência a ensinar, a ensinar entre aspas, uns aos outros. Que é mentira, é uma mentira. Eu fiz tudo com as raparigas e fiz tudo com os rapazes. E atualmente gosto muito de coisas masculinas mas sou maquilhadora. Também sou ator e também continuo a cantar.

### **PARA TI NÃO HÁ COISAS DE HOMENS E COISAS DE MULHERES?**

Não. Não. Eu acho que essa é uma ideia que temos rapidamente de erradicar.

### **E OS TEUS PAIS, QUANDO DESCOBRIRAM, COMO É QUE REAGIRAM?**

Pois, é fácil. [Eu contei-lhes para aí há uma semana.](#)

### **QUE IDADE É QUE TU TENS?**

18. Eu contei-lhes há uma semana porque foi quando eu comecei o processo de conseguir terapia hormonal. Quando eu comecei a procurar terapia hormonal e percebi que eventualmente iria conseguir, pensei «ok, se calhar é melhor dizer qualquer coisa». Venho de uma família muito religiosa de ambos os lados, do lado do meu pai e do lado da minha mãe. [Eu comecei por falar à minha mãe. Aliás, o que lhe disse foi «e se eu quisesse tomar testosterona?» e ela perguntou «estás a falar a sério?», e ela «ok, há coisas piores, se é isso que te faz feliz... mas estás a falar a sério?». Um misto de «eu não sei bem se estás a gozar comigo ou não» e tentar perceber «ok, isto é... a minha filha é trans?».](#) Eu acho que os pais, na cabeça deles, nem sequer usam essa palavra, acho que não usam essa palavra. Mas depois tentar explicar «eu não quero ser um homem, mas quero as características masculinas que traz a testosterona, as características que traz a testosterona e com as quais não estou contente agora». [A mudança da voz, o aparecimento da barba, a definição muscular... quero isso, quero essa parte. O que não impede que continue a gostar das mesmas coisas que gostei sempre. E que não goste imenso de saltos altos, e que não goste imenso de usar maquilhagem, e que não goste imenso de pintar o cabelo de trinta cores diferentes. Vou continuar a fazê-lo. É mesmo só uma questão de hormonas.](#)

### **PENSAS EM FAZER CIRURGIAS?**

[Num futuro próximo não tenho dinheiro para isso.](#)

## **MAS GOSTAVAS?**

Talvez aquilo a que se chama *top surgery*, que é retirar os seios, isso talvez. Mas não sei. Como não tenho tanta certeza disso como tenho a certeza da terapia hormonal, portanto... está na minha ideia mas ainda não está cem por cento fixo.

## **QUAIS FORAM AS PRIMEIRAS PESSOAS COM QUEM FALASTE SOBRE O ASSUNTO?**

Primos meus, porque são pessoas da minha idade. Acho que foi uma prima minha.

## **LOGO QUANDO ERAS CRIANÇA?**

Não, só mais velho. Porque só mais velho é que eu comecei a contactar com comunidades na internet, e só aí é que eu comecei a ter acesso à informação e aos nomes das coisas. E a perceber «ok, há diferentes tipos de coisas». Só quando se tem acesso a ferramentas de linguagem é que se consegue explicar às pessoas o que é que é, e que elas possam pesquisar, e que elas possam tentar entender.

## **ENTÃO DURANTE MUITOS ANOS SABIAS QUE ERAS TRANS MAS NÃO FALAVAS COM NINGUÉM SOBRE O ASSUNTO?**

Não, porque também não havia necessidade. Quer dizer, também até à altura em que começa a puberdade, também se calhar não há muita coisa que nós queiramos mudar em relação a nós próprios que seja preciso falar a sério. Porque só depois da puberdade ou mais... ou na puberdade ou mais no fim dela é que se começa «eu quero deixar de ter a menstruação, eu estou a ponderar tirar os ovários, eu estou a ponderar tirar o peito, quero tomar hormonas». São coisas muito mais sérias. Eu também no início, quando comecei mesmo a dizer às pessoas «ok, sou uma pessoa trans», isso foi para aí há quatro anos, quase cinco, não pensava em cirurgias, era mais pelo aspeto estético. Agora, no meu caminho, passa muito mais por aspetos de saúde e por aspetos de hormonas do que antes. E também agora por isso é que as coisas estão a ficar mais sérias. As pessoas precisam de saber «ok, é trans e tem um nome», e não «ah, é só meia maria-*rapaz*». É diferente.

## **COMO É QUE OS TEUS PRIMOS REAGIRAM NA ALTURA QUANDO FALASTE COM ELES?**

Acho que não disseram grande coisa. Eu acho que não perceberam na altura, porque acho que foi também a maneira como eu expliquei. «Ok, tu és meio maria-*rapaz*, meio uma coisa meio *outra*». Porque também era mais uma coisa estética, lá está. Agora eventualmente eu vou ter de sair do armário à família toda porque eu não vou um dia aparecer num jantar e dizer «olá, eu tenho uma barba de dois metros». Há que dizer qualquer coisa.

## **OS TEUS AVÓS, OS TEUS TIOS... NÃO SABEM?**

A minha mãe disse «bom, é desta que a tua avó vai tirar o aparelho auditivo. Ela não vai querer ouvir nada disto».

## **COMO É QUE ACHAS QUE VÃO REAGIR OS TEUS AVÓS?**

Não vão perceber “pêva”, nada. Eu tenho ideia que eles não vão perceber nada. Ou que vão tentar nem sequer pensar no assunto. Porque a Igreja Católica tem muita tendência a chamar pecado a tudo aquilo que não conhece e a tudo aquilo que não consegue enfiar em caixinhas. E se eu já ia para o inferno antes por não sei quantas razões desta vez tenho lá lugar marcado. Não sei, vamos ver. Também ainda não sabem, também não consigo prever.

## **QUAL É A TUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?**

Ok. A minha orientação sexual eu diria que é aquilo a que se chama *gray assexual* ou a sexualidade cinzenta. Quer dizer que tendencialmente a minha atração sexual é muito baixa ou zero, mas que há algumas pessoas em que ela sobe um bocadinho. Ou seja, há pessoas pelas quais eu tenho efetivamente atração sexual, que varia muito. Mas também é uma zona muito cinzenta, ainda não está muito definida, ainda não tem muito regras, Mas aquilo que eu consigo perceber mais é que é uma zona de assexualidade, de falta de... também uma libido mais baixa, um interesse em sexo mais baixo. Muitas pessoas assexuais têm uma libido alta, porreiro, não é o meu caso.

## **MAS AS PESSOAS ASSEXUAIS NÃO TÊM ATRAÇÃO SEXUAL, CERTO?**

Lá está, as pessoas que são assexuais, ponto, não, não têm atração sexual. Depois há as assexuais cinzentas, como eu, que têm alguma atração sexual mas são casos, casos específicos, é um bocado esquisito. E depois há os demissexuais, que dentro da assexualidade só têm atração sexual por uma pessoa depois de haver uma relação romântica longa, ou depois de conhecerem muito bem. Ou seja, é um efeito secundário de. Não é imediato. Mas eu acho que cada vez mais me identifico como... No que toca à orientação romântica, cada vez mais me identifico como gay. Porque as características que eu quero para mim, e aquilo com que eu me identifico... eu identifico-me com um aspeto mais masculino, aquilo que eu quero é mais masculino, e aquilo que eu acho atraente nas outras pessoas são os mesmos aspetos masculinos. Então cada vez mais me aproximo do conceito de gay.

**QUANDO PERCEBESTE QUE ERAS TRANS E COMEÇASTE A PENSAR MAIS SOBRE ISSO RECORRESTE AO APOIO DE ALGUMA ASSOCIAÇÃO, DA ILGA, POR EXEMPLO?**

Eu nessa altura usei muita informação online, mas quando tomei conhecimento que a ILGA existia, quando saí de casa dos meus pais e quando tive independência para perceber que a ILGA existia, sim, juntei-me ao grupo trans da ILGA e pedi informação, sim.

**Ao GRIT?**

Ao GRIT.

**NA TUA OPINIÃO, SER TRANS ESTÁ RELACIONADO COM CARACTERÍSTICAS BIOLÓGICAS E GENÉTICAS OU POR OUTRO LADO TEM QUE VER COM QUESTÕES SOCIAIS, AMBIENTAIS, COM A FORMA COMO A PESSOA É EDUCADA, COM A CULTURA EM QUE SE ENCONTRA, COM O MEIO QUE A RODEIA?**

É o seguinte... E se eu dissesse qualquer coisa como: «eu acho que toda a gente é um bocadinho trans»? Porquê? Eu parto do princípio que o género não existe, que é uma mentira, que na verdade é uma mentira. E que na verdade não há homens e mulheres. Há pessoas que são lidas como mulheres e que as pessoas vêem que «ok, aquilo é uma mulher», e há pessoas que são lidas como homens e «ok, aquilo é um homem». Porque eu acho que se não houvesse pressão social todas as pessoas, ou 90 por cento das pessoas, sei lá, não há números para isto, mas muita gente manifestaria interesses ou aspetos físicos ou inclinações ou o que quer que seja do outro género, entre aspas. Porque visto que o género não existe, eu acho que seria muito possível... e eu acho que se não houvesse esse tabu mais homens pensariam por eles próprios «epá, eu acho que até gostava de ter peito» ou «na verdade os meus órgãos genitais até me incomodam» ou «gostaria de me vestir de uma maneira que parece mais feminina». Porque eu acho que os conceitos de masculino e feminino são adjetivos que não são adjetivos. Na verdade, estamos a descrever o quê? Não estamos a qualificar nada. «Delicado» é um adjetivo. «Feminino» não é. «Forte» é um adjetivo. «Masculino» não é.

**ENTÃO ACHAS QUE É UMA QUESTÃO BIOLÓGICA? AS PESSOAS JÁ NASCEM ASSIM, MAS DEPOIS NÃO SE COMPORTAM DESSA FORMA POR CAUSA DA SOCIEDADE?**

Eu acho que todos os seres humanos são um bocadinho assim. Todos os seres humanos, se lhes fosse dada essa oportunidade, manifestariam inclinações para fugir às regras de género. Eu acho que a verdadeira pergunta aqui seria: Porque é que de toda a população só alguns é que se chegam à frente e dizem «eu sou trans e eu tenho disforia em relação ao meu corpo e eu quero fazer alguma coisa em relação a isso»? Ou «tenho disforia em relação à maneira como me tratam»? Porque é que de toda a população mundial, se toda a gente na verdade tem este ímpeto

biológico para fugir ao género, porque é que não é toda a gente a fazê-lo? Porque eu acho que o grau de disforia também varia e o grau de pressão social também varia. Quanto mais te disserem «tu tens de ser isto e tens de fazer aquilo», dependendo também da tua personalidade, claro, mas quanto mais te disserem «tu tens de fazer isto e tens de fazer aquilo», mais dor te vai causar e mais sofrimento te vai causar e mais disforia te vai causar e mais tu terás necessidade de fazer uma transição e de falares a verdade e dizer «ok, eu sou assim». Mas se vieses de uma família em que sempre te permitiram uma liberdade de expressão de género liberta, pronto, a tua disforia se calhar é menor. E se as pessoas à tua volta souberem usar pronomes neutros... bolas, até a língua em que estás. Em Portugal não há pronomes neutros. A disforia se calhar será maior do que alguém, sei lá, no Reino Unido, em que existem pronomes neutros, e outras línguas, e por aí a fora. **Portanto eu acho que a disforia tem a ver com o ambiente em que nasceste, mas que, na verdade, nós, biologicamente, todos temos tendência a fazer coisas independentemente do nosso género social e cultural.**

**QUANDO TE APERCEBESTE DE QUE O TEU GÉNERO NÃO CORRESPONDIA COM O TEU SEXO BIOLÓGICO SENTISTE LOGO NECESSIDADE DE TE VESTIRES DE UMA FORMA MAIS MASCULINA, OU ISSO SÓ ACONTECEU PASSADO ALGUM TEMPO?**

O que eu me lembro mais... eu tinha o cabelo comprido, pelos ombros, depois dos ombros, era muito comprido, era muito pesado. E eu lembro-me que eu odiava tanto, que eu insisti imenso com os meus pais para cortar o cabelo. Lá está, são pessoas que estão muito ligadas ao aspeto físico e estético. E quando eu finalmente os convenci a cortar o cabelo, cortei o cabelo super curto e adorei. E depois houve um dia na escola... o *bullying* é uma realidade muito grande. Estava na escola e eles começaram-me a chamar João, em vez de Joana que é o meu nome de nascença, para gozar comigo. E eu «**epá, não estás a conseguir gozar comigo porque eu até acho piada, até é um nome que me interessa, portanto, na verdade, não estás a gozar-me tanto quanto querias**». Começou por ser o cabelo. Depois **começou a ser o peito, só usar sutiãs de desporto, começar a usar *binders*, usar roupa muito mais masculina, tendencialmente deixar de usar saias**. Eu só há pouco tempo é que voltei a usar saias e vestidos. **Durante três ou quatro anos eu não pegava numas saias. Zero. Nem vestidos. Zero. Não queria essa imagem dita feminina. Agora é que eu comecei muito mais a borrifar-me nas coisas e a dizer «ok, eu gosto de um vestido, que se lixe**». Porque as coisas são assim.

**TU SOFRIAS DE BULLYING?**

Muito.

### **POR CAUSA DISSO?**

Por causa disso também, mas por outras questões.

### **QUE NÃO TÊM A VER COM ISSO?**

Não. Lá está, os miúdos não gostam de pessoas inteligentes. Eu odeio dizer isto assim, mas quando veem uma pessoa que é inteligente e que é feliz efetivamente a fazer uma coisa da qual eles têm dificuldade não gostam. Quando alguém sabe a resposta e eles não sabem não gostam, e não sabem lidar com essa frustração. E os pais não os ensinam a lidar com essa frustração.

### **OS PAIS SE CALHAR TAMBÉM NÃO SABEM LIDAR COM ISSO.**

Exato. Os próprios pais... exato. Muito bem visto. É uma cadeia. Há muita gente que lhe chama círculo vicioso. Eu gosto mais da palavra ciclo. Porque é efetivamente uma cena que se repete. É como o ciclo da água. É inevitável que vá continuar, a não ser que alguém o quebre.

### **ACHAS QUE A MENTALIDADE ESTÁ A MUDAR NESSE SENTIDO?**

**Não! Não!** Ou seja, no que toca a homofobia, eu acho que as pessoas, especialmente os jovens, já estão mais atentos. Tivemos uma boa prova disso agora quando foi o incidente em Vagos, que os estudantes se juntaram. E, por exemplo, eu conheço uma escola em que a representante dos alunos é lésbica e a vice-presidente e a namorada estão constantemente na associação de estudantes e fazem parte da associação de estudantes. Portanto, acho que temos logo ali dois ou três casais lésbicos só na direção de alunos. Portanto, **acho que de facto a aceitação no que toca à homossexualidade está a mudar. No que toca ao racismo ainda não vejo isso. No que toca à transfobia ainda não vejo isso. Aliás, vejo isto muito mal parado.**

### **MESMO NAS PESSOAS MAIS NOVAS?**

Sim, sim. Porque mexe muito com muita coisa. Por exemplo, um homem dizer «eu gosto de homens». Há pessoas que conseguem simpatizar com isso, tipo «ok, eu também gosto de homens, eu percebo o que é que tu sentes». Ou uma mulher que gosta de mulheres «epá, gosto de mulheres». Algumas pessoas conseguem empatizar com isso, outras pessoas dizem só «tu és feliz como és, e isso é o que mais importa». Isso é empatia humana, porreiro. No que toca a raça... odeio a palavra raça, aliás, etnia, vamos chamar por aí. No que toca a isso, uma pessoa não deixa de ser negra, uma pessoa não fica mais clara e continua a haver aquele estigma, também porque racismo institucionalizado... que são mais pobres. E os pais também continuam a dizer «ok, que tragas para casa uma namorada, mas não tragas para casa uma namorada preta». Ou «até que sejas lésbica e que tragas uma namorada, mas não tragas um namorado

negro, nem cigano, nem chinês». Ainda vejo isso muito por aí. **Eu acho que quem odeia uma coisa na verdade odeia-as a todas. Quem odeia a diferença, odeia a diferença.**

#### **E ACHAS QUE HÁ PESSOAS QUE DIZEM QUE ACEITAM MAS NA VERDADE APENAS TOLERAM?**

“Sim, eu odeio a palavra tolerância. Porque tolerância é «podes ficar ali no canto, e puedes ficar calado, mas não faças a tua merda da tua marcha de orgulho, porque eu não suporto ver isso esfregado na minha cara. Ok, existem, eu já percebi. Eu não gosto de vocês, mas vocês existem». Tolerância é «não vos vou dar um ordenado igual entre homens e mulheres». Tolerância é «até deixo as pessoas negras aparecerem no Centro de Emprego mas vou deixá-las a esperar mais dois meses que as outras pessoas». Isso é tolerância. Se tolerância não é atirar uma pedra à cabeça, ok... não é o Apartheid, mas é um Apartheid cultural. Portanto, essa tolerância é mesquinhez mas mascarada.

#### **QUAIS FORAM OS MAIORES OBSTÁCULOS QUE TIVESTE DE ENFRENTAR NA TUA VIDA ENQUANTO PESSOA TRANS?**

Muito com a minha família e surpreendentemente na minha escola. **A minha escola secundária foi um curso profissional de teatro e eu naquela altura, claro, eu queria papéis masculinos. Só que «ah não, não podem ser papéis masculinos porque tu és uma menina». Mas depois nos papéis femininos tinha de usar uma peruca, porque tinha o cabelo curto.** E depois era demasiado isto para uma coisa e demasiado isto para outra. E tive de bater muito o pé por causa do nome artístico. Porque o nome artístico é aquela coisa do ramo, é tipo um nome que tem de ficar no ouvido, e há montes de gente que só tem os apelidos como nome artístico. Quando eu quis pôr só os meus apelidos e tirar o meu nome próprio «isso é nome de jogador de futebol, **isso é nome de fufa, isso nunca te vai levar a lado nenhum,** a tua imagem não corresponde a esse nome que tu queres, isso não vai pegar».

#### **DIZIAM-TE ISSO NA ESCOLA?**

Professores mesmo. Eu ouvi isso de professores. Aliás, na nossa escola quando se faz um estágio profissional depois temos de ser avaliados em palco e temos de ser avaliados por escrito. Ou seja, uma tese que nós escrevemos. Eu na minha tese acabei por receber 20, porque trabalhei que nem um cão. E depois quando a pessoa que avaliou a tese estava na plateia a avaliar a performance virou-se para a minha professora orientadora e disse «ah aquela é que é a Cardoso Albuquerque? Coitada, está só confusa. Aquilo não lhe faz bem, está mesmo confusa». E quando eu escrevi um capítulo na minha tese sobre as pessoas não-binárias na cultura mundial, nas várias religiões, a minha professora orientadora cortou-me duas páginas, disse «eu acho melhor tirares isto, porque as pessoas que estão a avaliar ainda não estão no teu nível de

pensamento, elas não vão perceber isto, portanto a tua nota pode sofrer com isto». E custou-me horrores mas tive de tirar. Mas ficou o meu nome artístico no cartaz. E ficou o meu nome artístico na televisão. E ficou o meu nome artístico nas minhas ambas as provas. E continuei a ter 18 e 20. Porquê? Porque trabalhei que nem um cão. Tive de ser censurado dessa maneira e ainda me lembro e não me esqueço. E agora com os meus pais...

#### **MAS O TEU PAI TAMBÉM NÃO ACEITOU MUITO BEM?**

Ele ainda não falou comigo sobre isso, sequer.

#### **MAS TU FALASTE COM ELE?**

Não. Eu falei com a minha mãe e a minha mãe contou ao meu pai.

#### **E ELE NÃO DISSE NADA?**

Ele, a mim, não disse nada. Só não falou comigo durante dois dias e depois começou a falar comigo outra vez.

#### **COMO SE NADA FOSSE?**

Sim. É o andar por cima e fingir que ninguém disse nada.

#### **E TU NÃO QUERES FALAR COM ELE SOBRE ISSO?**

O que é que aconteceu? Eu estou a ser seguida por uma psicóloga e tinha dito à minha mãe «olha, há hipótese de...». Ela perguntou-me «mas a psicóloga sabe desta tua ideia?» e eu disse «sabe, sim senhora, e tem-me acompanhado. O que podemos fazer é: fazemos uma reunião os quatro e falamos sobre isto, as vossas dúvidas, *falem comigo e com a psicóloga para perceberem o que é que podemos fazer e eu ajudar-vos também*». E eles mostraram-se abertos a isso, até contactaram diretamente com a psicóloga para marcar, tudo bom. A psicóloga é que ficou doente no dia da consulta. Então temos de remarcar. Mas já aceitaram falarmos os quatro e a minha mãe disse-me diretamente «tu não vieste com um manual de instruções e nós também precisamos de ajuda para perceber». E demonstraram-se abertos para perceber, por isso foi bom.

#### **NÃO ALTERASTE O TEU NOME NO REGISTO CIVIL?**

Não. *Eis a questão: o meu nome agora, e o nome pelo qual me tratam, é Jay.* Jay é um nome inglês, visto que eu vou estudar para Londres. Já entrei na faculdade e vou começar a faculdade em breve. Aliás, *Jay começou porque eu estava numa companhia de teatro em inglês e tinha de dizer o meu nome e eu «então e se eu só deixar ali o J?».* Então deixei só o J e *«ya, my name is J»*, e pegou, e eu disse «ok, isto soa-me bem» e ficou o Jay. Mas em Portugal: 1. Não é possível

pôr nomes neutros, não é legal. Aliás, a Daniela chama-se Daniela Filipe e mesmo assim isso para eles não lhes acenta muito bem. E 2. Nomes em inglês não é possível. Ou seja, o meu nome não existe. Mas também eu como quero ir para Londres...

#### **MAS QUANDO TENS DE ASSINAR ALGUMA COISA OFICIAL TENS DE ASSINAR COMO JOANA.**

O meu nome antigo, claro. O meu nome antigo, 'tá bem. Mesmo hoje estava numa consulta com o psicólogo para conseguir as hormonas e, claro, assinei com o meu nome, e é irónico.

#### **MAS QUERES MUDAR O TEU NOME?**

Isso ainda não está muito na ideia. Porquê? Só se porventura eu pedisse dupla nacionalidade em Inglaterra, que é uma coisa em que eu tenho andado a pensar, também por causa desta política de imigração, porque eu quero lá ficar e quero lá trabalhar. Só se lá eu conseguisse pedir dupla nacionalidade e mudar lá o nome em inglês. Só que depois entra aí uma luta de jurisdição porque «ah e tal, mas mudas isso em inglês e depois em Portugal isso não coiso». Portanto ainda tenho de investigar essa parte, mas não está num futuro próximo.

#### **TU JÁ ESTÁS A SER ACOMPANHADO POR UM PSICÓLOGO?**

Sim.

#### **JÁ FIZESTE O DIAGNÓSTICO?**

Não, estou a começar agora. Estou a ser seguida por uma psicóloga e agora contactei com um médico que trabalha com a parte médica da transição e eu disse «ok, então agora preciso de um diagnóstico». Está aqui um médico, vou começar o acompanhamento para conseguir o diagnóstico para seguirmos para a medicação.

#### **ESSE MÉDICO CONSTA DA LISTA DE MÉDICOS HABILITADOS A ASSINAR RELATÓRIOS CLÍNICOS QUE COMPROVEM A DISFORIA DE GÉNERO?**

Sim. Por isso é que eu fui ter com ele.

#### **O QUE PENSAS ACERCA DESSA LISTA? E ACERCA DO DIAGNÓSTICO?**

É difícil. Eu sou daquelas pessoas... eu sou um bocadinho 1984. Temos de ter noção que os humanos são muito influenciáveis. Eu acho que também temos de nos proteger uns aos outros. Mas por outro lado também acredito que toda a gente deve ter toda a informação no que toca a educação sexual, no que toca à própria sexualidade, no que toca ao sexo, no que toca à morte, no que toca ao aborto, no que toca a esta porcaria toda. Porque acho que há uma falta de informação enorme. Portanto, enquanto que a Daniela... a Daniela diz-me... eu menciono a

Daniela porque é com ela, e também dentro do grupo, que temos falado muito sobre qual é que é a ideia maluca que se calhar estou eu daqui a cinco meses a aceitar. E ela diz-me «epá, eu acho é que se devia acabar com esta porcaria toda e impôr o consentimento informado. E eu em parte começo a acreditar. No entanto, **consentimento informado!** Porque, por exemplo, eu há um tempo pus um implante no braço, está aqui de baixo [mostra o braço esquerdo]. É um implante contraceptivo para, se tudo correr bem, acabar com a menstruação. Pelo menos enquanto não tenho acesso a testosterona. Até tenho aqui o papel do consentimento informado, de quais é que são os efeitos secundários, o que é que pode acontecer. E para conseguir isso tive de fazer uma consulta de planeamento familiar. Onde prontamente disse «olá, sou uma pessoa trans e é por isso que eu quero um dispositivo médico». E um rol de perguntas. Portanto, mesmo para conseguir um implante fizeram-me uma consulta. A ideia que eu tenho é que me deram muita informação, sim, especialmente porque eu pedi por ela, se calhar há pessoas que não vão pedir tanto por ela. Mas lá está, não posso imaginar aquilo que não sei. Não sei se essas médicas, a quem não sabe tanto, vão dar as informações completas: «olhe, isto pode acontecer, isto são os efeitos secundários mas estes são os benefícios». Isto também há a hipótese de eu tirar a qualquer momento, portanto... isso é um ponto positivo. Portanto eu acho que se calhar para os diagnósticos podia-se fazer a mesma coisa. **Um papelinho de consentimento informado para cada cirurgia e para cada intervenção, e uma consulta. Uma consulta para perceber quais é que são as intenções da pessoa, se a pessoa está a fazer isto por... porque também há transtornos psicológicos, e ser trans e ser doente mental são duas coisas separadas, que muitas vezes estão juntas por ocasiões da vida, porque há pressão social,** porque estamos biologicamente predispostos para doenças... eu sei que tenho uma predisposição genética para depressão, e tenho, portanto... acontece, é a vida. **Mas, por exemplo, pode haver pessoas com transtornos de personalidade autodestrutivos que queiram hormonas ou cirurgias** como um castigo a elas próprias, como... por exemplo, há pessoas que se automutilam para se tornarem mais feias como um castigo a elas próprias. Se eu acho que alguém ia ao ponto de tirar o peito só por causa disso? Se calhar não.

**MAS ACHAS QUE HÁ DOENÇAS MENTAIS QUE PODEM LEVAR A PESSOA A UMA CERTA CONFUSÃO?  
A PESSOA ACHAR QUE É TRANS E NA REALIDADE NÃO SER?**

Exato. Mas eu já nem digo «ah, mas as pessoas têm o direito a estar confusas e ser trans». Ok, então uma consulta. Uma consulta para a pessoa dar este papelinho de consentimento informado, «toma aí, isto é o que pode acontecer». Pode-me só dizer brevemente o que é que está aqui. Bolas, até para fazer tratamentos de alergias, para eu ir à farmácia buscar um anti-estamínico, eles perguntam-me para que é que eu quero aquilo. E eu acho também que deve haver um grau de perguntar para que é que é aquilo. Ninguém te pergunta nada quando queres

comprar uma garrafa de Sagres, mas se calhar deviam. Ninguém pergunta quando é uma garrafa de Vodka, mas se calhar deviam. Ou um maço de tabaco. Se calhar deviam.

**INICIASTE A FASE DO DIAGNÓSTICO RECENTEMENTE. SENTES-TE COMPREENDIDA PELO MÉDICO QUE TE ESTÁ A ACOMPANHAR OU ACHAS QUE AINDA HÁ MUITA DESINFORMAÇÃO?**

Eu estou parcialmente a mentir. Ora, visto que o que eu quero são hormonas tipicamente masculinas, testosterona, eu vou tendencialmente dizer que o que eu quero são aspetos masculinos, sem dizer que na verdade eu não me identifico como um homem. Portanto, não sei se vou mentir, se vou omitir, com o desenrolar das consultas vamos ver até que ponto é que eu vou omitir. Se ele me perguntar «identificas-te como um homem?», «sim?», «nim?».

**PORQUE SE NÃO FORES CONVINCENTE ELE PODE NÃO TE CONFIRMAR O DIAGNÓSTICO?**

Pois. Há essa possibilidade. E é essa possibilidade que as pessoas trans enfrentam. É a ignorância médica. Bolas, no Júlio de Matos se a pessoa é gay... Se a pessoa não é trans se calhar é gay mas ainda não aceitou. Se bem que os próprios médicos ainda não aceitam isso muito bem. Há falta de informação, especialmente no que toca a pessoas não-binárias, há falta de informação. Portanto, o que eu vou dizer, e que não é mentira, é «eu quero estas características tipicamente masculinas, eu quero hormonas e eu tenho uma disforia de género que faz com que eu não me sinta bem no meu próprio corpo». Isso é verdade. Isso é o que eu vou dizer e isso é a minha razão para as hormonas. Isso é o que eles têm de saber. Se eu depois vou para casa com uma barba até aos joelhos e com uma maquilhagem fantástica, isso é o meu problema. Mas sim, *ter de esconder isso, e não aparecer nas consultas com verniz, não aparecer nas consultas com um sutiã normal ou com maquilhagem, é uma censura que temos de fazer um bocadinho a nós próprios. É pena.*

**O TEU PROCESSO AINDA É MUITO RECENTE, MAS ALGUMA VEZ PENSASTE QUE NÃO TINHAS FORÇAS PARA LEVAR TODO O PROCESSO ATÉ AO FIM?**

Eu raramente tenho essa atitude. Porquê? Porque quando eu me juntei ao GRIT eu não tinha ideia de hormonas, de querer hormonas. Então eu ouvia as experiências das pessoas que queriam, ou que já tinham, ou que tinham passado por isso e havia experiências muito más. Então eu também me preparei para «ok, isto vai demorar um ano, isto vai demorar dois anos, há pessoas que demoraram cinco anos».

**A FASE DO DIAGNÓSTICO DEMORA DOIS ANOS, CERTO?**

Asterisco. Porquê? As minhas aulas começam dia 1 de setembro. Vamos no início de Junho. E eu hoje virei-me para o psicólogo e disse «ok, então agora para obter hormonas o que é que eu

preciso... é preciso fazer um diagnóstico, é preciso fazer isto, isto e isto...». E depois eu disse-lhe que ia para fora para a faculdade. E ele «ah, quando é que é?» e eu «bom, 1 de setembro» e ele «ah, e querias já ir com hormonas e diagnóstico?» e eu «sim» e ele «ok». Portanto... é pelo privado, não é pelo Júlio de Matos, não é pelo Santa Maria. Não. Portanto, por muito que eu individualmente consiga um processo mais rápido... Foi isso que o médico endocrinologista e o psicólogo me disseram, que é um processo mais rápido. É bestial para mim que tenho essa possibilidade. Não só tenho disponibilidade de tempo como alguma disponibilidade de dinheiro. Há pessoas que não têm, e o Estado tem de garantir que isso existe. Portanto, por vezes dá-me vontade de ser encaminhada para o Júlio de Matos só para ir fincar o pé. Só mesmo para ir lá fincar o pé e porque temos de chatear os serviços públicos, e temos de chatear o Bloco de Esquerda, e temos de chatear o PS, e temos de chatear o... não, o PSD não vale a pena.

#### **PORQUE O PROCESSO É MESMO MUITO DEMORADO...**

Sim. Pelo normal *é demorado e é cheio de transfobia e é cheio de as pessoas te tentarem convencer a não o fazer*. Com os médicos com quem eu tenho falado agora nenhum deles me tentou convencer que não.

#### **PORQUE ESTÃO PREPARADOS PARA LIDAR COM ESSE TIPO DE SITUAÇÃO?**

Penso que sim. Sim.

#### **SE CALHAR NO PÚBLICO JÁ NÃO É TANTO ASSIM...**

Exato. Por isso é que a luta continua sempre.

#### **QUAIS FORAM AS MAIORES VANTAGENS QUE A LEI Nº. 7/2011 TROUXE EM TERMOS DE EVOLUÇÃO PARA AS PESSOAS TRANS?**

Lei que é?

#### **ANTES DE 2011 PARA UMA PESSOA PODER ALTERAR O NOME E O SEXO NO REGISTO CIVIL TINHA DE FAZER UMA AÇÃO JUDICIAL CONTRA O ESTADO.**

Ah, exato, ter de processar o Estado. Essa macacada. E meter advogados, e meter processos no tribunal... Sim, é relativamente... sim, é mais simples. E eu que estou agora metida num processo em tribunal, pus um processo em alguém, passaram três meses e eu ainda não ouvi nada da polícia. Ou seja, eu fiz a queixa e ainda ninguém veio falar comigo tipo «olha, gostávamos de um testemunho teu, de uma declaração tua». Já vai em três meses. E era um assunto grave. Tipo, crime público, de menores, grave.

### **E NESTE CASO ERA A MESMA COISA, DEMORAVA IMENSO TEMPO.**

Claro. A Daniela estava a brincar e dizia «bom, isto demora 10 anos». E eu acho que ela estava a falar a sério, são mesmo 10 anos. Agora é relativamente mais rápido. Mas **passámos de pessoas que põe o Estado em tribunal para pessoas doentes, para pessoas um bocadinho menos doentes...** porque antes era um transtorno de personalidade transexual...

### **PERTURBAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÉNERO.**

Isso. Estava no DSM-IV. Depois para o DSM-V já só passou para disforia de género. Ok, menos mal. Em que é que a lei fez diferença? Fez toda a diferença. Porque eu tinha neste momento de pôr um processo no Estado e eu não estava para isso. Não estaria para isso.

### **ACHAS QUE MUITAS PESSOAS DESISTIAM POR CAUSA DISSO?**

Sim. Especialmente as pessoas que não vivem fora do armário. Porque, por exemplo, há pessoas que podem querer partilhar só com a família próxima ou não querer mudar o nome e quererem primeiro ter hormonas, primeiro terem o corpo que querem e depois identificarem-se daquela maneira. Porque também, de certo modo, é muito chato ter um corpo, entre aspas, hiper-feminino e dizer «olá, eu sou o João, tudo bem?». Porque não é este o corpo que nós queremos, e a maneira como ele está não é a maneira que nós queremos.

### **EM CONTEXTOS SOCIAIS AINDA PODEMOS DIZER OUTRO NOME, AGORA QUANDO TEMOS DE ASSINAR UM DOCUMENTO OU QUALQUER COISA, É MAIS COMPLICADO.**

Sim, especialmente quando se quer um nome neutro é tipo «ah, mas eu posso só vestir-me de maneira diferente». Tentamos acomodar-nos, tentamos acachapar-nos às coisas, tentar acomodar-nos. Agora é mais fácil e também é mais secreto. Mais secreto de que modo? **Pôr um processo em tribunal é uma coisa que mexe advogados e mexe... é um Grito do Ipiranga. Ir a uma consulta do Júlio de Matos, eu penso que será uma coisa mais um a um. É o meu problema, eu estou a tratar o meu problema,** com o apoio do Estado porque não tenho culpa nenhuma de ter este problema, que disforia de género é um problema porque é difícil viver com isso. As pessoas trans que não tenham, perfeito, tranquilo, na boa, mas aquelas que têm e querem tratar disso e querem ficar melhor «sim, ok, é o meu processo, o Estado não tem de andar a barafustar a dizer: não, não é nada, não podem mudar o nome». **Por isso sim, esta lei veio mudar muita coisa.**

### **TU TRABALHAS NESTE MOMENTO OU ESTÁS A ESTUDAR?**

Eu tirei um ano de pausa para poder sair de casa dos meus pais e ir trabalhar para poder arranjar algum dinheiro para poder ir estudar para fora. O que aconteceu foi que entretanto eu comecei

este processo em tribunal e teve um efeito depressivo muito grande e houve uma altura em que eu tive de ponderar «ok, volto para casa dos meus pais e tenho a possibilidade de deixar de trabalhar». Porque eu neste momento para trabalhar é muito complicado, não só por questões mentais mas também por questões físicas e decidi «não, eu vou voltar para casa dos meus pais, e rezar para que corra tudo bem, e vou deixar de trabalhar». Agora para fazer face às consultas médicas penso que vou ter de voltar a trabalhar.

#### **SENTISTE DISCRIMINAÇÃO NO TEU LOCAL DE TRABALHO?**

Sim. Maquilhagem, obrigatório. Cabelos compridos são preferíveis. Trabalhei uma vez num restaurante em que nós tínhamos uma minissaia e tínhamos de usar *collants* daqueles semitransparentes. Eu levava *leggings*. Tipo *leggings* daquelas de lã grossa, portanto eu basicamente andava de calças com uma saia por cima e eu «querem-me ver as cuecas? Nem pensar».

#### **OS TEUS PATRÕES NÃO TE DIZIAM NADA?**

Também me despediram uma semana mais tarde. Sim, basicamente eu estive lá uma semana, disse «eu não me identifico nem como um homem nem como uma mulher, eu identifico-me como não-binário» e na semana a seguir disseram «bom, nós na verdade não precisamos que voltes segunda-feira, porque nós estávamos mais à procura de alguém que tivesse mais experiência e tu como vais para Londres não vais poder ficar, então nós queríamos alguém que ficasse mais tempo».

#### **E TU ACHAS QUE FOI POR ISSO?**

Recentemente tenho começado a pensar que foi por isso. E porque eu estava sempre «ok, então e eu não posso ter uma farda masculina também? Não posso uns dias usar uma e outros dias usar outra?».

#### **TINHAS ALGUM RELACIONAMENTO QUANDO INICIASTE O TEU PROCESSO?**

Nunca tive um relacionamento.

#### **ARREPENDES-TE DE ALGUMA COISA QUE TENHAS FEITO DURANTE O TEU PROCESSO, EMBORA SEJA AINDA MUITO RECENTE?**

Pois, então também é uma boa altura para perguntar. Gosto depois quando a pessoa já tem as cirurgias todas é tipo «não, não me arrependo de nada, porque já tenho tudo feito». Acho que agora é a altura, como acabou de acontecer, que «epá, se calhar é melhor não». Fiz aquilo que me foi possível no período de tempo que foi possível e acho que a coisa que eu mais me lembro

é: sempre fui honesto. Sempre fui honesto. Passei o secundário todo a falar de direitos trans e a falar de que eu também devia poder entrar na casa de banho dos rapazes e cheguei a usar a casa de banho dos rapazes umas quantas vezes, depois as pessoas olhavam assim de lado, não diziam nada e eu «ok». Tipo uma fila de dez pessoas para a casa de banho das raparigas, a casa de banho dos rapazes vazia e eu «epá, vocês estão a brincar comigo». Ia à casa de banho dos rapazes. Depois se algum saía de lá para lavar as mãos e via-me a sair ficava tipo «hum? Está bem, ok». Opá, por amor de deus.

**MAS PORQUE É QUE TU ACHAS QUE TENS ESSA FORMA DE PENSAR TÃO DIFERENTE? É QUE JÁ NA ESCOLA, ERAS TÃO NOVO E TINHAS ESSA FORMA DE PENSAR E NÃO FOI A TUA FAMÍLIA QUE TE INCUTIU...**

Não, tipo «de onde é que vêm essas ideias?».

**HÁ PESSOAS QUE TÊM UMA MENTALIDADE MUITO MAIS ABERTA DO QUE OUTRAS. PORQUE É QUE ACHAS QUE ISSO ACONTECE?**

Não, isso é mesmo, foi uma coisa que os meus pais me disseram «isso é das companhias com que tu andas». A questão é: quando eu comecei a falar sobre isso eu estava na escola 40 horas por semana, eu não saía aos fins de semana porque tinha de estudar, não tinha amigos fora dali, e dificilmente amigos lá dentro e não havia ninguém.

**NÃO TINHAS AMIGOS NA ESCOLA?**

Epá, poucos, e a coisa era tremida. Sim, a coisa era tremida. E depois vim a perceber que na verdade são mesmo muito poucos. Muito poucos os que sobram.

**PORQUE NÃO TE COMPREENDIAM?**

Porque não me compreendiam, porque eu tinha sempre boas notas, porque eu conseguia fazer os trabalhos a tempo, porque eu estudava que me fartava. É difícil, porque... eu odeio dizer isto mas às vezes as pessoas têm inveja de quando tu tens bons resultados. Também porque passaste lá as horas a trabalhar, não é só talento, é muito trabalho. E há pessoas que querem achar que com talento a coisa se safa, só se estudarem duas horas.

**DE QUE FORMA O FACTO DE SERES TRANS AFETA A TUA VIDA?**

Eu não sei se hei de dizer «afeta tudo ou não afeta nada». É uma coisa deste género. **Eu acho que ser trans afeta tanto como eu ser vegan, afeta tanto como eu ser radicalmente feminista, afeta tanto como eu ser de Esquerda, afeta tanto como as outras coisas.** É uma parte de mim. O problema é quando esse direito a ser o que sou me é negado. Quando «epá, deixe-me ir à

farmácia buscar testosterona», «não podes, porque há uma lei», «epá, deixe-me ir votar no BE ou no PAN», «não podes, não tens 18», «epá, aquela pessoa está a fazer uma piada racista», «não podes falar porque é o teu patrão». O problema não é eu ser aquilo que eu sou. E trans é mais uma coisa que eu sou”.

#### **PARA TI NÃO TE FAZ DIFERENÇA NENHUMA, MAS...**

Não porque eu não conheço outra realidade. Eu não sei o que é que é não ser.

#### **... MAS O PROBLEMA É QUE AFETA OS OUTROS. É A FORMA COMO LIDAM CONTIGO. É ESSE QUE É O PROBLEMA?**

Não, as pessoas já mal lidam comigo por outras coisas. Nós podemos discutir por bué da coisas. Discutimos porque «epá, estás a ser xenófobo», «epá, isso é uma coisa bué misógina», «sim, estás a comer carne à minha frente e isso é um bocado chato», ou «então tu estás-me a dizer que eu tenho falta de vitaminas quando tu vais morrer de colesterol». Trans é mais uma coisa pela qual eu vou arder no inferno seguramente. Mas é só mais uma coisa.

#### **EM QUE SITUAÇÕES É QUE TE SENTES MAIS DISCRIMINADO NO DIA-A-DIA? OU NÃO SENTES MUITO A DISCRIMINAÇÃO?**

Todos os dias. No que toca a não-binários muita discriminação pela invisibilidade. Nunca me trataram por um pronome masculino. Nunca. Sempre senhora, rapariga, menina. Depois muita discriminação no local de trabalho, porque mais uma vez somos apagados e não nos permitem ter ambas as fardas, ou ter uma farda neutra, quando isso seria perfeitamente possível. E no trabalho é uma... isto também vem por ser lido como mulher. Sempre um sorriso na cara, e sempre tratar as pessoas com todo o carinho e de uma forma hiper-feminina e sensual e atraente, quando estamos ali é para trabalhar. Mas que treta é esta? Eu trabalhei num *call center*, «tem de ter mais simpatia na voz». O que eles queriam dizer é «tens de ter um tom ligeiramente mais agudo e ter mais ar na voz de quem está muito feliz». Estás a trabalhar. No local de trabalho é o pior sítio.

#### **QUAL FOI A SITUAÇÃO QUE MAIS TE MARCOU?**

A situação que mais me marcou foi quando eu quis mudar o meu nome artístico e me chamaram nomes, professores, e me disseram «não faças isso e não podes fazer isso e é um nome feio e isso vai-te estragar a carreira». Qual carreira? E ouvir isso de professores. Quando eles próprios têm nomes artísticos que nem sequer herdaram nem da mãe nem da tia nem da prima. Eles podem ter nomes completamente inventados mas eu não posso tirar o meu nome próprio. E isso foi o que mais me marcou. Isso foi o ato de transfobia que mais me marcou.

## **DE QUE FORMA ACHAS QUE SER TRANS VAI INFLUENCIAR OS TEUS RELACIONAMENTOS FUTUROS?**

Em tudo. Porque quer dizer que se calhar as porcarias que eu tolerava antes já não vou tolerar. Eu acho que não é por ser trans. Eu acho que é por eu ter consciência e dizê-lo abertamente. Porque eu posso ser trans e não dizer nada ou posso ser trans e falar. Agora eu já não vou tolerar companheiros que sejam anti-feministas, não vou tolerar companheiros que digam mal de eu ser isto ou aquilo, dificilmente vou tolerar companheiros de Direita, peço imensa desculpa mas difícil. Trans é outra coisa. *Se não aceitam não estamos no lugar certo. «Epá, há ali outra pessoa, podes desaparecer».*

## **MAS ACHAS QUE ISSO PODE ACONTECER? CONHECERES ALGUÉM E ESSA PESSOA AFASTAR-SE POR CAUSA DISSO?**

*Sim. É muito possível.*

### **PORQUÊ?**

*Porque as pessoas por quem eu me atraio são homens e normalmente são cis. E regra geral são brancos. Eu acho que nunca... tenho muita atração estética por pessoas, especialmente homens de todas as etnias, mas eu ficar romanticamente ligada, até agora só com homens cis brancos. E os homens cis brancos são as coisas mais transfóbicas, mais homofóbicas, mais tudo fóbicas do mundo. Portanto a minha classe demográfica não está com muita sorte, não. Portanto sim, é muito possível.*

## **QUAIS É QUE ACHAS QUE SÃO AS MELHORES FORMAS DE COMBATER A DISCRIMINAÇÃO?**

*Informação. Informação, informação, informação.*

## **ACHAS QUE O ESTADO ESTÁ A FAZER UM BOM TRABALHO NESSE SENTIDO?**

*Um mau trabalho. Acabaram com a Educação Sexual, que já era uma treta. As escolas tinham um horário que era Área de Projeto, ou área de não sei quê, ou integração...*

### **FORMAÇÃO CÍVICA.**

*Formação Cívica. É isso também. Que havia para miúdos de 5º ano e 6º ano falarem de doenças sexualmente transmissíveis e *whatever*, e isso desapareceu. Não há Educação Sexual nas escolas, ou pelo menos não há no 10º, 11º e 12º, que são talvez as zonas em que era interessante estar um bocadinho a falar sobre isso. Eu só descobri que havia a possibilidade de um implante há muito pouco tempo. E porque eu descobri, não porque alguém me disse. Eu acho que é uma falha muito grande. É uma maneira de eu saber que se eu quiser usar isto até ao fim durante três*

anos tenho hipótese de não ficar grávida, de não ter uma menstruação, isso é brutal. Porque é que ninguém me fala disto? E é grátis. Porque é que ninguém me fala disto?

**PORQUE É QUE NINGUÉM FALA DE MUITAS COISAS?**

Porque é que ninguém fala de muitas coisas? Bolas... portanto sim, informação, informação aos pais, informação na televisão, esfregar *primes* em todo o lado...

**POIS, PORQUE NÃO PODE SER SÓ NAS ESCOLAS. OS PAIS TAMBÉM TÊM UM PAPEL IMPORTANTE NA EDUCAÇÃO NOS FILHOS E SE A ESCOLA DIZ UMA COISA E DEPOIS OS PAIS DIZEM OUTRA, TAMBÉM NÃO VAMOS LONGE.**

Sim, exato. Não só na escola, onde os miúdos podem ter informação longe dos pais. Porque se ouvem informação e depois os pais vêm pôr *input* negativo, a informação morreu ali, logo. Ficou cancelada como negativa naquela pastinha. Mas é informação em todo o lado, LGBT em todo o lado, *Queer* em todo o lado... é o que falta.

**QUAL É QUE ACHAS QUE É A MELHOR ABORDAGEM A TER COM PESSOAS TRANSFÓBICAS, DE MODO A FAZERMOS-LAS VER ESTA REALIDADE DE OUTRA FORMA?**

Dar-lhes um psicólogo. Eu acho que pode ser muito paternalista da minha parte, mas *as pessoas não são só transfóbicas*. Como eu já tinha dito, *são sempre outra coisa*. *Quem é xenófobo é xenófobo*. Dificilmente é só transfóbico. E se tem a necessidade de mandar assim tanto ódio em relação a um determinado grupo de pessoas, esse ódio não deve existir só ali, porque também não é uma pessoa que está equilibrada, de certeza. De longe, não está equilibrada. Tem um ódio por pessoas que mudam de género? Porquê? «Porque a minha religião não permite». Vá lá! *Religião não permite, essa está velha*. É como dizer que o terrorismo acontece porque os muçulmanos e o Corão dizem isso. Não, não. São pessoas que querem fazer mal que usam a religião como desculpa. E as pessoas xenófobas são pessoas que querem fazer mal com um x desculpa. E isso não é desculpa nenhuma e de facto o que precisam é de ajuda. Porque eu acho que também há pessoas que eram muito homofóbicas e agora são abertamente gay, ou bi, ou pan. Portanto, ajuda.

## APÊNDICE B4 – ENTREVISTA A ANDREO GUSTAVO

### **EM QUE MEIO NASCESTE? (RURAL OU URBANO)**

Urbano.

### **QUAL É A PALAVRA QUE USAS PARA TE DESCREVER EM TERMOS DE IDENTIDADE DE GÉNERO?**

Transexual ou Género Masculino.

### **EM QUE ALTURA DA TUA VIDA COMEÇASTE A PERCEBER QUE NÃO TE IDENTIFICAVAS COM O TEU SEXO BIOLÓGICO?**

Aos 10 anos de idade houve algo que me dizia que eu ‘não pertencia àquele corpo’, mas a consciência do que aquilo que eu sentia significava só chegou realmente aos 18. Foi depois do processo psicológico que entendi que não me identificava.

### **COMO É QUE FOI O PROCESSO DE DESCOBERTA? O QUE É QUE PENSASTE E SENTISTE QUANDO COMEÇASTE A PERCEBER QUE NÃO TE IDENTIFICAVAS COM O TEU SEXO BIOLÓGICO?**

Com cerca de 18 anos já sentia e pensava muitas coisas (tal como quando tinha 10, 11, 12), no entanto tinha consciência de que falar sobre isso ia gerar confusão. Estava a atravessar uma fase muito complicada na minha vida, sentia-me em baixo, sem vontade para nada, descontente com a vida, muito agressivo, cheguei a praticar violência doméstica e a pensar em suicídio. Foi então que a pessoa com quem namorava na altura me disse para procurar ajuda. E assim fiz. Fui a um psicólogo normal, que, felizmente, me soube encaminhar logo para os médicos em Lisboa da especialidade. Quando comecei a perceber que não me identificava sentia-me realmente mal, queria mudar a todo o custo, queria perceber o que se passava comigo, queria rotular-me, para poder também dizer aos outros o que eu era.

### **QUEM FORAM AS PRIMEIRAS PESSOAS COM QUEM FALASTE SOBRE O ASSUNTO?**

Psicólogo, namorada da altura, irmã e posteriormente pais e amigos.

### **COMO É QUE OS TEUS PAIS REAGIRAM?**

Não sabiam o que dizer, nem o que fazer. Achavam que eu não precisava de mudar nada. Diziam que me amavam como eu era, perguntavam porque é que eu pensava aquelas coisas... se eu não gostava de mim. No entanto, apesar de tudo, sempre me apoiaram.

### **E OS TEUS AMIGOS?**

Foi mais difícil dizer aos amigos, pois também não entendiam o porquê de tudo aquilo. Alguns diziam coisas como «mas hoje em dia a homossexualidade já é aceite, para que queres mudar de sexo?» ou coisas como «Hum? Queres ter uma pilinha?». Ou seja, mostrava muita ignorância da parte deles, pois a identidade de género nada tem a ver com homossexualidade ou querer-se uma pilinha. Alguns aceitaram bem e ajudaram-me no processo. Foi difícil a habituação a tratar no género masculino, mas aos poucos todos acabaram por conseguir. Outros, simplesmente se afastaram, pois preferiam não lidar com a minha mudança.

**QUANDO TE APERCEBESTE DE QUE O TEU GÉNERO NÃO CORRESPONDIA COM O TEU SEXO BIOLÓGICO SENTISTE LOGO NECESSIDADE DE TE VESTIRES DE UMA FORMA MAIS “MASCULINA”, OU ISSO SÓ ACONTECEU PASSADO ALGUM TEMPO?**

Não, nunca senti necessidade de me vestir de uma forma “mais masculina”, mas sim, logo no início do acompanhamento quis, pelo menos, ir comprar a minha primeira *t-shirt* na seção de roupa masculina, e senti-me super bem na altura. Hoje em dia já não ligo muito a isso. Gosto de vestir roupas diferentes, podem até ser mais femininas que eu não me chateio com isso. Mas na altura sim, chateava-me.

**QUAL É A TUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?**

Considero-me heterossexual curioso. Digamos, bissexual. Isto porque já tive namorados, e gostava deles, e já tive relações sexuais com homens, mas nunca foram prazerosas, a não ser quando tinha talvez uns 12 anos e andava a explorar o corpo com rapazes e tinha aqueles namoraditos da altura. Sei que me sinto sexualmente atraído por mulheres, e apenas fisicamente (pelo físico que têm) por homens. Não consegui voltar a ter desejo sexual por homens, mas não deixo ainda assim de dar-me a oportunidade de tentar.

**COM QUE IDADE INICIASTE A HORMONOTERAPIA?**

Com 24 anos.

**FIZESTE CIRURGIAS? FIZESTE OU PENSAS FAZER A CIRURGIA DE REATRIBUIÇÃO SEXUAL?**

Já fiz uma cirurgia (mastectomia). Sim, penso em fazer a de reatribuição sexual.

**QUANDO PERCEBESTE QUE ERAS TRANS E COMEÇASTE A PENSAR MAIS SOBRE ISSO RECORRESTE AO APOIO DE ALGUMA ASSOCIAÇÃO DE APOIO A PESSOAS LGBT?**

Não recorri a apoio de associações, mas sim a grupos só para pessoas trans no Facebook.

**NA TUA OPINIÃO, SER TRANS ESTÁ RELACIONADO COM CARACTERÍSTICAS BIOLÓGICAS E GENÉTICAS OU POR OUTRO LADO TEM QUE VER COM QUESTÕES SOCIAIS, AMBIENTAIS, COM A**

**FORMA COMO A PESSOA É EDUCADA, COM A CULTURA EM QUE SE ENCONTRA, COM O MEIO QUE A RODEIA?**

Na minha opinião é uma mistura dos dois. Mas mais uma coisa que nasce connosco, do que tanto a influência social.

**SOFRESTE DE *BULLYING* NA ESCOLA PELO FACTO DE SERES TRANS?**

Sofri *bullying* na escola pelo facto de ser diferente. Eles não sabiam que eu era trans, nem eu, por esse motivo todo o *bullying* sofrido é homofóbico.

**QUAIS FORAM OS MAIORES OBSTÁCULOS QUE TIVESTE DE ENFRENTAR NA TUA VIDA ENQUANTO PESSOA TRANS?**

Essencialmente o maior obstáculo de todos foi realmente decidir avançar. Levei três anos em acompanhamento psicológico a tentar perceber se era realmente isso que eu queria fazer. O medo de tudo impedia-me de avançar.

Toda a fase de transição é em si muito desafiadora e difícil. A voz muda, os pelos aparecem, as pessoas ainda te tratam no género biológico, é difícil arranjar emprego durante um ano assim, é difícil querer sair à noite ou fazer coisas normais que os jovens tentam fazer e passar despercebido. Ter de receber os olhares das pessoas que não sabem bem se era ‘carne ou peixe’, ter de apresentar sempre cartas dos médicos para poder comprovar a situação, pois o meu BI dizia uma coisa, e a minha aparência começou a dizer outra.

**COM QUE IDADE ALTERASTE O TEU NOME NO REGISTO CIVIL?**

Alterei o registo em 2016, tinha feito 26 anos se não estou em erro. O tempo voa tão rápido que já não sei se foi 2015.

**COM QUE IDADE INICIASTE O TEU PROCESSO DE TRANSIÇÃO?**

O processo de acompanhamento iniciei aos 21 anos, a transição começou a dar-se três anos depois, aos 24. Tive dois anos em testosterona antes de fazer a mastectomia.

**O QUE PENSAS ACERCA DA OBRIGATORIEDADE DE UM DIAGNÓSTICO MÉDICO PARA ALTERAÇÃO DO SEXO?**

Penso que não deveria ser abolido. É uma proteção para situações de perturbações mentais, patológicas ou de desvios de personalidade. Dessa forma, a pessoa em causa é, pelo menos, avaliada psicologicamente.

No entanto, o diagnóstico por si só não garante nada, pois sabe-se que basta pagá-lo e numa hora dão-te um. No entanto, quando as coisas são bem feitas, penso que é útil e vantajoso. Não sei se deveria de facto ter de existir um “diagnóstico” mas penso que as pessoas que passam pelo processo deveriam pelo menos ter um bom acompanhamento psicológico. O problema é que em Portugal isso só existe no privado e, ainda assim, eu só conheço boas equipas em Lisboa. Soube de acompanhamentos feitos em dez minutos cada consulta, em que depois as pessoas iniciam tratamentos hormonais e arrependem-se ou andam anos confusas. Não há, em Portugal, especialidades na área, formações na área, para que os profissionais possam, de alguma forma, ajudar realmente essas pessoas a descobrirem-se.

#### **E DA LISTA DE MÉDICOS HABILITADOS A ASSINAR OS RELATÓRIOS QUE CONFIRMAM OS DIAGNÓSTICOS?**

Essa lista também tem muito que se lhe diga. Ouve-se com cada história! Na minha opinião os médicos habilitados a assinar os relatórios deveriam ser médicos que tivessem tido pelo menos uma especialidade de sexologia, nomeadamente de situações transgénero (e, no nosso caso, transexualidade). Coisa que a ver bem, quase nenhum tirou (Tirando, que eu saiba, a Dra. Íris Monteiro e o Dr. Pedro de Freitas, que foram quem me acompanhou).

#### **SENTISTE-TE SEMPRE COMPREENDIDO PELOS MÉDICOS QUE TE ACOMPANHARAM OU ACHAS QUE AINDA HÁ MUITA FALTA DE INFORMAÇÃO E ABERTURA POR PARTE DA CLASSE MÉDICA EM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES TRANS?**

Nem sempre me senti compreendido. No entanto eu tinha equilíbrio mental para conseguir perceber que a maior parte das vezes em que eu me sentia mais desconfortável eram necessárias, e era porque eles também estavam, de alguma forma, a testar-me. Demorei três anos para lhes dizer que mesmo que eu não fosse transexual, queria avançar para terapia, para perceber realmente se era ou não, pois o “diagnóstico”, na altura, deu negativo! Mas sei de situações muito más, nomeadamente com médicos de família e psicólogos de outras áreas. Mais uma vez a necessidade de formação aqui na área da saúde é indispensável.

#### **ALGUMA VEZ PENSASTE QUE NÃO TINHAS FORÇAS PARA LEVAR TODO O PROCESSO ATÉ AO FIM?**

Sim, pensei, e até me considero muito forte emocionalmente. E sinto que fiz um excelente acompanhamento.

#### **QUAIS FORAM AS MAIORES VANTAGENS QUE A LEI Nº. 7/2011 TROUXE EM TERMOS DE EVOLUÇÃO PARA AS PESSOAS TRANS?**

A meu ver, o facto de se poder mudar o nome no CC sem ter de se impor uma ação judicial contra o Estado Português, e também a desnecessidade dos dois relatórios para iniciar terapia hormonal e mastectomia (no privado). Hoje em dia só precisamos dos dois relatórios, praticamente, para a cirurgia de reatribuição sexual.

**SENTISTE DISCRIMINAÇÃO NO TEU LOCAL DE TRABALHO?**

Sim, trabalhava no aeroporto, tinha de mostrar a minha identificação todos os dias, ao peito. Não me deixaram colocar o nome “social” com que me identificava, e muitas vezes era revistado por mulheres, quando a minha aparência já era totalmente masculina. Isso causava sempre situações desconfortáveis. Em relação aos colegas de trabalho e patronato, sempre foram excelentes comigo, tive muita sorte. Mas acredito plenamente que se eu fosse trans MtF o caso era bem, bem diferente.

**TINHAS ALGUM RELACIONAMENTO QUANDO INICIASTE O TEU PROCESSO? COMO É QUE A PESSOA COM QUEM ESTAVAS LIDOU COM A SITUAÇÃO?**

Sim, namorava há três anos com uma rapariga. Não lidou bem, não queria que eu fizesse a mudança, no entanto apoiou-me a procurar ajuda.

**ARREPENDES-TE DE ALGUMA COISA QUE TENHAS FEITO DURANTE O TEU PROCESSO DE TRANSIÇÃO?**

Nada de nada! Desde que iniciei a terapia hormonal, que tudo começou a endireitar-se.

**DE QUE FORMA O FACTO DE SERES TRANS AFETA A TUA VIDA?**

Bastante. Em situações sociais principalmente. Primeiro porque tive de expôr a todas as pessoas que me conheciam anteriormente, e isso só por si já é muito mau. As pessoas falam muito entre si e mesmo que eu não quisesse que outras pessoas ou desconhecidos soubessem, acabam sempre por saber, porque há sempre alguém que conhece alguém. Depois, o facto de em quase todo o lado ser necessário CC: operações stop (tens de explicar tudo), Centro de Saúde, tens de pedir que digam outro nome que não o teu biológico quando te chamam e explicar tudo, aos médicos, às enfermeiras, a todos. Quando vais a alguma discoteca e te pedem o CC, quando vais a uma casa de banho e as pessoas ficam confusas, quando gostavas de ir à praia mas ainda não tens o corpo que sentes que devias ter, às piscinas, aos balneários e tens sempre de ir à casa de banho trocar-te pois seria um choque ver que não tens lá em baixo aquilo que deverias ter de acordo com o teu “novo” género. Quando queres ir fazer a depilação e não podes pois a pessoa que te vai fazer a depilação terá de saber o que se passa, e sentes receio que vá contar a meio

mundo (já me aconteceu). Há sempre uma sensação de receio, que por mais confiança que a pessoa tenha, está sempre presente.

**EM QUE SITUAÇÕES É QUE TE SENTES MAIS DISCRIMINADO NO DIA-A-DIA? OU NÃO SENTES MUITO A DISCRIMINAÇÃO?**

Eu não sinto neste momento praticamente nenhuma discriminação, pois as pessoas na rua não sabem que já fui mulher. Mas se eu fosse MTF (male to female) acredito que sentiria todos os dias grande discriminação.

**QUAL FOI A SITUAÇÃO QUE MAIS TE MARCOU?**

De todo o processo, ter feito finalmente a mastectomia. Foi um alívio enorme. Uma liberdade brutal. Já não precisava mais de pensar que as pessoas na rua notavam o peito, não tinha de encolher-me, não tinha mais de usar uma banda para o esconder, podia ser livre.

**ACHAS QUE A MENTALIDADE ESTÁ A MUDAR NO QUE DIZ RESPEITO ÀS QUESTÕES TRANS?**

Penso que a mentalidade está a mudar bastante. Mas ainda há muito trabalho a fazer, principalmente a nível da educação, quer em formação a profissionais de saúde ou outros serviços ao público, como na educação a escolas, universidades, etc.

**DE QUE FORMA ACHAS QUE SER TRANS PODE INFLUENCIAR OS TEUS RELACIONAMENTOS FUTUROS?**

Influencia imenso, deixo de estar tão confiante, não me aproximo logo das pessoas, não posso ter uma noite de loucura com ninguém pois, neste momento, ainda não tenho um genital compatível com o género masculino. Por esse motivo, fica extremamente difícil deixar alguém entrar na minha vida, e permitir-me a isso.

**QUAIS É QUE ACHAS QUE SÃO AS MELHORES FORMAS DE COMBATER A DISCRIMINAÇÃO?**

Educação! Mais educação acerca do assunto nas escolas, universidades, centros de saúde e formação, programas de televisão, etc.

**ACHAS QUE O ESTADO ESTÁ A FAZER UM BOM TRABALHO NESSE SENTIDO?**

Não consigo dizer, pois não sei ao certo o quanto já fazem.

**QUAL É QUE ACHAS QUE É A MELHOR ABORDAGEM A TER COM PESSOAS TRANSFÓBICAS, DE MODO A FAZERMOS-LAS VER ESTA REALIDADE DE OUTRA FORMA?**

Informar acerca do que é realmente a transexualidade, fazê-las conviver e ser amigas de pessoas trans sem elas saberem, e depois revelar que são. Iam ver como mudavam logo de opinião.

## APÊNDICE C – QUADROS DE SINOPSES

### APÊNDICE C1 – QUADRO DE SINOPSE DA ENTREVISTA À DRA. MARGARIDA FARIA

<b>Categorias de Análise</b>	<b>Subcategorias de Análise</b>	<b>Excertos da Entrevista</b>	<b>Análise</b>
<b>AMPLOS</b>	<p>Fundação da Associação</p> <p>Dúvidas e dificuldades mais frequentes dos pais que pedem apoio à AMPLOS</p>	<p><i>“Surgiu quando percebi que tinha uma filha lésbica, depois quando percebi que havia poucos amigos dela cujos pais sabiam, portanto havia uma enorme necessidade de haver uma organização de pais. Eu própria também tinha muita vontade de conhecer outros pais. E depois perceber que a luta pelos direitos LGBT também me dizia respeito como mãe”.</i></p> <p><i>“Normalmente é tentar ter alguém que os oiça (...) não têm ninguém com quem falar e querem que se lhes retire o peso da culpa e da vergonha que sentem, porque infelizmente ainda há muito esse tipo de perspectiva. E depois querem ser apoiados (...) Se são pais de pessoas trans normalmente também querem saber quais são os apoios médicos e muitos dos pais de pessoas trans precisam sobretudo de saber que apoios médicos é que existem no país”.</i></p> <p><i>“A questão da aceitação às vezes existe mas não conseguem é lidar com a informação, umas vezes estão em negação, acham que é uma fase, que vai passar, querem quase que a gente lhes diga que sim, vai passar”.</i></p>	<p>A ideia de criar a AMPLOS surgiu quando a filha da Dra. Margarida lhe contou que era lésbica e ela se apercebeu de que havia a necessidade de existir uma organização de pais cujos filhos são homossexuais ou trans, de forma a que pudessem partilhar as suas dúvidas e preocupações.</p> <p>Geralmente os pais querem falar com alguém sobre o assunto, alguém que os compreenda, e querem saber que apoios existem para os seus filhos.</p> <p>Muitas vezes os pais aceitam a homossexualidade ou a transexualidade dos filhos, mas não sabem como lidar com a situação.</p>
Medidas anti-discriminação trans (informação)	<p>Na classe médica</p> <p>Na escola</p>	<p><i>“Eu acho que devia haver informação logo dos pediatras e das pessoas que acompanham as crianças desde pequenas. (...) há pouca informação da própria classe médica. (...) E em relação à própria escola também se devia falar mais sobre isso”.</i></p> <p><i>“Os manuais escolares de algumas regiões de Espanha já admitem estas quatro características humanas. E é fundamental, não só para as crianças</i></p>	<p>As medidas anti-discriminação, segundo a Dra. Margarida, têm de passar pela informação. Uma das formas de dar essa informação aos pais seria através dos pediatras.</p> <p>Em relação à escola, as questões trans deveriam ser abordadas nos manuais escolares. Deveriam ser</p>

	<p>Na sociedade</p> <p>Estado</p>	<p><i>serem integradas no meio escolar, mas para os próprios se integrarem a si próprios, para não se sentirem tão diferentes, por perceberem que até o próprio sistema educacional as reconhece. A ideia que há é que se assim for estas crianças não vão querer operar-se provavelmente, vão conviver bem”.</i></p> <p><i>“Logo que um bebê nasce tem de estar todo vestido de azul se for rapaz, tem de estar todo vestido de rosa se for rapariga e uma das coisas que nós achamos que é fundamental é começar-se a divulgar uma imagem mais neutra de género, uma imagem não-binária logo desde a primeira infância, envolver as indústrias do brinquedo, envolver as escolas (...). Um dos choques das pessoas trans quando têm de perceber o seu género e a sua identidade é, no fundo, confrontarem-se com uma sociedade que é tão binária e que não admite sequer nuances entre o feminino e o masculino”.</i></p> <p><i>“Eu acho que podia fazer mais, sobretudo ao nível escolar, ao nível da formação dos médicos (...) A própria formação, o próprio curso de medicina é muito incompleto em relação a estas questões, e portanto eu acho que se podia fazer bastante mais”.</i></p>	<p>incluídas as diferentes possibilidades de género: meninos que nascem com o sexo feminino e meninas que nascem com o sexo masculino.</p> <p>A sociedade está muito direcionada para os binarismos de género, nos mais pequenos gestos e comportamentos, o que dificulta o processo de afirmação das pessoas trans. Essa é uma questão que deveria mudar, através da divulgação de uma ideia mais neutra de géneros.</p> <p>As medidas anti-discriminação não são suficientes porque não dão a visibilidade suficiente às questões trans, que deveriam ser mais discutidas em diversas áreas, nomeadamente na escola e na formação dos médicos.</p>
Não-binarismo		<p><i>“Eu conheço várias pessoas que são não-binárias em Portugal e sofrem por serem não-binárias, porque a sociedade está toda construída para o binarismo, mas eles não sei... não existe um movimento reivindicativo forte e eu acho que tem de ser mesmo uma reivindicação dos próprios”.</i></p> <p><i>“O género neutro deve ser mais para as pessoas que já perceberam que estão numa indefinição de género, e terem a possibilidade de se registarem com um género neutro pode ajudar”.</i></p>	<p>Em relação aos pronomes neutros, a Dra. Margarida admite que é uma questão complicada para as pessoas não-binárias, que têm de ser “definidas” com um dos géneros, embora não se identifiquem totalmente com nenhum dos dois. Porém, tem de ser a própria população a fazer essa reivindicação.</p>
Legislação atual	Diagnóstico	<p><i>“Agora para a identificação em termos dos documentos civis eu acho que é um abuso ser um médico a definir o que a pessoa é”.</i></p> <p><i>“(...) nós não sabemos o que é uma pessoa ter de afirmar a sua identidade. Isto é de uma violência absolutamente inacreditável. E depois dizem «não, o</i></p>	<p>O diagnóstico médico, na opinião da Dra. Margarida, é um abuso, porque a identidade de cada um não deveria estar nas mãos de um médico. Esta decisão, por vezes, é tomada com base em pequenos detalhes da</p>

	Lista de médicos autorizados a assinar relatórios	<p><i>teu cabelo está pintado de vermelho, por isso não é uma pessoa trans, é uma pessoa com uma perturbação mental», e tomam decisões que têm implicações fundamentais na vida das pessoas”.</i></p> <p><i>“(…) os dois diagnósticos que os médicos portugueses inventaram, na lei só está um diagnóstico. (…) A lei não fala de duas avaliações, fala de uma avaliação médica. E até fala de médicos no estrangeiro”.</i></p> <p><i>“Não precisamos de um diagnóstico para sabermos quem somos. Pôr nas mãos da classe médica a nossa própria avaliação é uma coisa efetivamente inacreditável”.</i></p> <p><i>“Ah, isso é uma arbitrariedade, isso não estava na lei”</i></p>	<p>peessoa, que não deveriam ser suficientes para definir a identidade de alguém e comprometer toda a sua vida.</p> <p>O procedimento médico atual não é o que está na lei, que apenas exige um diagnóstico médico, sem referir quais são os médicos habilitados a assinar esse relatório.</p> <p>Por isso, também a lista de médicos autorizados a assinar o relatório não faz sentido para a Dra. Margarida.</p>
Propostas de lei	<p>Diminuição da idade mínima para mudança de sexo</p> <p>Autodeterminação de género</p>	<p><i>“Nós até defendemos não haver limite de idade para mudança dos registos civis. Mas não vamos conseguir convencer ninguém”.</i></p> <p><i>“O que nós estamos a tentar é que os pais dos miúdos de 14 anos cheguem à frente a dizer que os filhos já deviam ser reconhecidos legalmente porque já são do género que eles próprios se atribuíram em casa, no meio escolar, e porque não nos documentos de identidade? (…) Se a criança já sabe quem é aos 7 anos para quê esperar até aos 16 anos? É toda a infância que é hipotecada”.</i></p> <p><i>“Mas sim, acho que com discussão (…) acaba por ser aprovado, porque há muitas indicações do Conselho da Europa para uma versão bastante mais avançada do que esta lei”.</i></p>	<p>Quanto às propostas atuais apresentadas pelo BE, pelo PAN e pelo governo, a Dra. Margarida concorda, e vai ainda mais longe, defendendo que não deveria haver idade mínima para a mudança de sexo no registo civil.</p> <p>O facto de uma criança, que percebe a sua identidade de género logo na infância, ter de esperar até ter 16 anos para ser reconhecida com o sexo com que se identifica compromete toda a sua infância.</p> <p>Acredita que a proposta da autodeterminação de género será aprovada.</p>
Evolução da lei	Lei nº. 7/2011	<i>“Trouxe uma evolução importantíssima, que foi a possibilidade de as pessoas poderem mudar os seus registos sem terem de pôr um processo contra o Estado, sem terem de ir a tribunal, e facilitou imenso a vida a muita gente, porque muito rapidamente muitas pessoas trans alteraram os seus registos de identificação”.</i>	Em relação à lei nº. 7/2011 diz que melhorou muito a vida das pessoas trans, que a partir daí puderam alterar o seu nome e sexo no registo civil sem pôr um processo contra o Estado.
Falhas nos cuidados de saúde públicos para pessoas	Falta de médicos e de cuidados de saúde no SNS	<p><i>“Há, há. Eles dizem que sim, lá na URGUS em Coimbra”.</i></p> <p><i>“(…) não funciona porque há listas de</i></p>	Os médicos da URGUS dizem que estão a efetuar cirurgias de reatribuição sexual, embora a

trans	Falta de informação / abertura por parte dos médicos	<p><i>espera e porque não há grande interesse dos próprios médicos do SNS em fazer as cirurgias. (...) o que nós sabemos é que pessoas com muito poucos meios económicos vão para o privado”.</i></p> <p><i>“São muito técnicos na maneira de atuar”.</i></p> <p><i>“(…) a classe médica que faz os tais diagnósticos é má, é mal formada, portanto estas pessoas contam histórias absolutamente inacreditáveis daquilo que passaram para conseguir a porcaria do papel para poderem... histórias inacreditáveis”.</i></p>	<p>informação acerca do assunto não coincida. Na opinião da Dra. Margarida, o processo é muito lento porque os médicos não estão muito interessados em efetuar as cirurgias, o que leva muitas pessoas a recorrer a clínicas privadas.</p> <p>Aponta à classe médica a falta de formação para lidar com as questões trans.</p>
Desenvolvimento da Identidade de Género	Perceção da Identidade de Género	<p><i>“As pessoas trans são trans desde os 5 anos”.</i></p> <p><i>“Claro que às vezes é só na idade adulta porque a pessoa nem percebe que isso é uma possibilidade. Eu conheço pessoas trans que só aos 20 anos é que perceberam que aquele seu desconforto e aquela sua situação tinha um nome e tinha um enquadramento e correspondia a uma população que existe no mundo e que existe em todas as culturas”.</i></p>	<p>Geralmente as pessoas apercebem-se da sua identidade de género logo na infância. Porém, em muitos casos as pessoas sentem-se desconfortáveis com o seu sexo mas não têm conhecimentos acerca das questões trans e, por isso, só na adolescência ou na fase adulta é que percebem que se identificam com o sexo oposto.</p>
Definição de trans	<p>Trans</p> <p>Transgénero</p> <p>Transexual</p>	<p><i>“Nós falamos em pessoas trans. Há definições que estão em glossários mas eu penso que isso é do foro individual”.</i></p> <p><i>“Uma pessoa transgénero é uma pessoa que desafia o género de uma forma mais de expressão de género. (...) são transgénero porque estão a transgredir na expressão de género. (...) Portanto, quando coincide o género com o sexo atribuído à nascença mas há uma transgressão do ponto de vista da expressão, da imagem, são as pessoas transgénero”.</i></p> <p><i>“Transexualidade está associada realmente a uma transição social definitiva, de alguma maneira”.</i></p>	<p>Para a Dra. Margarida, a palavra mais adequada para descrever pessoas que não se identificam com o seu sexo biológico é a palavra “trans”.</p> <p>Na sua opinião, a palavra “transgénero” está mais relacionada com questões de expressão de género, e não tanto de identidade.</p> <p>Transexualidade, por outro lado, diz respeito a pessoas que não se identificam com o seu sexo e que, de alguma forma, o pretendem alterar.</p>

Dificuldades das pessoas trans	Sociais	<i>“É uma sociedade que os julga permanentemente, de uma forma preconceituosa e que pode levar ao suicídio. Aliás, é a população com maior índice de suicídio”.</i>	As maiores dificuldades sociais das pessoas trans prendem-se com os julgamentos constantes, que em muitos casos levam ao suicídio.
	Pessoais	<i>“Depois é a própria exigência deles com eles próprios em relação ao corpo, o que tem a ver com fazerem o seu coming out aos 20 e tal, 30 anos, e de repente querem mostrar-se de acordo com o corpo o mais estereotipado possível, e a população trans tem muito isso, e querem fazer sucessivas operações e isso é muito autodestrutivo da personalidade, porque são coisas muito violentas do ponto de vista físico”.</i>	Do ponto de vista pessoal, é um processo autodestrutivo quando as pessoas têm uma enorme necessidade em afirmar-se de acordo com o género com que se identificam.

Fonte: própria, adaptada de Isabel Guerra, 2006.

## APÊNDICE C2 – QUADRO DE SINOPSE DA ENTREVISTA A DANI BENTO

<b>Categorias de Análise</b>	<b>Subcategorias de Análise</b>	<b>Excertos da Entrevista</b>	<b>Análise</b>
Definição identitária		<i>“(…) costume falar do facto de ser uma mulher trans, porque é isso que o sistema me permite ser, o sistema só me reconhece como mulher, e enquanto pessoa não-binária, porque nós costumamos definir o que é que é a masculinidade e a feminilidade espectralmente, no sentido em que as pessoas estão dentro de dois opostos em que ninguém perfeitamente está num pólo ou perfeitamente está no outro. Para mim ser não-binário é um cruzamento de experiências, ou seja, nós temos um pólo masculino e um pólo feminino e eu não estou no espetro, eu estou no espaço. E é isso que define a minha identidade, porque eu sou um cruzamento de experiências e características de personalidade e características físicas e expressividades e corporalidades que está no espacial, não consigo pôr dentro de uma caixinha espectral, está simplesmente no espaço”.</i>	A Dani define-se como uma pessoa não-binária porque não se identifica totalmente nem como homem nem como mulher. O seu género não é algo fixo, não pode ser definido de acordo com os binários feminino / masculino, situa-se no espaço, é fluído.
Processo de descoberta		<i>“O meu processo passou por várias fases. Primeiro isto tem a ver um bocadinho também com fatores sociais porque eu vim de uma terra altamente conservadora, religiosa, pequenina, num meio pequeno”.</i>	Nasceu num meio pequeno e conservador e, por isso, não foi fácil assumir, mesmo perante si própria, a sua não-binariedade.

		<p><i>“Era uma coisa muito às escondidas (...) eu pensava que aquilo era tudo muito teórico, era muito da minha cabeça. (...) com as questões problemáticas pessoais e em casa e tudo o mais, um clima altamente opressor, as coisas foram ficando um bocado mascaradas”.</i></p> <p><i>“Quando eu vim para Lisboa basicamente mudei literalmente de mundo. (...) E comecei a explorar-me identitariamente, comecei a explorar-me enquanto expressões de género alternativas, enquanto expressões de género femininas, a ser reconhecida enquanto ela em muitos sítios, a performar enquanto ela”.</i></p> <p><i>“(…) não é a maneira como me expresso (...) mas há qualquer coisa identitária em mim que me diz que eu deveria seguir um caminho”.</i></p>	<p>Vivia num clima opressor, sem liberdade de pensamento e de conhecimento sobre estas questões, e por isso durante toda a infância e adolescência sempre reprimiu o que sentia quanto à sua identidade de género.</p> <p>Quando se mudou para Lisboa, Dani conheceu mais pessoas que não se identificavam com o seu sexo biológico, que tinham expressões e identidades de género diferentes, e foi aí que começou a conhecer-se a si própria. No início, começou a explorar novas expressões de género, mas só mais tarde percebeu que era uma questão da sua própria identidade, e não apenas da forma como se expressava.</p>
<p>Processo de afirmação (“Coming Out”)</p>	<p>Núcleo familiar</p> <p>Núcleo de amigos</p>	<p><i>“Cheguei a falar com a minha mãe também na altura, mas a minha mãe pensou que era uma fase e dizia-me sempre: «ah, mas tu vais arranjar uma mulher e ter filhos».</i></p> <p><i>“O meu pai soube pela televisão. Eu não tenho uma relação com o meu pai há algum tempo. A minha mãe é que sabe e neste momento já lida com as coisas mais ou menos”.</i></p> <p><i>“As primeiras pessoas foram amigos que na altura viviam comigo e na altura o meu psiquiatra”.</i></p> <p><i>“Só comecei a falar disto aos 19/20 anos”.</i></p> <p><i>“(…) alguns amigos sabiam mas era do tipo «nós sabemos, mas desde que não seja ao pé de mim»”.</i></p> <p><i>“(…) eu tive de mudar drasticamente de grupo de amigos porque muitos amigos com quem eu me dava, quando eu abri a minha forma de ser, (...) sentiam-se embaraçados em sair comigo, ou tinham muita dificuldade em tratar-me pelo pronome correto, ou estavam sempre a dizer que isto não existia”.</i></p>	<p>Não contou ao pai porque não mantém uma relação próxima. A mãe, apesar de não ter sido um processo fácil, agora já aceita melhor.</p> <p>Recorreu a um psiquiatra para falar sobre a sua identidade de género e desabafou com amigos, porém só o fez após a adolescência. Passou muito tempo em silêncio.</p> <p>Quando finalmente se assumiu, não foi muito bem aceite pelos amigos. Teve de mudar de círculo de amigos.</p>

		<p><i>“(…) explicitamente só comecei a falar com um grupo de amigos, depois quando comecei a frequentar comunidades de crossdressing comecei a abranger mais pessoas, comecei a conhecer pessoas dentro do meio, e depois aos poucos fui tentando…”.</i></p> <p><i>“Acabei por mudar muito o meu esquema relacional e optar por pessoas que compreendem ou pelo menos têm mais facilidade em compreender”.</i></p>	<p>Fez novos amigos quando se mudou para Lisboa, em grupos de <i>crossdressing</i> que passou a frequentar, e foi aí que conheceu pessoas que enfrentavam a mesma realidade e os mesmos obstáculos quanto à expressão e identidade de género.</p>
	Sociedade	<p><i>“(…) se eu me queria expressar de uma determinada maneira tinha de estar com determinadas pessoas porque eram aquelas pessoas que também se expressavam daquela maneira e também tinham de se refugiar da sociedade para o fazer”.</i></p>	
	Trabalho	<p><i>“Começo um trabalho novo e pensar «ok, será que vou fazer out aqui? Será que vou dizer às pessoas que sou trans? Será que não? Será que tenho essa necessidade?»”.</i></p>	<p>Sempre que inicia um trabalho novo depara-se com a dúvida se deverá ou não assumir a sua identidade de género.</p>
Processo de transição	Expressão	<p><i>“A minha tentativa de me expressar de maneiras diferentes era conforme os ambientes onde eu estava também. Havia ambientes onde eu conseguia carregar muito mais a minha feminilidade, havia ambientes onde eu não consegui fazer tanto isso”.</i></p> <p><i>“(…) antigamente, como era uma coisa que eu fazia mais às escondidas, ou mais raramente, porque tinha de me controlar, havia quase uma necessidade intensa de naqueles poucos tempos que posso então demonstro o que posso. E agora essa pressão reduziu-se. Agora sou muito mais fluída, nuns dias pareço literalmente um rapazinho, noutros dias pareço literalmente uma rapariga”.</i></p>	<p>Quando iniciou o seu processo de transição tentou expressar-se de uma forma mais feminina. Porém, tinha sempre em atenção o ambiente em que estava. Em alguns lugares, não tinha esse à vontade.</p> <p>No início, sempre que podia expressar-se de uma forma mais “feminina” tentava fazê-lo ao máximo, aproveitar o mais possível aquele momento enquanto “mulher”. Porém, neste momento expressa-se da forma que lhe apetece, o que pode variar de dia para dia.</p>
	Hormonas / cirurgias	<p><i>“(…) comecei a fazer hormonoterapia o ano passado, comecei a fazer bloqueadores de testosterona durante um ano praticamente (…) e comecei o estrogénio há dois ou três meses”.</i></p> <p><i>“(…) eu só comecei a fazer hormonização há pouco tempo, a nível de estrogénios. Não deu tempo suficiente de a mama ter crescido. Ainda não sei quanto é que vai ficar, até posso ficar satisfeita e não preciso da mamoplastia.</i></p>	<p>Iniciou o processo de hormonoterapia há pouco mais de um ano, ou seja, passado muito tempo de ter descoberto a sua identidade de género.</p> <p>Quanto às cirurgias, pensa fazer a mamoplastia apenas no caso de não ficar satisfeita com o resultado da hormonoterapia.</p>

		<p><i>Mas sim, se precisar sim”.</i></p> <p><i>“Gostava [de fazer a cirurgia genital] um dia mais tarde. Mas não agora”.</i></p>	<p>Pensa na possibilidade de fazer a cirurgia de reatribuição sexual, mas não é uma prioridade neste momento, até porque o processo está praticamente parado em Portugal a nível do SNS.</p>
Não-binarismo		<p><i>“(…) a minha identidade corporal era sempre muito próxima àquilo que é a identidade feminina, àquilo que é socialmente lido como feminino”.</i></p> <p><i>“Uma das coisas interessantes da minha identidade neste momento é eu identificar-me com a minha masculinidade mas não me identificar como homem. Também tem a ver com o meu não-binarismo, eu não abandono a minha masculinidade, não abandono a minha feminilidade, mas não me identifico com o persona homem social que nós conhecemos”.</i></p> <p><i>“(…) eu olho para mim e já não sou capaz de dizer «as minhas mamas estão a crescer, pareço mais mulher». Não, as minhas mamas estão a crescer porque eu gosto delas assim. (...) É simplesmente uma coisa de que eu gosto e que faz-me sentir bem e nesse sentido não tem uma referência a ser mulher, tem uma referência simplesmente àquilo que sou eu. (...) entre tudo aquilo que eu faço retiro completamente o género, porque eu acho que as coisas não têm género”.</i></p>	<p>Embora não se identifique totalmente com o conceito de “mulher”, sempre teve um lado feminino muito vincado, tanto a nível corporal como identitário.</p> <p>Para Dani, ter mamas não é uma característica feminina, é apenas uma característica de que ela gosta, porque para ela as coisas não têm género.</p>
Identificação quanto à prática relacional	Poliamor / Anarquia-relacional	<p><i>“Sim, eu passei pela minha fase poliamorosa, mas agora neste momento já me identifico mais com a anarquia-relacional”.</i></p> <p><i>“(…) no poliamor tu tens estruturas e as pessoas sabem identificar claramente quem é que são namorados, quem é que são parceiros, quem é que são amigos, etc. Na anarquia-relacional a base, a premissa essencial (...) é dizer: não há rótulos para as relações. Não há amigos, nem amigos coloridos, nem namorados, nem pessoas dentro de caixinhas. Há relações e as dinâmicas das relações fluem simplesmente”.</i></p>	<p>Dani defende a liberdade relacional e, neste sentido, durante algum tempo definiu-se como uma pessoa poliamorosa. Porém, descobriu o conceito de anarquia-relacional e percebeu que englobava uma liberdade ainda maior, e que era isso que queria para a sua vida, sobretudo porque nesta prática relacional as pessoas não são colocadas “em caixinhas”, não têm rótulos, somos aquilo que quisermos ser, no momento que quisermos ser.</p>
Identificação quanto à orientação	Pansexualidade	<p><i>“Eu defino-me como pan. (...) eu gosto de todas as pessoas e não percebo porque é que as pessoas só gostam de</i></p>	<p>Explica que no início se definia como uma pessoa bissexual, uma vez que se</p>



		<p><i>Será que não me vão ler corretamente? Será que vou ser barrada à porta? Será que não vou ter problemas?». Porque muitos sítios não são muito gay friendly”.</i></p> <p><i>“ (...) tinha de estar sempre a pensar «onde é que eu vou e como é que eu posso ir?»”.</i></p> <p><i>“(…) nós somos lidas muito como curiosidade e isso é um problema porque depois é muito difícil distinguir o que é uma relação puramente relacional e amorosa e sexual ou quando estamos a ser fetichizados e como objeto de curiosidade”.</i></p> <p><i>“(…) um colega meu cumprimentou toda a gente e depois chegou ao pé de mim e não sabia o que é que havia de fazer. E depois ficou muito nervoso (...). E isto não tem a ver com a pessoa estar-me a discriminar diretamente a mim, mas tem a ver com uma fobia internalizada dele, que é tipo «eu não posso beijar homens»”.</i></p> <p><i>“(…) um colega meu, nós saímos à noite, (...) e a gente estava na nossa e tudo muito bem e (...) tendo em conta que na altura que eu fiz o coming out no trabalho toda a gente passou a saber quem eu era (...) e depois durante a noite ele beijou-me e não sei quê, mas foi porque estávamos às escuras. Quando acenderam as luzes ele afastou-se e ignorou-me completamente”.</i></p> <p><i>“Nós por exemplo chamamos gay, larilas, panisga e traveca com uma facilidade doida, porque é internalizado. As pessoas não questionam que isto tem impacto real em determinadas pessoas”.</i></p> <p><i>“(…) é um mundo um bocado triste, que tem um impacto muito grande a nível da prostituição, e é muito esta noção estereotipada que nós temos das pessoas trans”.</i></p> <p><i>“Temos feito alguns passos, é verdade.</i></p>	<p>vir a ter problemas de discriminação.</p> <p>O fetichismo é também uma forma de discriminação. Quando se envolve com alguém, muitas vezes fica na dúvida se a intenção da outra pessoa é autêntica ou se se trata de um fetiche pelo facto de ser trans.</p> <p>Em muitas situações, mesmo que a pessoa não tenha preconceitos relativamente à transexualidade, surgem momentos constrangedores porque a outra pessoa não sabe como lidar com a situação, não quer ser “mal interpretado” pelos outros, tem vergonha ou medo da opinião dos amigos.</p> <p>A forma como falamos das pessoas homossexuais ou trans, embora por vezes não tenha uma carga intencionalmente negativa, pode magoar essas pessoas.</p> <p>A pornografia trans, para Dani, representa a ideia que as pessoas de um modo geral têm acerca das pessoas trans: uma imagem de que estas pessoas se dedicam, em grande medida, à prostituição.</p> <p>Considera que a</p>
	Fetichismo		
	Fobias internalizadas		
	Ideias pré-concebidas que geram discriminação		
	A discriminação		

	está a diminuir?	<i>Ou seja, as coisas não é que tenham diminuído mas são mais discutidas”.</i>	discriminação não está a diminuir, mas que existe uma maior preocupação, de um modo geral, em discutir os assuntos relacionados com a transexualidade.
Dificuldades das pessoas trans	Sociais	<i>“Para não falar das microagressões constantes, muitas vezes as dificuldades é fazer coming outs”.</i>	Dani aponta como as maiores dificuldades das pessoas trans as microagressões diárias e o facto de terem de estar constantemente a afirmar quem são.
	No trabalho, na escola, com a família	<i>“E então as pessoas acabam por procurar um sítio novo para reestruturar a vida inteira, e isso é difícil. Porque muitas vezes por muitos processos que as pessoas façam as pessoas não ficam indiferentes depois às microagressões constantes, a pessoa ter medo de ser reconhecida, mesmo que por vezes passe anos (...) ou tenha percalços por causa disso”.</i>	O medo de lidar com as pessoas após a transição leva a que muitas pessoas decidam mudar de cidade, de escola, de trabalho, ir para onde ninguém as conhece. Porém, mesmo assim vivem com o medo de serem reconhecidas.
	Nas relações amorosas / sexuais	<i>“(…) muitos professores rejeitam completamente as identidades das pessoas, no trabalho é o risco de ficar sem trabalho, a família é o risco de ficares sem casa, porque há muitas famílias ainda altamente conservadoras”.</i>	Muitas vezes as pessoas sofrem por não serem reconhecidas com o género com o qual se identificam e decidem afirmar-se. Porém, quando o fazem sofrem também porque não estavam preparadas para lidar com a discriminação que pode vir mesmo dos núcleos mais próximos, como a família, os colegas de escola ou de trabalho...
		<i>“Em termos de relações amorosas depois isto é um problema, porque as pessoas estão muito divididas entre genitálias masculinas e genitálias femininas e depois tu de repente «olha mas eu sou uma mulher mas tenho um pénis»”.</i>	Dani destaca como principal problema nas relações amorosas e sexuais o facto de as pessoas trans terem de se afirmar logo desde o início, dizer que é uma mulher mas tem pénis, ou que é um homem mas tem vagina. Isto obriga a que estas pessoas falem sobre um assunto íntimo com pessoas que mal conhecem. Por outro lado, se não o fizerem estão sujeitos a problemas maiores, como a violência.
Medidas anti-	Legislativas	<i>“(…) a nível legal ainda temos um passo</i>	A lei portuguesa não está



	<p>Lista de médicos autorizados a assinar os relatórios</p>	<p><i>“(…) dizer às pessoas que «se vocês não tiverem este papel, vocês não são quem são», isso é drástico e problemático. E desta forma meter medo às pessoas é problemático.</i></p> <p><i>“(…) se as guidelines internacionais já estão neste caminho porque é que nós, sistematicamente, temos médicos a dizer que não, que isto é uma doença?”.</i></p> <p><i>“Alguns médicos fazem com que as pessoas... porque acham que elas têm de ser mais femininas ou mais masculinas para alterar o seu nome. Por isso é que a lei está completamente deturpada pela classe médica. Por isso é que nós muitas vezes dizemos que estes diagnósticos não têm grande valor, porque isto está manipulado”.</i></p> <p><i>“Tem um grande problema, que é: limita-te”.</i></p> <p><i>“Primeiro, a lei atual permite acesso a todos os portugueses, a todos os cidadãos portugueses residentes em Portugal ou no estrangeiro, que tenham idade superior a 18 anos. Ora, o que é que acontece? As pessoas que vivem no estrangeiro não têm possibilidade porque os médicos estão todos em Portugal”.</i></p>	<p>Os <i>Standards of Care</i> já não entendem a transexualidade como uma doença, porém em Portugal continua a ser necessário que os médicos diagnostiquem as pessoas trans com disforia de género para que estas possam mudar de sexo.</p> <p>Enquanto a lei obriga a um diagnóstico, os médicos exigem dois, mais a aprovação da Ordem dos Médicos.</p> <p>A lista de médicos autorizados a assinar os relatórios não consta na lei, e limita as pessoas no sentido em que estas têm de se dirigir àqueles médicos em específico para obter os relatórios. Quem está no estrangeiro tem de vir a Portugal para obter o diagnóstico.</p>
Evolução da lei	Autodeterminação de género	<i>“Pelo menos a autodeterminação está quase garantida, porque foram os vários partidos a defender o mesmo. Mas seria importante porque para muita gente seria um passo enorme. (...) isto faz com que a gente separe completamente a esfera legal da esfera clínica”.</i>	Para Dani é fundamental que haja uma separação da esfera legal da esfera clínica. E a autodeterminação de género, o fim da obrigatoriedade de ter um diagnóstico médico, representa uma grande evolução na liberdade das pessoas trans.
Falhas nos cuidados de saúde públicos para pessoas trans	<p>Falta de médicos e de cuidados de saúde no SNS</p> <p>Falta de informação / abertura por parte dos médicos</p>	<p><i>“Houve-se falar no Porto, que está a começar a fazer, mas as coisas vão a um ritmo devagar. A URGUS em Coimbra está parada, não há grande informação, não se sabe grande coisa...”.</i></p> <p><i>“Muitas vezes, quando tu dizes «não, eu quero fazer as coisas à minha velocidade», as coisas não são muito bem vistas. Se eu chegasse agora e dissesse ao meu médico que não quero fazer uma cirurgia agora, quero fazer daqui a dois ou três anos, que é quando</i></p>	<p>Existem poucos médicos e poucas unidades de saúde públicos a fazer a cirurgia de reatribuição sexual.</p> <p>A falta de liberdade das pessoas trans para fazerem o processo de mudança de sexo ao seu ritmo causa muita pressão.</p>

		<p><i>acho que devo fazer, ia achar que estava com dúvidas e então acabou tudo ali. E isso exerce uma grande pressão”.</i></p> <p><i>“O problema é que (...) [no] sistema de saúde existe muita pressão para que tu faças as coisas num caminho específico, para te tornares a verdadeira mulher ou o verdadeiro homem”.</i></p> <p><i>“Eu sou acompanhada e acho muita piada porque o meu médico nunca me perguntou como é que eu me sinto. Avalia a minha identidade, tenta-me consecutivamente perguntar o que é que eu faço enquanto mulher ou o que é que eu faço enquanto homem para perceber se eu sou uma mulher ou se eu sou um homem”.</i></p> <p><i>“(…) eu acho que seria mais benéfico dizer que esta terapia é opcional, que as pessoas pudessem aceder se tivessem necessidade e que as ajudasse a ter capacidades para lidar com uma série de adversidades sociais, e não como um controlo sobre a minha identidade”.</i></p> <p><i>“É mau principalmente quando eu chego à consulta e eu tenho medo do que é que posso dizer na consulta que me vai parar tudo. (...) Ou tenho de escolher a roupa em casa porque aquele papel está definido”.</i></p> <p><i>“(…) a lei não fala em tratamentos, a lei não obriga a tratamentos nenhuns, a lei só obriga a um diagnóstico. Mas no entanto (...) em alguns hospitais fazem com que a pessoa tenha de tomar primeiro hormonas para depois eles autorizarem a mudar o nome, existe outros lados em que a pessoa muda o nome logo, isto não é coerente sequer”.</i></p>	<p>Dani diz que o seu médico e muitos outros estão mais preocupados em perceber se aquela pessoa é um homem ou uma mulher, se tem disforia de género, do que em perceber como é que a pessoa se sente e o que quer para a sua vida.</p> <p>A alternativa ao diagnóstico médico seria uma terapia, opcional, a que as pessoas trans poderiam recorrer para tirar as suas dúvidas, e não uma imposição que define a identidade de cada um.</p> <p>Este poder por parte dos médicos causa medo nas pessoas, medo de mostrarem quem são na verdade, de agir naturalmente, medo de fazer ou dizer algo que leve o médico a pensar que não são trans e a terminar tudo ali.</p> <p>O processo varia de médico para médico, não é coerente. E as pessoas têm de estar sujeitas ao modo de atuar de cada médico.</p>
Ativismo		<p><i>“(…) para além do processo que estou a fazer também faço ativismo e (...) quando tu pões os óculosinhos de perceber as problemáticas sociais tu já não os consegues tirar. (...) Ou seja, há aqui toda uma questão já de movimento social que para mim é muito importante”.</i></p> <p><i>“Acaba por se somar o meu problema, a minha situação, com todas as</i></p>	<p>Para Dani a parte do ativismo e de ajudar outras pessoas que enfrentem os mesmos obstáculos que ela já enfrentou e continua a enfrentar é muito importante.</p> <p>O facto de estar na coordenação do GRIT e de</p>

		<p><i>problemáticas das outras pessoas. Eu já não consigo separar isso. Porque a luta que eu estou a fazer para mim é aquela que todas as outras pessoas também têm”.</i></p>	<p>receber regularmente casos de pessoas com as mais diversas problemáticas no que diz respeito às questões trans, faz com que não lhes consiga ser indiferente. A sua luta já não é só por si, mas por toda a população trans.</p>
<p>Definição de trans / transexual</p>		<p>O termo «transexual» <i>“é um termo clínico que tem uma carga negativa muito grande. (...) a palavra «trans» é inclusiva porque inclui todas as manifestações de identidades trans, que não sejam só pessoas especificamente que queiram fazer a cirurgia de reassignação sexual. Para além de que assim tu falas de pessoas trans e não estás a falar da genitália delas, estás a falar de pessoas que têm identidades diferentes”.</i></p> <p><i>“Dentro das pessoas trans tens crossdressers, dragqueens, dragkings, tens pessoas que fazem MtF, FtM, pessoas queer, pessoas não-binárias, ou seja, o trans é lido quase como tudo o que não é normativo, do ponto de vista do género”.</i></p> <p><i>“As pessoas trans é uma questão identitária, enquanto identidade. As pessoas intersexo é uma questão física e biológica”.</i></p>	<p>O termo “transexual” está associado a alguém que fez cirurgias de reatribuição sexual. Para Dani, não devemos distinguir essas pessoas daquelas que também não se identificam com o seu género mas não fizeram cirurgias. O termo “trans” engloba todas as pessoas que têm uma identidade de género que não corresponde ao seu sexo biológico.</p> <p><i>Crossdressers, dragqueens, dragkings, MtF, FtM, pessoas queer, pessoas não-binárias</i> são os exemplos dados por Dani de pessoas trans.</p> <p>Já as pessoas intersexo não se encaixam dentro do conceito de “trans”, uma vez que a intersexualidade está relacionada com questões físicas e biológicas, e não de identidade.</p>
<p>Transexualidade e como uma perturbação mental</p>		<p><i>“(...) o plano vai ser sair da categoria das doenças mentais do DSM [Diagnostical and Statistical Manual of Mental Disorders – Associação Americana de Psiquiatria]”.</i></p>	<p>A transexualidade está ainda inserida na categoria das doenças mentais do DSM, identificada como disforia de género. Porém, irá ser retirada na próxima revisão, passando a ser entendida como uma condição sexual.</p>
<p>Desenvolvimento da identidade de género</p>		<p><i>“O género, a sua génese, acaba por ser um construto social. (...) O género em si tem muito do que é a nossa construção social em cima de papéis que são estabelecidos”.</i></p> <p><i>“(...) o que se tem verificado é que todas as pessoas têm características simultâneas de ambos os géneros, seja lá o que isto for, mas estão em combinações diferentes”.</i></p>	<p>Na opinião de Dani, o género é construído socialmente, influenciado pelas nossas experiências e vivências pessoais, daquilo que nós somos e queremos ser de acordo com a forma como vemos o mundo. Embora considere que todas as pessoas têm características de ambos os</p>

		<p><i>“A nossa sociedade influencia muito a maneira como nós nos comportamos e a maneira como nós lemos o nosso género. Por isso é que a identidade de género acaba por ser um construto social e que resulta da nossa visão de nós e de como queremos que o mundo nos veja, e não tão propriamente aquilo que a genética ou a biologia nos diz que nós somos”.</i></p> <p><i>“Há crianças com 3 ou 4 anos que já sabem exatamente quem são. E isto depois tem muito a ver com as várias condicionantes das pessoas e os meios onde elas se conseguem expressar ou não, porque nós depois temos aquela mania de educar as crianças de uma forma específica e controlar como elas crescem”.</i></p>	<p>géneros. Não é, portanto, uma questão genética ou biológica.</p>
GRIT	<p>Fundação do Grupo</p> <p>Funções do Grupo</p>	<p><i>“Eu estou há dois anos”.</i></p> <p><i>“(…) como o GRIT nessa altura estava um bocadinho moribundo, surgiu a oportunidade de reavivar o grupo e entretanto durante um ou dois meses não estive na coordenação, estive outra pessoa, e depois passei eu para a coordenação”.</i></p> <p><i>“Temos tudo aquilo que é a parte política e apoio à associação. (...) Temos a área comunitária, em que temos uma área de formação, nós vamos dar formação a vários sítios sobre questões trans, temos esta própria rubrica que é o Transinforma-te, temos as nossas festas, (...) e depois temos um grupo de trabalho que reúne-se todos os meses para tentar discutir coisas que possam ser importantes a nível de grupo, a nível político, a nível de ativismo, pessoas que queiram dar esse passo. E depois temos o grupo de apoio, que é um grupo de troca de experiências. A porta é fechada só para pessoas trans, ou pessoas que estejam a questionar a sua identidade”.</i></p> <p><i>“(…) agora já temos tido discussões mais feministas e do ponto de vista também do empoderamento, porque o grupo também serve para isso, para empoderar pessoas. Nós não queremos que as pessoas sejam só pessoas por serem trans, mas são pessoas que pertencem a uma série de coisas, que por acaso também são trans, e por acaso todos nós também sofremos da mesma opressão e é isso que nós aqui discutimos”.</i></p>	<p>Dani chegou ao GRIT há cerca de dois anos, quando o grupo estava um pouco parado, tendo ajudado a reavivá-lo.</p> <p>As funções do grupo passam pelas áreas política, comunitária, informativa (através do Transinforma-te), festiva, de trabalho em grupo e ainda o grupo de apoio a pessoas trans ou que estejam a questionar a sua identidade.</p> <p>Uma das funções muito importantes do grupo é o empoderamento de pessoas que sofrem pelo facto de não se identificarem com o seu sexo biológico. O grupo ajuda-as a integrarem-se socialmente e a lidarem com a sua identidade de género, de uma forma pessoal mas também social.</p>

	Grupo como um “espaço seguro”	<p>“É muito bom quando temos pessoas que chegam aqui e dizem «finalmente encontrei pessoas que sentem o mesmo que eu».</p> <p>“Sim, há muita gente que ainda só fez coming outs aqui dentro, não fez coming outs lá fora. E enquanto tiverem espaço é um espaço que podem frequentar.</p>	<p>O grupo é importante também porque ali as pessoas encontram outras pessoas com os mesmos obstáculos, desafios, dúvidas, experiências.</p> <p>Muitas pessoas que fazem parte do grupo apenas se sentem à vontade para falar da sua transexualidade ali.</p>
--	-------------------------------	---	---

Fonte: própria, adaptada de Isabel Guerra, 2006.

### APÊNDICE C3 – QUADRO DE SINOPSE DA ENTREVISTA A JAY

<b>Categorias de Análise</b>	<b>Subcategorias de Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>	<b>Análise</b>
Definição identitária		<p>“Ora, eu sou uma pessoa não-binária, transmasculina. Eu não me encaixo dentro do binário homem/mulher, mas identifico-me como trans, porque discordo daquilo com que nasci, do género que me foi imposto”.</p>	<p>Jay nasceu biologicamente com o sexo feminino e, embora não se defina como um homem, descreve-se como uma pessoa trans porque não se identifica com a binariedade de géneros. É, por isso, uma pessoa não-binária.</p>
Processo de descoberta		<p>Quando: “primeiro ano, segundo ano”.</p> <p>“(…) só mais velho é que eu comecei a contactar com comunidades na internet e só aí é que eu comecei a ter acesso à informação e aos nomes das coisas”.</p> <p>“(…) na puberdade ou mais no fim dela é que se começa «eu quero deixar de ter a menstruação, eu estou a ponderar tirar os ovários, eu estou a ponderar tirar o peito, quero tomar hormonas. São coisas muito mais sérias”</p>	<p>Descobriu que não se identificava com o seu sexo biológico no 1º/2º ano de escolaridade.</p> <p>Porém, só mais tarde começou a ter acesso à informação e a perceber o que sentia em relação ao seu género.</p> <p>Durante a infância, mesmo que a criança saiba que não se identifica com o seu sexo, não pensa nas questões das hormonas ou das cirurgias. São questões que começam a surgir por volta da idade da puberdade, em que o corpo começa a mudar e começamos a pensar naquilo que somos e sentimos em relação ao nosso corpo, ao sexo, ao género...</p>
Processo de afirmação	Núcleo familiar	<p>“Eu contei-lhes para aí há uma semana”.</p>	<p>Jay falou com a mãe há cerca de uma semana sobre</p>

<p>“Coming Out”</p>	<p>Núcleo de amigos</p>	<p>“Eu comecei por falar à minha mãe. Aliás, o que eu disse foi «e se eu quisesse tomar testosterona?» e ela perguntou «estás a falar a sério?», e ela «ok, há coisas piores, se é isso que te faz feliz... mas estás a falar a sério?». Um misto de «eu não sei bem se estás a gozar comigo ou não» e tentar perceber «ok, isto é... a minha filha é trans?».</p> <p>Sobre os avós: “Eu tenho ideia de que eles não vão perceber nada. Ou que vão tentar nem sequer pensar no assunto. Porque a igreja católica tem muita tendência a chamar pecado a tudo aquilo que não conhece e a tudo aquilo que não consegue enfiar em caixinhas”.</p> <p>“«(...) falem comigo e com a psicóloga para perceberem o que é que podemos fazer e eu ajudar-vos também». E eles mostraram-se abertos a isso, até contactaram diretamente com a psicóloga para marcar (...)”.</p> <p>“Primos meus, porque são pessoas da minha idade. Acho que foi uma prima minha”.</p> <p>“Acho que não disseram grande coisa”.  “«(...) ok, tu és meio maria-rapaz, meio uma coisa, meio outra”.</p>	<p>o facto de querer tomar hormonas masculinas. A mãe aceitou, embora tenha ficado um pouco em choque. O pai soube através da mãe, esteve uns dias sem lhe falar, e depois voltou a agir como se nada tivesse mudado.</p> <p>Os avós ainda não sabem mas Jay acredita que eles não vão perceber ou vão tentar ignorar o assunto, devido à sua religião, a religião católica, que não aceita as pessoas trans.</p> <p>Jay sugeriu aos pais que se reunissem os três com a psicóloga para que pudessem falar abertamente sobre o assunto e para que eles pudessem expor as suas dúvidas. Eles mostraram-se recetivos.</p> <p>As primeiras pessoas com quem falou sobre o assunto foram os seus primos, que na altura não perceberam muito bem, acharam que ela tinha um lado mais masculino, que era “maria-rapaz”.</p>
<p>Processo de transição</p>	<p>Expressão</p> <p>Hormonas / Cirurgias</p>	<p>“Começou a ser o peito, só usar sutiãs de desporto, começar a usar binders, usar roupa muito mais masculina, tendencialmente deixar de usar saias”.</p> <p>“Durante três ou quatro anos eu não pegava numas saias. Zero. Nem vestidos. Zero. Não queria essa imagem dita feminina. Agora é que eu comecei muito mais a borrifar-me nas coisas e a dizer «ok, eu gosto de um vestido, que se lixe»”.</p> <p>“Num futuro próximo não tenho dinheiro para isso”.</p> <p>“Talvez aquilo a que se chama top surgery, que é retirar os seios, isso talvez. Mas não sei”.</p>	<p>Queria expressar-se de uma forma mais masculina, porque era assim que se sentia bem: não usar sutiãs, saias e vestidos. Recentemente voltou a usar vestidos, porque gosta e é isso que importa.</p> <p>Em relação às cirurgias, refere que nos próximos tempos não tem dinheiro para isso. Pensa em retirar o peito, mas não tem ainda a certeza em relação a isso.</p>
<p>Não-binarismo</p>		<p>“Porque o que eu percebi desde pequena é que eu fazia as coisas que eu queria, até ao momento em que alguém me dizia «não, não podes fazer isso porque és</p>	<p>Desde pequena sempre gostou de fazer coisas tipicamente “de rapazes” e sempre lhe diziam que isso</p>

		<p><i>uma menina» ou «não, não podes fazer isso porque os rapazes fazem isso».</i></p> <p><i>“É uma coisa que temos muita tendência a ensinar, a ensinar entre aspas, uns aos outros. Que é mentira, é uma mentira. Eu fiz tudo com as raparigas e fiz tudo com os rapazes. E atualmente gosto muito de coisas masculinas mas sou maquilhadora”.</i></p> <p><i>“A mudança da voz, o aparecimento da barba, a definição muscular... quero isso, quero essa parte. O que não impede que continue a gostar das mesmas coisas que gostei sempre. E que não goste imenso de saltos altos, e que não goste imenso de usar maquilhagem, e que não goste imenso de pintar o cabelo de trinta cores diferentes. Vou continuar a fazê-lo. É mesmo só uma questão de hormonas”.</i></p> <p><i>“(…) eu acho que os conceitos de masculino e feminino são adjetivos que não são adjetivos. Na verdade, estamos a descrever o quê? Não estamos a qualificar nada. «Delicado» é um adjetivo. «Feminino» não é. «Forte» é um adjetivo. «Masculino» não é”.</i></p>	<p>não eram coisas de raparigas.</p> <p>A sociedade tem tendência a ensinar às crianças que as coisas têm género e que as raparigas não podem fazer as coisas de rapazes e vice-versa.</p> <p>Jay quer ter características ditas masculinas, como uma voz mais grossa, barba, músculos mais definidos, mas continua a gostar de saltos altos, maquilhagem e pintar o cabelo de várias cores. Não quer, portanto, ter uma imagem cem por cento “feminina” ou “masculina”, porque gosta de características associadas a ambos os sexos.</p> <p>Para ela não existe “masculino” ou “feminino”, não existem géneros.</p>
Identificação quanto à orientação sexual	<p>Gray assexual</p> <p>Gay</p>	<p><i>“A minha orientação sexual eu diria que é aquilo a que se chama gray assexual ou a sexualidade cinzenta. Quer dizer que tendencialmente a minha atração sexual é muito baixa ou zero, mas que há algumas pessoas em que ela sobe um bocadinho. Ou seja, há pessoas pelas quais eu tenho efetivamente atração sexual, que varia muito. Mas também é uma zona muito cinzenta, ainda não está muito definida, ainda não tem muitas regras”.</i></p> <p><i>“No que toca à orientação romântica, cada vez mais me identifico como gay. (...) eu identifico-me com um aspeto mais masculino, aquilo que eu quero é mais masculino, e aquilo que eu acho atraente nas outras pessoas são os mesmos aspetos masculinos. Então cada vez mais me aproximo do conceito de gay”.</i></p>	<p>Define-se, quanto à orientação sexual, como <i>gray assexual</i>, porque sente muito pouca atração sexual e em situações muito específicas e pontuais.</p> <p>Identifica-se com o conceito de gay porque as características físicas que o atraem nos outros são aquelas que quer para si próprio, ou seja, características mais “masculinas”.</p>
Discriminação	No trabalho	<i>“Sim. Maquilhagem, obrigatório. Cabelos compridos são preferíveis. Trabalhei uma vez num restaurante em que nós tínhamos uma minissaia e</i>	Sentiu a discriminação no local de trabalho, num restaurante em que tinha de usar uma minissaia, ter

		<p><i>tínhamos de usar collants daqueles semitransparentes. Eu levava leggings. Tipo leggings daquelas de lã grossa, portanto eu basicamente andava de calças com uma saia por cima e eu «querem-me ver as cuecas? Nem pensar»”.</i></p> <p><i>“(…) sempre um sorriso na cara, e sempre tratar as pessoas com todo o carinho e de uma forma hiper-feminina e sensual e atraente”.</i></p>	<p>um aspeto muito feminino.</p>
	Na escola (Bullying)	<p><i>Sobre o facto de os colegas lhe chamarem João: “epá, não estás a conseguir gozar comigo porque eu até acho piada, até é um nome que me interessa, portanto, na verdade, não estás a gozar-me tanto quanto querias”.</i></p>	<p>No Call Center em que trabalhou também a chamaram a atenção pela forma como colocava a voz, que tinha de ser mais “delicada”.</p> <p>Na escola sofreu muitas situações de <i>bullying</i>, também pelo facto de ter uma imagem mais “masculina”. No entanto, conta que até gostava que os colegas a tratassem por “João”.</p>
	Sociedade	<p><i>“Todos os dias. No que toca a não-binários muita discriminação pela invisibilidade. Nunca me trataram por um pronome masculino. Nunca. Sempre senhora, rapariga, menina”.</i></p>	<p>No dia-a-dia sente a discriminação todos os dias, pela falta de visibilidade social que é dada às pessoas não-binárias, nomeadamente através dos pronomes.</p>
	A discriminação está a diminuir?	<p><i>“Não! Não! (...) acho que de facto a aceitação no que toca à homossexualidade está a mudar. No que toca ao racismo ainda não vejo isso. No que toca à transfobia ainda não vejo isso. Aliás, vejo isto muito mal parado”.</i></p> <p><i>“Eu acho que quem odeia uma coisa na verdade odeia-as todas. Quem odeia a diferença, odeia a diferença”.</i></p>	<p>Considera que a discriminação contra as pessoas trans não está a diminuir.</p> <p>Em relação às pessoas transfóbicas, considera que o ódio que sentem em relação às pessoas trans sentem-no em relação a todas as pessoas que, de alguma forma, são diferentes da maioria.</p>
Dificuldades das pessoas trans	Na escola	<p><i>“A minha escola secundária foi um curso profissional de teatro e eu naquela altura, claro, eu queria papéis masculinos. Só que «ah não, não podem ser papéis masculinos porque tu és uma menina». Mas depois nos papéis femininos tinha de usar uma peruca, porque tinha o cabelo curto”.</i></p> <p><i>“Isso é nome de fufá, isso nunca te vai levar a lado nenhum”.</i></p>	<p>Sentiu dificuldades na escola de teatro porque não lhe davam papéis masculinos.</p> <p>Em relação ao nome artístico, Jay queria retirar o nome próprio e manter apenas os apelidos, mas foi</p>

	<p>Com a família</p> <p>Sociais</p> <p>Nas relações amorosas</p>	<p><i>“Ele ainda não falou comigo sobre isso, sequer. (...) Eu falei com a minha mãe e a minha mãe contou ao meu pai”.</i></p> <p><i>“Eu acho que ser trans afeta tanto como eu ser vegan, afeta tanto como eu ser radicalmente feminista, afeta tanto como eu ser de Esquerda (...). É uma parte de mim. O problema é quando esse direito a ser o que sou me é negado”.</i></p> <p><i>“O problema não é eu ser aquilo que eu sou. E trans é mais uma coisa que eu sou”.</i></p> <p><i>“Sim, é muito possível. (...) Porque as pessoas por quem eu me atraio são homens e normalmente são cis. (...) E os homens cis brancos são as coisas mais transfóbicas, mais homofóbicas, mais tudo fóbicas do mundo”.</i></p> <p><i>“Se não aceitam não estamos no lugar certo. «Epá, há ali outra pessoa, podes desaparecer»”.</i></p>	<p>muito criticada por isso.</p> <p>Em relação à família, sentiu dificuldades sobretudo a lidar com o pai, que não soube como reagir.</p> <p>As dificuldades em termos sociais, na sua opinião, prendem-se com o facto de as pessoas não aceitarem a diferença e, por isso, o facto de ser trans afeta a sua vida, assim como o facto de ser outras coisas, uma vez que seremos sempre criticados pelas nossas diferenças.</p> <p>Acredita que terá dificuldades nas relações amorosas, devido à homofobia e transfobia muito presentes na sociedade, sobretudo, segundo ele, nos homens cis brancos.</p> <p>Se isso acontecer, não irá tolerar comportamentos discriminatórios, cada um seguirá a sua vida.</p>
Arrependimentos		<i>“Fiz aquilo que me foi possível no período de tempo que foi possível e acho que a coisa de que eu mais me lembro é: sempre fui honesto”.</i>	Não se arrepende de nada porque fez tudo aquilo que sentiu que deveria fazer até agora.
Medidas anti-discriminação trans	Medidas sociais	<p><i>“Acabaram com a Educação Sexual, que já era uma treta. (...) Não há Educação Sexual nas escolas, ou pelo menos não há no 10º, 11º e 12º, que são talvez as zonas em que era interessante estar um bocadinho a falar sobre isso”.</i></p> <p><i>“Informação em todo o lado, LGBT em todo o lado, Queer em todo o lado... é o que falta”.</i></p>	As medidas anti-discriminação trans têm de passar pela informação, nas escolas e na sociedade em geral.
Legislação atual	Nomes neutros	<p><i>Eis a questão: o meu nome agora, e o nome pelo qual me tratam, é Jay. (...) Jay começou porque eu estava numa companhia de teatro em inglês e tinha de dizer o meu nome e eu «então e se eu só deixar ali o J?». Então deixei só o J e «ya, my name is J», e pegou, e eu disse «ok, isto soa-me bem» e ficou o Jay. Mas em Portugal: 1. Não é possível pôr nomes neutros, não é legal. (...) E 2. Nomes em inglês não é possível”.</i></p> <p><i>“Mesmo hoje estava numa consulta com</i></p>	Um dos problemas da lei é a proibição de nomes neutros e, por isso, embora seja tratado por Jay por toda a gente, oficialmente o seu nome continua a ser Joana. Mesmo que queira alterar o nome, teria de o fazer para um nome masculino, o que também não representa a sua identidade.

	Diagnóstico médico	<p><i>o psicólogo para conseguir as hormonas e, claro, assinei com o meu nome, e é irónico”.</i></p> <p><i>“É difícil. (...) Temos de ter noção que os humanos são muito influenciáveis. Eu acho que também temos de nos proteger uns aos outros. Mas por outro lado também acredito que toda a gente deve ter toda a informação no que toca a educação sexual, no que toca à própria sexualidade, no que toca ao sexo, no que toca à morte, no que toca ao aborto, no que toca a esta porcaria toda. Porque acho que há uma falta de informação enorme”.</i></p> <p><i>“(…) consentimento informado! (...) Um papelinho de consentimento informado para cada cirurgia e para cada intervenção, e uma consulta. Uma consulta para perceber quais é que são as intenções da pessoa (...) porque também há transtornos psicológicos, e ser trans e ser doente mental são duas coisas separadas, que muitas vezes estão juntas por ocasiões da vida, porque há pressão social (...) mas, por exemplo, pode haver pessoas com transtornos de personalidade autodestrutivos que queiram hormonas ou cirurgias”.</i></p> <p><i>“Eu estou parcialmente a mentir. Ora, visto que o que eu quero são hormonas tipicamente masculinas, testosterona, eu vou tendencialmente dizer que o que eu quero são aspetos masculinos, sem dizer que na verdade eu não me identifico como um homem”.</i></p>	<p>Em relação ao diagnóstico médico, Jay compreende a sua necessidade, embora não concorde com a sua imposição. Considera que deve haver conhecimento para que se possa tomar a decisão de alterar o sexo. Deve haver informação em relação a tudo na vida.</p> <p>A solução passaria por uma consulta em que o médico esclareceria todas as questões antes de ser dado qualquer passo. Assim, o papel do médico seria o de informar e não o de impor uma decisão.</p> <p>No que toca ao seu próprio caso, Jay admite que está a esconder do médico o facto de ser uma pessoa não-binária, pois isso poria em risco a continuação de todo o processo.</p>
Evolução da lei	Lei nº. 7/2011	<p><i>“(…) passámos de pessoas que põe o Estado em tribunal para pessoas doentes, para pessoas um bocadinho menos doentes...”</i></p> <p><i>“Pôr um processo em tribunal (...) é um Grito do Ipiranga. Ir a uma consulta do Júlio de Matos, eu penso que será uma coisa mais um a um. É o meu problema, eu estou a tratar o meu problema. (...) Por isso sim, esta lei veio mudar muita coisa”.</i></p>	<p>Esta lei veio mudar muita coisa porque pôr um processo contra o Estado é algo muito “pesado”, que envolve muitas coisas e muitas pessoas. Ser trans é um problema de cada um, não deve ser necessário envolver tantas pessoas e passar por um processo tão complicado e demorado.</p>
Falhas nos cuidados de saúde públicos para pessoas trans	Falta de informação / abertura por parte dos médicos	<p><i>“Ter de esconder isso, e não aparecer nas consultas com verniz, não aparecer nas consultas com um sutiã normal ou com maquilhagem é uma censura que temos de fazer um bocadinho a nós próprios. É pena”.</i></p>	<p>Para conseguir obter o diagnóstico, uma pessoa trans tem de ter sempre o cuidado de como é que vai para a consulta, o que é que vai dizer, como é que se vai comportar, porque se o médico achar que aquela pessoa não é trans,</p>

		<p>termina ali todo o processo.</p> <p>Jay diz que os médicos do SNS não estão preparados para lidar com estas situações.</p>
		<p><i>“(…) é demorado e é cheio de transfobia e é cheio de as pessoas te tentarem convencer a não o fazer”.</i></p>
Motivações para a discriminação		<p><i>“As pessoas não são só transfóbicas. (...) são sempre outra coisa. Quem é xenófobo é xenófobo. Dificilmente é só transfóbico. E se tem a necessidade de mandar assim tanto ódio em relação a um determinado grupo de pessoas, esse ódio não deve existir só ali, porque também não é uma pessoa que está equilibrada, de certeza. De longe, não está equilibrada”.</i></p> <p><i>“Tem um ódio por pessoas que mudam de género? Porquê? «Porque a minha religião não permite». Vá lá! Religião não permite, essa está velha. É como dizer que o terrorismo acontece porque os muçulmanos e o Corão dizem isso. Não, não. São pessoas que querem fazer mal que usam a religião como desculpa. E as pessoas xenófobas são pessoas que querem fazer mal com um x desculpa. E isso não é desculpa nenhuma e de facto o que precisam é de ajuda”.</i></p>
Desenvolvimento da Identidade de Género		<p><i>“E se eu dissesse qualquer coisa como: «eu acho que toda a gente é um bocadinho trans»? Porquê? Eu parto do princípio que o género não existe, que é uma mentira (...). E que na verdade não há homens e mulheres. (...) Porque eu acho que se não houvesse pressão social (...) muita gente manifestaria interesses ou aspetos físicos ou inclinações ou o que quer que seja do outro género, entre aspas”.</i></p> <p><i>“Portanto eu acho que a disforia tem a ver com o ambiente em que nascas, mas que, na verdade, nós, biologicamente, todos temos tendência a fazer coisas independentemente do nosso género social e cultural”.</i></p>
		<p>Na sua opinião, o género não existe. As pessoas comportam-se de acordo com o sexo que lhes foi atribuído à nascença devido à pressão social para agirem dessa forma.</p> <p>Todas as pessoas agem e comportam-se de acordo com o ambiente em que vivem – um meio mais conservador leva as pessoas a retraírem mais as suas diferenças, enquanto um meio mais aberto leva as pessoas a agirem com mais liberdade. Embora muitas pessoas sintam e pensem de forma diferente daquilo com que convivem durante a vida.</p>

Fonte: própria, adaptada de Isabel Guerra, 2006.

APÊNDICE C4 – QUADRO DE SINOPSE DA ENTREVISTA A ANDREO GUSTAVO

<b>Categorias de Análise</b>	<b>Subcategorias de Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>	<b>Análise</b>
Definição identitária		<i>“Transexual ou Género Masculino”.</i>	Andreo identifica-se como uma pessoa transexual ou como pertencente ao género masculino.
Processo de descoberta		<p><i>“(…) a consciência do que aquilo que eu sentia significava só chegou realmente aos 18”.</i></p> <p><i>“Com cerca de 18 anos já sentia e pensava muitas coisas (tal como quando tinha 10, 11, 12), no entanto tinha consciência de que falar sobre isso ia gerar confusão”.</i></p> <p><i>“(…) queria mudar a todo o custo, queria perceber o que se passava comigo, queria rotular-me, para poder também dizer aos outros o que eu era”.</i></p> <p><i>“Estava a atravessar uma fase muito complicada na minha vida, sentia-me em baixo, sem vontade para nada, descontente com a vida, muito agressivo, cheguei a praticar violência doméstica e a pensar em suicídio”.</i></p> <p><i>“Fui a um psicólogo normal, que, felizmente, me soube encaminhar logo para os médicos em Lisboa da especialidade”.</i></p>	<p>Apenas aos 18 anos teve consciência do que sentia em relação à sua identidade de género. Porém, desde os 10 anos sentia que não se identificava com o seu corpo.</p> <p>Embora desde cedo tenha começado a pensar em muitas coisas em relação ao seu género, não falava com ninguém porque sabia que isso não seria bem aceite.</p> <p>Durante esta fase sentia-se mal com o seu corpo e tinha uma grande necessidade de mudar, também para poder dizer aos outros que é um homem.</p> <p>Essa falta de identificação com o seu corpo e com o seu sexo fê-lo adotar comportamentos depressivos e violentos, consigo próprio e com os outros.</p> <p>Com a ajuda da namorada na altura procurou ajuda de um psicólogo, que o encaminhou para médicos especializados em questões trans. Foi aí que deu o primeiro passo para a transição de sexo.</p>
Processo de afirmação (“Coming Out”)	Núcleo familiar	<i>“Achavam que eu não precisava de mudar nada. Diziam que me amavam como eu era, perguntavam porque é que eu pensava aquelas coisas... se eu não gostava de mim. No entanto, apesar de tudo, sempre me apoiaram”.</i>	Os pais na altura tiveram dificuldade em compreender a sua decisão, mas, apesar de tudo, sempre o apoiaram.
	Núcleo de amigos	<i>“Alguns diziam coisas como «mas hoje em dia a homossexualidade já é aceite, para que queres mudar de sexo?» ou</i>	Havia uma grande falta de informação por parte dos amigos, o que fez com que

	Relação amorosa	<p><i>coisas como «queres ter uma pilinha?». Ou seja, mostrava muita ignorância da parte deles».</i></p> <p><i>“Alguns aceitaram bem e ajudaram-me no processo. Foi difícil a habituação a tratar no género masculino, mas aos poucos todos acabaram por conseguir. Outros, simplesmente se afastaram, pois preferiam não lidar com a minha mudança”.</i></p> <p><i>“Sim, namorava há três anos com uma rapariga. Não lidou bem, não queria que eu fizesse a mudança, no entanto apoiou-me a procurar ajuda”.</i></p>	<p>fosse difícil compreenderem.</p> <p>Embora tenha sido complicado para os amigos lidar com a situação, alguns aceitaram e ajudaram-no sempre. Outros acabaram por se afastar.</p> <p>Com a namorada também não foi fácil, mas apesar de não concordar com a mudança de sexo, apoiou a sua escolha.</p>
Processo de transição	<p>Expressão</p> <p>Hormonas / Cirurgias</p>	<p><i>“Não, nunca senti necessidade de me vestir de uma forma “mais masculina”, mas sim, logo no início do acompanhamento quis, pelo menos, ir comprar a minha primeira t-shirt na seção de roupa masculina, e senti-me super bem na altura. Hoje em dia já não ligo muito a isso. Gosto de vestir roupas diferentes, podem até ser mais femininas que eu não me chateio com isso”.</i></p> <p><i>“Já fiz uma cirurgia (mastectomia). Sim penso em fazer a de redistribuição sexual”.</i></p>	<p>Na altura da sua transição não sentiu muita necessidade de se vestir de uma forma “mais masculina”, mas o momento em que comprou a primeira t-shirt “de rapaz” foi importante para ele.</p> <p>Neste momento apenas efetuou a cirurgia de retirar o peito, mas quer fazer a cirurgia de redistribuição sexual.</p>
Identificação quanto à orientação sexual	Heterossexual curioso ou bissexual	<i>“Sei que me sinto sexualmente atraído por mulheres, e apenas fisicamente (pelo físico que têm) por homens. Não consegui voltar a ter desejo sexual por homens, mas não deixo ainda assim de dar-me a oportunidade de tentar”.</i>	Andreo já teve relações sexuais com homens mas não sentiu prazer nessas relações. Sente-se sexualmente atraído por mulheres, mas não exclui a possibilidade de se envolver com homens.
Discriminação	<p>No trabalho</p> <p>Na escola (Bullying)</p>	<p><i>“Sim, trabalhava no aeroporto, tinha de mostrar a minha identificação todos os dias, ao peito. Não me deixaram colocar o nome “social” com que me identificava, e muitas vezes era revistado por mulheres, quando a minha aparência já era totalmente masculina. Isso causava sempre situações desconfortáveis”.</i></p> <p><i>“Em relação aos colegas de trabalho e patronato, sempre foram excelentes comigo, tive muita sorte. Mas acredito plenamente que se eu fosse trans MtF o caso era bem, bem diferente”.</i></p> <p><i>“Sofri bullying na escola pelo facto de ser diferente. Eles não sabiam que eu era trans, nem eu, por esse motivo todo o</i></p>	<p>Andreo revela que sentiu discriminação no trabalho porque tinha de cumprir com as regras estipuladas, como usar o nome biológico ao peito.</p> <p>Em relação aos colegas e aos patrões, foi sempre muito bem aceite e compreendido.</p> <p>Na escola sofria de discriminação por parte dos colegas, que gozavam</p>

	<p>Sociedade</p> <p>A mentalidade está a mudar?</p>	<p>bullying sofrido é homofóbico”.</p> <p><i>“Eu não sinto neste momento praticamente nenhuma discriminação, pois as pessoas na rua não sabem que já fui mulher. Mas se eu fosse MtF (male to female) acredito que sentiria todos os dias grande discriminação”.</i></p> <p><i>“Penso que a mentalidade está a mudar bastante. Mas ainda há muito trabalho a fazer, principalmente a nível da educação, quer em formação a profissionais de saúde ou outros serviços ao público, como na educação nas escolas, universidades, etc.”.</i></p>	<p>com ele por acharem que era gay.</p> <p>Hoje em dia não é vítima de discriminação no dia-a-dia porque não é perceptível que é trans. Porém, acredita que se tivesse transitado do sexo masculino para o sexo feminino sentiria a discriminação de uma forma muito mais presente, uma vez que essas pessoas têm mais dificuldade em ser passáveis.</p> <p>Andreo acredita que a mentalidade está a mudar e que as pessoas têm cada vez menos preconceitos em relação às pessoas trans. Porém, há um longo caminho ainda a percorrer e é necessário fazê-lo através da educação nas escolas, da formação de profissionais de saúde e do público em geral.</p>
<p>Dificuldades das pessoas trans</p>	<p>Sociais</p>	<p><i>“A voz muda, os pelos aparecem, as pessoas ainda te tratam no género biológico, é difícil arranjar emprego (...), é difícil querer sair à noite ou fazer coisas normais que os jovens tentam fazer e passar despercebido. Ter de receber os olhares das pessoas que não sabem bem se era ‘carne ou peixe’, ter de apresentar sempre cartas dos médicos para poder comprovar a situação, pois o meu BI dizia uma coisa, e a minha aparência começou a dizer outra”.</i></p> <p><i>“(…) operações STOP (tens de explicar tudo), Centro de Saúde, tens de pedir que digam outro nome que não o teu biológico quando te chamam e explicar tudo, aos médicos, às enfermeiras, a todos. Quando vais a alguma discoteca e te pedem o CC, quando vais a uma casa de banho e as pessoas ficam confusas, quando gostavas de ir à praia mas ainda não tens o corpo que sentes que devias ter, às piscinas, aos balneários, e tens sempre de ir à casa de banho trocar-te pois seria um choque ver que não tens lá em baixo aquilo que deverias ter de acordo com o teu “novo” género.</i></p>	<p>Para Andreo, são muitas as dificuldades que as pessoas trans têm de enfrentar: no acesso ao emprego, ser reconhecido enquanto pessoa trans na rua, ter de estar constantemente a apresentar documentos que comprovem a sua identidade de género (visto que o aspeto físico e os documentos de identidade não correspondem), são algumas delas.</p> <p>O desconforto em ir à praia, a casas de banho públicas ou à depilação, por receio do que as pessoas possam pensar, está também muito presente na mente das pessoas trans.</p>

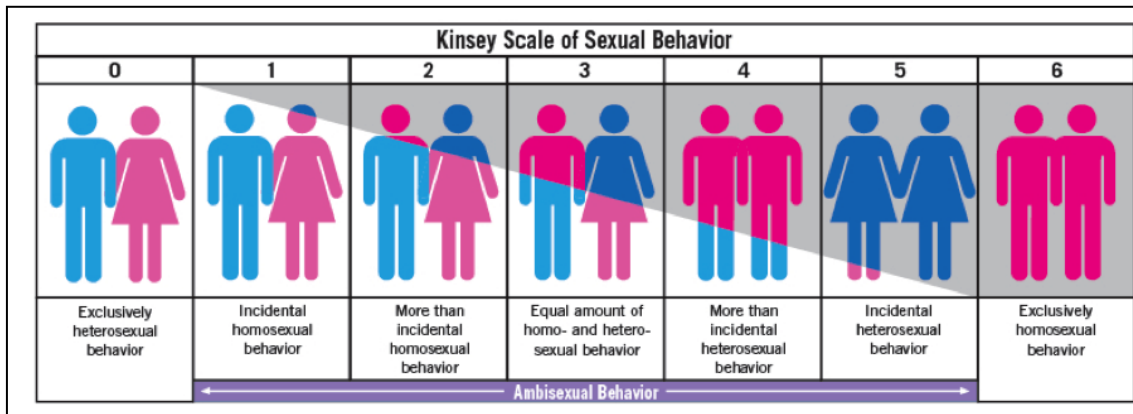
	Nas relações amorosas	<p><i>Quando queres ir fazer a depilação e não podes pois a pessoa que te vai fazer a depilação terá de saber o que se passa, e sentes receio que vá contar a meio mundo (já me aconteceu). Há sempre uma sensação de receio, que por mais confiança que a pessoa tenha, está sempre presente”.</i></p> <p><i>“deixo de estar tão confiante, não me aproximo logo das pessoas, não posso ter uma noite de loucura com ninguém pois, neste momento, ainda não tenho um genital compatível com o género masculino. Por esse motivo, fica extremamente difícil deixar alguém entrar na minha vida, e permitir-me a isso”.</i></p>	Relativamente às relações amorosas Andreo afirma que é também muito complicado uma vez que, como ainda não tem um pénis não se sente tão confiante para se envolver com alguém.
Arrependimentos		<i>“Nada de nada! Desde que iniciei a terapia hormonal que tudo começou a endireitar-se”.</i>	Reo não se arrepende de nada do que fez ao longo do seu processo de transição. Sente que tudo o que fez levou a que a sua vida se endireitasse.
Medidas anti-discriminação trans	Medidas sociais	<i>“Mais educação acerca do assunto nas escolas, universidades, centros de saúde e formação, programas de televisão, etc.”.</i>	As medidas para terminar com a discriminação contra as pessoas trans têm de passar, na opinião de Andreo, pela educação e formação.
Legislação atual	<p>Diagnóstico médico</p> <p>Lista de médicos habilitados a assinar os relatórios</p>	<p><i>“Penso que não deveria ser abolido. É uma proteção para situações de perturbações mentais, patológicas ou de desvios de personalidade. Dessa forma, a pessoa em causa é, pelo menos, avaliada psicologicamente”.</i></p> <p><i>“Essa lista também tem muito que se lhe diga”.</i></p> <p><i>“Na minha opinião os médicos habilitados a assinar os relatórios deveriam ser médicos que tivessem tido pelo menos uma especialidade de sexologia, nomeadamente de situações transgénero (e no nosso caso, transexualidade). Coisa que, a ver bem, quase nenhum tirou”.</i></p>	<p>Reo concorda com o diagnóstico médico porque considera que as pessoas trans precisam de acompanhamento psicológico para evitar que se confundam casos de transexualidade com casos de patologias mentais.</p> <p>Reo considera que esta lista deveria ser composta por médicos especializados na área, o que não é o caso de todos os médicos que constam na lista.</p>
Evolução da lei	Lei nº. 7/2011	<i>“A meu ver, o facto de se poder mudar o nome no CC sem ter de se impôr uma ação judicial contra o Estado Português, e também a desnecessidade dos dois relatórios para iniciar terapia hormonal e mastectomia (no privado). Hoje em dia só precisamos dos dois relatórios, praticamente, para a cirurgia de reatribuição sexual”.</i>	Na opinião de Andreo esta lei trouxe uma evolução importante para as pessoas trans, tanto pelo fim da necessidade de colocar um processo judicial contra o Estado para alterar o nome e o sexo no registo civil como pelo fim da

			necessidade dos dois relatórios médicos para iniciar a terapia hormonal (embora este procedimento varie de médico para médico).
Falhas nos cuidados de saúde públicos para pessoas trans	Falta de informação / abertura por parte dos médicos	<p><i>“Não há, em Portugal, especialidades na área, formações na área, para que os profissionais possam, de alguma forma, ajudar realmente essas pessoas a descobrirem-se”.</i></p> <p><i>“Soube de acompanhamentos feitos em dez minutos cada consulta, em que depois as pessoas iniciam tratamentos hormonais e arrependem-se ou andam anos confusas”.</i></p> <p><i>“a maior parte das vezes em que eu me sentia mais desconfortável eram necessárias, e era porque eles também estavam, de alguma forma, a testar-me. Demorei três anos para lhes dizer que mesmo que eu não fosse transexual queria avançar para terapia, para perceber se realmente era ou não, pois o “diagnóstico”, na altura, deu negativo!”.</i></p>	<p>Uma das falhas do SNS no que diz respeito às pessoas trans é a falta de médicos especializados na área.</p> <p>Esta falta de acompanhamento por médicos especializados leva a que algumas pessoas se arrependam dos procedimentos que efetuaram.</p> <p>Andreo diz que algumas vezes se sentiu desconfortável nas consultas mas que compreende que foi necessário passar por isso.</p>
Desenvolvimento da Identidade de Género		<i>“Na minha opinião é uma mistura dos dois. Mas mais uma coisa que nasce connosco, do que tanto a influência social”.</i>	Na opinião de Andreo a transexualidade tem origem tanto em fatores biológicos como culturais. Porém, é sobretudo uma condição que já nasce connosco. As influências sociais e culturais têm menor peso nesta questão.

Fonte: própria, adaptada de Isabel Guerra, 2006.

# ANEXOS

## ANEXO 1 – ESCALA DE KINSEY (1958)



## ANEXO 2 – ESCALA DE HARRY BENJAMIN

Perfil Característico	TIPO I Pseudo Travesti	TIPO II Travesti Fetichista	TIPO III Travesti Verdadeiro
<b>Gênero percebido</b>	Masculino	Masculino	Masculino (mas com menor convicção)
<b>Hábitos de vestuário e vida social</b>	Vive como homem. Vida masculina normal. Pode obter excitação sexual ocasional do ato de se vestir de mulher.	Vive como homem. Veste-se de mulher periodicamente ou em tempo parcial. Usa roupa de baixo masculina.	"Veste-se" como mulher ( <i>monta-se</i> ) constantemente ou sempre que possível. Pode viver e ser aceito como mulher. Pode usar roupas de baixo masculinas, se não tiver outra escolha.
<b>Orientação sexual e atividade sexual</b>	Hetero, bi, ou homossexual. Fantasias masturbatórias que envolvem "vestir-se de mulher" e "mudar de sexo". Pode apreciar apenas vídeos e literatura (pornográfica).  Escala Kinsey(*) = 1-7	Heterossexual. Raramente bi. Masturba-se com objetos e peças - fetiches - do vestuário feminino. Sente-se culpado. Afastamentos ( <i>purges</i> ) e recaídas ( <i>urges</i> ).  Escala Kinsey(*) = 1-3	Heterossexual, exceto quando montado, ocasião em que também pode tornar-se homo ou bi. Montar-se fornece satisfação sexual e alívio para o desconforto de gênero. Afastamentos ( <i>purges</i> ) e recaídas ( <i>urges</i> ).  Escala Kinsey(*) = 1-3
<b>Cirurgia para mudança de sexo</b>	Nunca é considerada.	Rejeitada.	Em princípio rejeitada, mas a idéia pode tornar-se atrativa
<b>Reposição hormonal com estrógeno</b>	Não há interesse nem indicação	Raramente desperta interesse. Pode ser ocasionalmente útil para ajudar a reduzir a libido.	Atrativa como um experimento. Pode ser muito útil emocionalmente
<b>Psicoterapia</b>	Não desejada e desnecessária.	Pode ser bem-sucedida em um ambiente favorável.	Se for tentada, raramente é bem sucedida se o objetivo for de "cura".
<b>Observações</b>	O interesse em se vestir de mulher é apenas ocasional e esporádico.	Pode imitar dupla personalidade (masculina e feminina) com nomes masculinos e femininos.	Pode assumir dupla personalidade de homem e de mulher. Pode tender para a transexualidade.

Perfil Característico	TIPO IV Transexual do tipo não-cirúrgico	TIPO V Transexual Verdadeira (Intensidade Moderada)	TIPO VI Transexual Verdadeira (Alta Intensidade)
<b>Gênero percebido</b>	Impreciso. Variando entre TV e TS	"Feminino" (aprisionado em um corpo de homem)	Feminino. Total Inversão "psicossexual".
<b>Hábitos, Vestuário e vida social</b>	"Veste-se" tão frequentemente quanto possível sem obter alívio suficiente para o desconforto de gênero. Pode viver como homem ou como mulher, muitas vezes alternando entre os dois.	Vive e trabalha como mulher se possível. O ato de montar-se não produz alívio suficiente.	Pode viver e trabalhar como mulher. Apenas montar-se não produz alívio suficiente. Intenso desconforto de gênero.
<b>Orientação sexual e atividades sexuais</b>	Libido quase sempre baixa. Assexual ou auto-erótico. Pode ser bissexual. Pode também ser casado e ter filhos.  Escala Kinsey(*) = 2-5	Baixa libido. Assexual, auto-erótico ou atividade homossexual passiva. Pode ter sido casado e ter filhos.  Escala Kinsey(*) = 5-8	Se jovem, pode desejar intensamente manter relações com um macho na condição de fêmea-plena. Baixa libido ou assexual se mais velho. Pode ter sido casado e ter filhos, usando fantasias durante o intercurso.  Escala Kinsey(*) = 5-8
<b>Cirurgia para mudança de sexo</b>	Atrativa mas não requerida ou atração não admitida	Requerida e usualmente indicada.	Indicada. Urgentemente requerida e usualmente obtida.
<b>Reposição hormonal com estrógeno</b>	Necessário para conforto e equilíbrio emocional	Necessária como substituto ou como preparação para a cirurgia de mudança de sexo.	Requerida para alívio parcial.
<b>Psicoterapia</b>	Somente como orientação e suporte; de outra forma recusada ou infrutífera	Rejeitada. Ineficaz para cura. Desejável como apoio psicológico.	Apenas apoio psicológico e psicoterapia para alívio de sintomas.
<b>Observações</b>	Vida e interação social dependente das circunstâncias.	Operação desejada e buscada, quase sempre alcançada.	Despreza seus órgãos masculinos. Perigo de suicídio ou auto-mutilação se frustrado por um longo período.

ANEXO 3 – RELATÓRIO CLÍNICO QUE PERMITE A ALTERAÇÃO DO NOME E DO SEXO NO REGISTO CIVIL (INSTITUTO DOS REGISTOS E DO NOTARIADO)

RELATÓRIO CLÍNICO	
Ao abrigo da alínea b) do nº 1 do artigo 3º da Lei n.º 7/2011, de 15 de Março, atestamos que XXXXXXXXXXXXXXXX, portador/a do BI nº XXXXX, tem o diagnóstico de Perturbação de Identidade de Género (Transexualidade), não sofre de anomalia psíquica e tem sido regularmente seguido/a em Consulta por Equipe Multidisciplinar de Sexologia Clínica.	
Por ser verdade, aplica-se o disposto no artigo 2º da supracitada Lei para efeitos de mudança de sexo e de nome próprio no Registo Civil.	
Lisboa, XX de XXXXX de 2011	
XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXXXXX
Médico/a (Especialidade) (Formação em Sexologia Clínica)	Psicólogo/a Clínica (Formação em Sexologia Clínica)
E-mail:	E-mail:
_____ INSTITUIÇÃO (PÚBLICA OU PRIVADA)	
Morada	Tel: (site)

## ANEXO 4 – LEI Nº. 7/2011 (LEI DA IDENTIDADE DE GÉNERO)

Lei n.º 7/2011, de 15 de Março

Cria o procedimento de mudança de sexo e de nome próprio no registo civil e procede à décima sétima alteração ao Código do Registo Civil

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

### **Artigo 1.º**

#### **Objecto e natureza**

- 1 - A presente lei regula o procedimento de mudança de sexo no registo civil e correspondente alteração de nome próprio.
- 2 - Este procedimento tem natureza secreta.

### **Artigo 2.º**

#### **Legitimidade e capacidade**

Têm legitimidade para requerer este procedimento as pessoas de nacionalidade portuguesa, maiores de idade e que não se mostrem interditas ou inabilitadas por anomalia psíquica, a quem seja diagnosticada perturbação de identidade de género.

### **Artigo 3.º**

#### **Pedido e instrução**

- 1 - O pedido pode ser apresentado em qualquer conservatória do registo civil e deve ser instruído com os seguintes documentos:
  - a) Requerimento de alteração de sexo com indicação do número de identificação civil e do nome próprio pelo qual o requerente pretende vir a ser identificado, podendo, desde logo, ser solicitada a realização de novo assento de nascimento;
  - b) Relatório que comprove o diagnóstico de perturbação de identidade de género, também designada como transexualidade, elaborado por equipa clínica multidisciplinar de sexologia clínica em estabelecimento de saúde público ou privado, nacional ou estrangeiro.
- 2 - O relatório referido na alínea b) do número anterior deve ser subscrito pelo menos por um médico e um psicólogo.

### **Artigo 4.º**

#### **Decisão**

- 1 - No prazo de oito dias a contar da apresentação do pedido, o conservador deve, consoante os casos:
  - a) Decidir favoravelmente o pedido e realizar o respectivo averbamento, nos termos do artigo 73.º do Código do Registo Civil e, se for o caso, um novo assento de nascimento, nos termos do n.º 1 do artigo 123.º do mesmo Código;
  - b) Solicitar o aperfeiçoamento do pedido;
  - c) Rejeitar o pedido, quando da análise dos documentos instrutórios resultar que este manifestamente não se coaduna com as normas aplicáveis.
- 2 - Caso tenha sido solicitado o aperfeiçoamento do pedido nos termos da alínea b) do número anterior, o conservador deve decidir o pedido no prazo de oito dias a contar da data da apresentação dos elementos adicionais.

### **Artigo 5.º**

### Alteração ao Código do Registo Civil

Os artigos 69.º, 70.º, 104.º, 123.º, 214.º e 217.º do Código do Registo Civil, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 131/95, de 6 de Junho, alterado pelos Decretos-Leis n.os 36/97, de 31 de Janeiro, 120/98, de 8 de Maio, 375-A/99, de 20 de Setembro, 228/2001, de 20 de Agosto, 273/2001, de 13 de Outubro, 323/2001, de 17 de Dezembro, 113/2002, de 20 de Abril, 194/2003, de 23 de Agosto, e 53/2004, de 18 de Março, pela Lei n.º 29/2007, de 2 de Agosto, pelo Decreto-Lei n.º 324/2007, de 28 de Setembro, pela Lei n.º 61/2008, de 31 de Outubro, e pelos Decretos-Leis n.os 247-B/2008, de 30 de Dezembro, e 100/2009, de 11 de Maio, e pelas Leis n.os 29/2009, de 29 de Junho, e 103/2009, de 11 de Setembro, passam a ter a redacção seguinte:

~Artigo 69.º

[...]

1 - ...

a) ...

b) ...

c) ...

d) ...

e) ...

f) ...

g) ...

h) ...

i) ...

j) ...

l) ...

m) ...

n) ...

o) A mudança de sexo e a consequente mudança de nome próprio;

p) [Anterior alínea o].]

q) [Anterior alínea p].]

r) [Anterior alínea q].]

2 - ...

3 - ...

4 - Os factos referidos na alínea o) do n.º 1 apenas são averbados:

a) Aos assentos de nascimento dos filhos maiores da pessoa que mudou de sexo, a requerimento daqueles;

b) Ao assento de nascimento do outro cônjuge com consentimento deste prestado através de declaração perante oficial do registo civil ou de documento autêntico ou autenticado.

Artigo 70.º

[...]

1 - ...

a) ...

b) ...

c) ...

d) ...

e) ...

f) ...

g) ...

h) ...

i) A mudança de sexo de qualquer dos cônjuges e a correspondente mudança de nome próprio, desde que haja consentimento do outro cônjuge, prestado por declaração perante o oficial do registo civil ou através de documento autêntico ou autenticado.

2 - (Revogado pelo Decreto-Lei n.º 247-B/2008, de 30 de Dezembro.)

Artigo 104.º

[...]

1 - ...

2 - ...

a) ...

b) ...

c) ...

d) ...

e) ...

f) ...

g) A alteração do nome próprio resultante da mudança da menção do sexo.

3 - ...

4 - ...

5 - ...

6 - ...

7 - ...

8 - ...

Artigo 123.º

[...]

1 - O estabelecimento da filiação, a alteração de nome consequente, a mudança de sexo e a consequente alteração de nome próprio, o nome dos avós, a adopção plena e o casamento dos pais podem ser integrados no texto do assento de nascimento ao qual tenham sido averbados, a requerimento verbal dos interessados ou dos seus representantes legais, mediante a realização de novo assento de nascimento.

2 - ...

3 - ...

4 - ...

5 - (Revogado pelo Decreto-Lei n.º 324/2007, de 28 de Setembro.)

Artigo 214.º

[...]

1 - ...

2 - ...

3 - Dos assentos a que se mostre efectuado qualquer averbamento de mudança de sexo e consequente alteração de nome próprio, só podem ser passadas certidões de cópia integral ou fotocópias a requerimento do próprio, dos seus herdeiros e das autoridades judiciais ou policiais para efeitos de investigação ou instrução criminal.

4 - (Anterior n.º 3.)

5 - (Anterior n.º 4.)

6 - As autoridades judiciais ou policiais e o IRN, I. P., podem sempre requerer certidão de qualquer registo ou

documento, exceptuados os casos previstos no n.º 3.

Artigo 217.º

[...]

1 - ...

2 - ...

3 - ...

4 - ...

5 - No caso de registo cancelado decorrente de procedimento de mudança de sexo considera-se interessado apenas o próprio, os seus herdeiros e as autoridades judiciais ou policiais para efeitos de investigação ou instrução criminal.»

Consultar o Decreto-Lei n.º 131/95, de 06 de Junho (actualizado face ao diploma em epígrafe)

### **Artigo 6.º**

#### **Disposições finais**

1 - A presente lei aplica-se a todos os pedidos de mudança do registo do sexo efectuados a partir da sua entrada em vigor, independentemente da existência de processos judiciais pendentes ou de ter havido decisão judicial sobre a matéria em data anterior à vigência da presente lei.

2 - O Estado Português reconhece a alteração de registo do sexo efectuada por pessoa de nacionalidade portuguesa que, tendo outra nacionalidade, tenha modificado o seu registo do sexo perante as autoridades desse Estado.

Aprovada em 26 de Novembro de 2010.

O Presidente da Assembleia da República, Jaime Gama.

Promulgada em 1 de Março de 2011.

Publique-se.

O Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva.

Referendada em 2 de Março de 2011.

O Primeiro-Ministro, José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa.

ANEXO 5 - LISTA DE MÉDICOS HABILITADOS A ASSINAR RELATÓRIOS QUE COMPROVAM O DIAGNÓSTICO DE DISFORIA DE GÉNERO

LEI DE IDENTIDADE (LEI 7/2011)					
CLÍNICOS HABILITADOS A ASSINAR RELATÓRIOS					
	Formação	Especialidade	Instituição	Nº Cédula Médico/Psicólogo	E-Mail
Abel Matos Santos	Psicólogo	Sexologia Clínica	H. Santa Maria	2.118	abel@ondug.pt
Afonso de Albuquerque	Médico	Psiquiatra	Particular	9.122	cscoares54@hotmail.com
Ana Maria Moreira	Médica	Psiquiatra	H. Santo António	26.815	anamoreira03@gmail.com
Anabela Martins	Psicóloga	Sexologia Clínica	H. Santa Maria	2.582	ana.tema@sapo.pt
António Santos Pereira	Médico	Psiquiatra	Particular	14.224	antoniospereira@hotmail.com
Carlos Fernandes	Médico	Endócrinologista	H. Júlio de Matos	35.604	
Catarina Soares	Psicóloga	Sexologia Clínica	H. Júlio de Matos	502	cscoares54@hotmail.com
Cristina Maria Costa Coelho	Psicóloga	Sexologia Clínica	H. Magalhães Lemos	2.287	cristina_maria_coelho@hotmail.com
Daniel Sampalo	Médico	Psiquiatra	H. Santa Maria	12.832	d.sampalo@netcabo.pt
Francisco Allen Gomes	Médico	Psiquiatra	Particular	11.676	allengomes@mail.telepac.pt
Gabriela Moita	Psicóloga	Sexologia Clínica	Particular	7.090	gabriela.moita@mail.telepac.pt
Graça Santos	Médica	Psiquiatra	HUC - Coimbra	21.734	graca.s@gmail.com
Hugo Gandra	Psicólogo	Sexologia Clínica	H. Santo António		hugogandra@gmail.com
Íris Monteiro	Psicóloga	Sexologia Clínica	ILASC - PELVICLINIC	8.394	monteiro_mirys@gmail.com
João Amílcar Teixeira	Psicólogo	Terapeuta Sexual	HUC - Coimbra		jamtelxira@hotmail.com
Joaquim Garcia e Costa	Médico	Endócrinologista	H. Santa Maria	18.977	jgarciaecosta@sapo.pt
José Pacheco	Psicólogo	Sexologia Clínica	Particular	8.473	jpacheco.psyco@gmail.com
José Saigado	Médico	Psiquiatra	H. Júlio de Matos		
Júlio Machado Vaz	Médico	psiquiatra	Particular	14.910	sdmrvaz@gmail.com
Júlio Silveira Nunes	Médico	Psiquiatra	Particular	9.528	lusinus@netcabo.pt
Lúgia Fonseca	Psicóloga	Sexologia Clínica	HUC - Coimbra	3103	luliamfonseca@gmail.com
Manuel Esteves	Médico	Psiquiatra	H. São João - Porto	22.457	
Márcia Mota	Médica	Psiquiatra	H. São João - Porto	39.374	marciamota@netcabo.pt
Marco Gonçalves	Médico	Psiquiatra	H. Júlio de Matos	40.196	marcofc@gmail.com
Margarida Bastos	Médica	Endócrinologista	HUC - Coimbra	15.975	margaridabastos@huc.min-saude.pt
Paulo Abrantes	Médico	Psiquiatra	HUC - Coimbra	26.571	paulobrazabrantessapo.pt
Pedro de Freitas	Médico	Sexologia Clínica	ILASC - PELVICLINIC	24.840	pfreitas1957@gmail.com
Pedro Pechorro	Psicólogo	Sexologia Clínica	H. Santa Maria	4.258	ppchorro@gmail.com
Rui Xavier Vieira	Médico	Psiquiatra	H. Santa Maria	13.883	vieira.xavier@clix.pt
Santinho Martins	Médico	Endócrinologista	Particular	12.492	santinhomartins@gmail.com
Zélia Figueiredo	Médica	Psiquiatra	H. Magalhães Lemos	20.752	zelia_figueiredo@iol.pt
Antonio C. Sousa Moeda	Médico	Medicina Geral e Familiar/ Sexologia Clínica	C. Saude de Alvalade	28.467	antonioscsmoeda@hotmail.com
Bruno Alexandre G.J.Pereira	Médico	Urologia /Sexologia Clínica	CHC - Coimbra	44.385	brunoalexperreira@gmail.com
Lisa Marina F. F. Vicente	Médica	Ginecologia/Obstetrícia - Sexologia Clínica	DGS	35.137	lisa.ferreira.vicente@gmail.com
Luisa Gama G. Pereira	Médica	Ginecologia/Obstetrícia - Sexologia Clínica		31.185	luisa.gama@netcabo.pt
Maria do Céu P.B.F.Santo	Médica	Ginecologia/Obstetrícia - Sexologia Clínica		20.665	ceusanto@gmail.com
Mário F.F.Lourenço	Médico	Psiquiatra/ Sexologia Clínica	H.Particular-Guimarães	31.085	marfopsiquiatra@gmail.com
Nuno Monteiro Pereira	Médico	Urologia / Sexologia Clínica	Clinica do Homem/Mulher	18.260	n.pereira@clinicahm.pt
Regina S.M.C.Carvalho	Médica	Psiquiatra/ Sexologia Clínica	C.H.Psiquiatra- Coimbra	46.530	rsmcoimbra@yahoo.com.br
Ricardo N.S.Pires Ramires	Médico	Urologia /Sexologia Clínica	H.Privado-Braga	35.343	dirramires@gmail.com
Susana M. Nunes Reça	Médica	Sexologia Clínica	HUC - Coimbra	49.026	susana.reca@gmail.com
Vasco M.X.F.Prazeres	Médico	Medicina Geral e Familiar/ Sexologia Clínica	DGS	23.607	vascop@dgs.pt
Ana Cristina Pablo	Psicóloga	Sexologia Clínica	H.Júlio de Matos	5.321	anacristinapablo@gmail.com
João Santos	Psicólogo	Sexologia Clínica	Pelviclinic	19.956	joaomiguelsantos@gmail.com
Sara Inês de Oliveira Forte	Psicóloga	Psicologia Clínica / Sexologia Clínica	H. Magalhães Lemos	20.701	
Antonio A. Reis Salema	Psicólogo	Psicólogo Clínico e saúde/terapeuta sexual	Associação Jano e particular	8.489	antonio_salema@hotmail.com

## ANEXO 6 – CATEGORIAS DE DIAGNÓSTICO INSERIDAS NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (2010)

<b>F64</b>	<b>Gender identity disorders</b>
<b>F64.0</b>	<b>Transsexualism</b> A desire to live and be accepted as a member of the opposite sex, usually accompanied by a sense of discomfort with, or inappropriateness of, one's anatomic sex, and a wish to have surgery and hormonal treatment to make one's body as congruent as possible with one's preferred sex.
<b>F64.1</b>	<b>Dual-role transvestism</b> The wearing of clothes of the opposite sex for part of the individual's existence in order to enjoy the temporary experience of membership of the opposite sex, but without any desire for a more permanent sex change or associated surgical reassignment, and without sexual excitement accompanying the cross-dressing.  Gender identity disorder of adolescence or adulthood, nontranssexual type  <i>Excl.:</i> fetishistic transvestism ( <a href="#">F65.1</a> )
<b>F64.2</b>	<b>Gender identity disorder of childhood</b> A disorder, usually first manifest during early childhood (and always well before puberty), characterized by a persistent and intense distress about assigned sex, together with a desire to be (or insistence that one is) of the other sex. There is a persistent preoccupation with the dress and activities of the opposite sex and repudiation of the individual's own sex. The diagnosis requires a profound disturbance of the normal gender identity; mere tomboyishness in girls or girlish behaviour in boys is not sufficient. Gender identity disorders in individuals who have reached or are entering puberty should not be classified here but in F66.-.  <i>Excl.:</i> egodystonic sexual orientation ( <a href="#">F66.1</a> ) sexual maturation disorder ( <a href="#">F66.0</a> )
<b>F64.8</b>	<b>Other gender identity disorders</b>
<b>F64.9</b>	<b>Gender identity disorder, unspecified</b> Gender-role disorder NOS

**ANEXO 7 – PARECER DO CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA  
CONTRA A PROPOSTA DO BLOCO DE ESQUERDA (2017)**



**CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA**

**94/CNECV/2017**

**CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA  
PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA**

**RELATÓRIO E PARECER SOBRE  
O PROJETO DE PROPOSTA DE LEI QUE ESTABELECE O DIREITO  
À AUTODETERMINAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÉNERO E  
EXPRESSÃO DE GÉNERO E O DIREITO À PROTEÇÃO DAS  
CARACTERÍSTICAS SEXUAIS DE CADA PESSOA**

(Março de 2017)



## CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA

### RELATÓRIO

*NOTA PRÉVIA: o Relatório é um instrumento de reflexão introdutória ao Parecer da responsabilidade dos seus autores. Como tal, não é votado pelo plenário do CNECV.*

#### Enquadramento

O presente parecer é suscitado por um pedido endereçado ao Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (CNECV) pelo Senhor Ministro Adjunto, pelo qual se solicita uma apreciação, do ponto de vista ético, sobre o “projeto de Proposta de Lei que estabelece o direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género e o direito à proteção das características sexuais de cada pessoa”.

O CNECV emitiu recentemente, sobre a mesma temática, o Parecer N.º 91/CNECV/2017 relativo ao Projeto de Lei n.º 242/XIII/1ª (BE) - "Reconhece o direito à autodeterminação de género", em resposta ao pedido da Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias.

Assim, o presente parecer diz respeito ao que, no projeto de Proposta de Lei agora em análise, se apresenta diferente do Projeto de Lei anteriormente apreciado, devendo por isso, a sua leitura ser acompanhada, no essencial da análise efetuada, da remissão para o Parecer N.º 91/CNECV/2017<sup>1</sup>.

#### I.

O projeto de Proposta de Lei em análise, doravante referido como Projeto, introduz, no artigo 1.º<sup>2</sup>, o direito à proteção das características sexuais de cada indivíduo.

As características sexuais são definidas no artigo 2.º como “o conjunto de atributos de natureza cromossómica, gonadal e anatómica de uma pessoa, compreendendo as características sexuais primárias como os órgãos reprodutivos, a genitália e as estruturas cromossómicas e hormonais, assim como as características sexuais secundárias, incluindo, mas não se limitando, a massa muscular, a distribuição capilar, o peito e a estatura”.

<sup>1</sup> CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA (2017). *Parecer N.º 91/CNECV/2017 sobre o Projeto de Lei N.º 242/XIII/2ª (BE) - “Reconhece o Direito à Autodeterminação de Género”*.  
[http://www.cnecv.pt/admin/files/data/docs/1485453917\\_Parecer%2091\\_2017%20Autodet%20genero.pdf](http://www.cnecv.pt/admin/files/data/docs/1485453917_Parecer%2091_2017%20Autodet%20genero.pdf)

<sup>2</sup> “A presente lei estabelece o direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género e o direito à proteção das características sexuais de cada pessoa.”



### CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA

A proteção jurídica das características sexuais é regulada no artigo 5.º do Projeto.

Os números 1 e 2 deste artigo, ao disporem que todas as pessoas têm direito a manter as características sexuais e que qualquer modificação efetuada em pessoa maior, por via de tratamentos e intervenções cirúrgicas, carece de consentimento expreso e esclarecido, não aportam qualquer novidade à legislação vigente.

Na realidade, a obrigatoriedade de intervenção cirúrgica de redesignação sexual, como condição para a mudança do sexo biológico, já tinha sido afastada pela Lei n.º 7/2011, de 15 de março e qualquer ato médico carece de consentimento informado por parte de quem a ele pretenda submeter-se.

No que respeita aos números 3 e 4 do artigo 5.º, parece resultar claro o propósito de transpor para a legislação nacional as recomendações vertidas nos textos provenientes de diversas instituições internacionais, com o propósito de contribuir para a promoção da dignidade da pessoa humana, nomeadamente as recomendações da Organização das Nações Unidas (ONU) aos Estados sobre crianças intersexuais e as contidas no Relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACDH) sobre Discriminação e Violência Contra Indivíduos Baseadas na sua Orientação Sexual e Identidade de Género (A/HRC/29/23)<sup>34</sup>.

Entre essas recomendações, estabelece-se a proibição da realização de tratamentos e intervenções cirúrgicas para mudança de sexo desnecessárias em crianças intersexuais até ao momento em que se manifeste a sua identidade de género, por forma a proteger a sua integridade física e a respeitar a sua autonomia.

Esta recomendação teve acolhimento no número 3 do artigo 5.º do Projeto – *“É proibida a prática de tratamentos e intervenções cirúrgicas, farmacológicas ou de outra natureza que impliquem modificações ao nível do corpo ou das características sexuais da pessoa menor até ao momento em que se manifeste a sua identidade de género, salvo em situações de comprovado risco para a sua saúde física.”*–, bem como no número 4 do artigo 5.º – *“A*

<sup>3</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Alto Comissariado para os Direitos Humanos (2015). *Discrimination and violence against individuals based on their sexual orientation and gender identity - Report of the Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights (A/HRC/29/23)*. [http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/RegularSessions/Session29/Documents/A\\_HRC\\_29\\_23\\_en.doc](http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/RegularSessions/Session29/Documents/A_HRC_29_23_en.doc)

<sup>4</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Alto Comissariado para os Direitos Humanos (2015). *Nota Informativa – Intersex*. [https://unfe.org/system/unfe-76-UNFE\\_Intersex\\_final\\_Portuguese\\_rev3\\_MED.pdf](https://unfe.org/system/unfe-76-UNFE_Intersex_final_Portuguese_rev3_MED.pdf)



## CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA

*prática de tratamentos e intervenções cirúrgicas, farmacológicas ou de outra natureza que impliquem modificações ao nível do corpo ou das características sexuais do menor a partir do momento em que se manifeste a sua identidade de género são realizadas mediante o seu consentimento expresso e esclarecido através dos seus representantes legais, tendo em consideração os princípios da autonomia progressiva e do superior interesse da criança constantes na Convenção sobre os Direitos da Criança.”*

Porém, os números 3 e 4 do mesmo artigo encerram diversas questões às quais o Projeto não responde.

Sendo o sexo um elemento obrigatório a constar no assento de nascimento<sup>5</sup>, não encontramos resposta no Projeto sobre qual o sexo biológico que será atribuído às crianças intersexuais que não foram sujeitas a cirurgia/tratamento e até que se manifeste a sua identidade de género.

Uma vez que o Projeto não contempla um terceiro género ou um marcador legal de género neutro e que o Registo Civil continua a assentar no modelo binário alicerçado no sexo biológico dos indivíduos, tal leva-nos a concluir que, aquando do nascimento, os pais de uma criança intersexual deverão declarar se esta é menino (homem) ou menina (mulher)<sup>6</sup>, o que se traduz numa adulteração da identidade civil e numa violação do direito à identidade de género que se pretende acautelar.

O Projeto também não responde à questão de qual o sexo que deverá constar no assento em caso de desacordo entre os progenitores aquando da declaração do nascimento.

Por último, é omissa o modo como as unidades de saúde, sobre as quais impende a obrigação legal de comunicar os nascimentos ocorridos, registam informaticamente o sexo do recém-nascido intersexual e que não foi sujeito a cirurgia<sup>7</sup>.

Outra questão é quem, quando e como se reconhecem essas manifestações no menor, que não dispõe de maturidade cognitiva e socio afetiva para decidir sobre tais intervenções, quase sempre irreversíveis.

<sup>5</sup> PORTUGAL – Código do Registo Civil. Artigo 102.º n.º 1 alínea b).

<sup>6</sup> De referir que a menção aposta nos assentos de nascimento em Portugal no que respeita ao sexo é a de masculino para os homens e a de feminino para as mulheres.

<sup>7</sup> Artigo 101.º-A do Código de Registo Civil, que sob a epígrafe “Registo de nascimento ocorrido em unidades de saúde” dispõe no n.º 1 que “No prazo de vinte e quatro horas após o nascimento, as unidades de saúde devem inserir em registo informático de acesso exclusivo das unidades de saúde, do IRN, I. P., e do Instituto de Segurança Social, dados sobre o nascimento, com indicação da respectiva data e hora, do sexo do menor e do nome e residência da parturiente.”



## CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA

Ora, a manifestação da identidade de género, sendo habitualmente precoce, não é redutível a um “momento”; trata-se antes de um processo evolutivo.

O CNECV já teve oportunidade de se pronunciar sobre a matéria atinente às crianças intersexuais no Parecer N.º 91/CNECV/2017. No Relatório que antecede o Parecer, foi abordada a necessidade de aprofundar o reconhecimento jurídico que se pretende atribuir às crianças intersexo, face à sua particular situação de vulnerabilidade.

Não nos parece que o presente Projeto tenha alcançado plenamente tal desiderato. Se, por um lado, é aparente o intuito de acautelar os direitos à autonomia, à saúde e à integridade física e mental, proibindo-se práticas cirúrgicas e tratamentos irreversíveis, seguindo recomendações do Relatório da ONU, por outro lado não se salvaguarda cabalmente o direito à identidade de género, abrindo-se as portas a situações de discriminação sobre crianças intersexuais.

### II.

O valor da apreciação, cuja responsabilidade é confiada ao Conservador representa outra grande fragilidade do Projeto, embora o essencial continue a residir na natureza, quase exclusivamente administrativa, do *modus operandi* para alteração registal do sexo e nome. E isto porque a Proposta ignora a existência de pessoas afetadas por perturbações mentais, que se manifestam por convicções delirantes de transformação sexual, nas quais a autodeterminação está coartada ou mais ou menos comprometida. A questão suscitada é tão-somente esta: quem distingue, quando e como, os transexuais primários, detentores da plena convicção de pertencerem ao sexo oposto, daqueles outros, reféns de uma crença delirante ou de uma outra condição patológica (transexuais secundários), que procuram alcançar o mesmo desiderato, ou seja, mudar de sexo e nome? Ora, afigura-se inaceitável que esta questão, pelos riscos que envolve, possa ser resolvida mediante a simples apreciação do Conservador do Registo Civil, tanto mais quando se sabe que a maioria dos candidatos a mudança de sexo e nome pretende submeter-se a cirurgia de reatribuição sexual, a qual é, como atrás se disse, quase sempre irreversível nas alterações anatómicas introduzidas.



## CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA

### III.

Outro aspeto a merecer apreciação neste Projeto diz respeito ao procedimento previsto no Artigo 8.º: a *"mudança da menção do sexo no registo civil e da conseqüente alteração de nome próprio tem início mediante requerimento apresentado em qualquer conservatória do registo civil, com indicação do seu número de identificação civil e do nome próprio pelo qual a pessoa pretende vir a ser identificada, podendo, desde logo, ser solicitada a realização de novo assento de nascimento, no qual não poderá ser feita qualquer menção à alteração do registo"*.

Este procedimento, a ser desta forma, apaga o "histórico" individual. Todavia, o artigo 10.º estabelece que *"a mudança da menção do sexo no registo civil e a conseqüente alteração de nome próprio efetuada nos termos da presente lei não afeta nem altera os direitos constituídos e as obrigações jurídicas assumidas antes do reconhecimento jurídico da identidade de género"*.

Não se vislumbra assim como se fará o nexo de ligação entre a pessoa titular de um registo civil anterior e a pessoa que, mercê da sua nova condição, pretende alterar esse registo no que se refere ao sexo e nome, rompendo totalmente com o seu passado, sem que resulte claro se os efeitos da eliminação do histórico individual são compatíveis com as obrigações jurídicas anteriormente assumidas.

Diferente seria se, a exemplo do que acontece na adoção, se tratasse de "ocultar" mas mantendo o anterior assento de nascimento. Dos assentos de nascimento onde constasse averbamento de mudança de identidade só poderiam ser extraídas certidões a pedido da pessoa a quem o registo respeita, procurando-se, assim, salvaguardar a confidencialidade da identidade anterior.

De um ponto de vista ético, o desaparecimento do histórico pessoal que "um novo assento de nascimento sem menção do anterior" materializa, remete-nos para as questões da identidade pessoal, da memória, da construção de Si na relação com os outros, da temporalidade da existência humana e da própria narrativa da pessoa, que têm significado e relevância, que não ficam salvaguardados no atual projeto.



#### CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA

##### IV.

Por fim, não é claro o sentido dos direitos de pessoas terceiras quanto às consequências das alterações propostas à alínea i do número 1 do artigo 70.º do Código do Registo Civil (Averbamentos ao assento de casamento): "1 - Ao assento de casamento são especialmente averbados: (...) i) A mudança de sexo de qualquer dos cônjuges e a correspondente mudança de nome próprio, desde que haja consentimento do outro cônjuge, prestado por declaração perante o oficial do registo civil ou através de documento autêntico ou autenticado". Ora, tais "alterações" não mudam o que já consta no mesmo artigo, com a redação que lhe foi dada pela Lei n.º 7/2011, de 5 de março - "i) A mudança de sexo de qualquer dos cônjuges e a correspondente mudança de nome próprio, desde que haja consentimento do outro cônjuge, prestado por declaração perante o oficial do registo civil ou através de documento autêntico ou autenticado".



## CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA

### PARECER

1. O Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, no enquadramento reflexivo que dedicou à Proposta legislativa em apreço, considera que a mesma não altera o conteúdo substantivo do Projeto de Lei n.º 242/XIII/1.ª (BE), sob o título "Reconhece o direito à autodeterminação de género" apresentado pelo Bloco de Esquerda que, pelas razões explicitadas no Parecer n.º 91/CNECV/2017, não mereceu aprovação ética.
2. A presente proposta legislativa inclui alterações registais que têm implicações ético-jurídicas, as quais suscitaram as objeções constantes do relatório supra, designadamente no que respeita a funções atribuídas ao Conservador do Registo Civil e à realização do novo assento de nascimento.
3. Permanecem assim objeções relacionadas com a questão ética nuclear que se centra no conflito entre a interpretação extensa do exercício da autonomia, enquanto capacidade para construir uma narrativa pessoal de direitos e valores, e os direitos de terceiros designadamente cônjuges e descendentes que podem ficar comprometidos nesse entendimento.

Lisboa, 06 de março de 2017  
O Presidente, *Jorge Soares*.

Foram Relatores os Conselheiros *Jorge Costa Santos, Lucília Nunes e Sandra Horta e Silva*.

Aprovado por unanimidade em Reunião Plenária do dia 6 de março de 2017, em que para além do Presidente estiveram presentes os seguintes Conselheiros/as:

*Ana Sofia Carvalho; André Dias Pereira; António Sousa Pereira; Carlos Maurício Barbosa; Daniel Torres Gonçalves; Filipe Almeida; Francisca Avillez; Jorge Costa Santos; José Esperança Pina; José Manuel Silva; Lucília Nunes; Luís Duarte Madeira; Pedro Pita Barros; Rita Lobo Xavier; Sandra Horta e Silva; e Sérgio Deodato.*

## ANEXO 8 –DOCUMENTO CONTRA O PARECER DO CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA

1

### PARECER

O projeto de lei 242/XIII/1.<sup>a</sup>, que visa reconhecer o direito à autodeterminação de género, pretende produzir regulamentação que garanta o reconhecimento, o desenvolvimento, o acompanhamento profissional e a identificação da identidade e expressão de género na República Portuguesa. Trata-se de uma medida que promove uma maior democratização nas relações sociais de género e na relação dos indivíduos com o Estado, precisamente porque assenta no respeito integral pelas formas de subjetivação que cada pessoa expressa e com as quais se identifica, em vez de fazer assentar esse reconhecimento exclusivamente numa visão biomédica unilateral. Assim, este projeto de lei determina que o Estado aceite que cada cidadã/o tenha a sua identificação e expressão de género e que a/o reconheça nesse processo.

O género é um sistema de relações sociais, imbuído em relações de poder, que determina padrões de inteligibilidade dos corpos, i.e. os modos através dos quais esses corpos são lidos, interpretados e classificados. Este processo de inteligibilidade tem consequências quer para os indivíduos, quer para grupos sociais, quer ainda para as relações sociais com os outros, com as instituições e com o Estado. Trata-se de um sistema multidimensional (Connell, 2003), que afeta todas as práticas sociais e que constitui um dos eixos centrais nos sistemas de privilégio e opressão, intersectando-se com outros sistemas de classificação. Por oposição ao sexo, o género foi conceptualizado como uma construção social, o que quer dizer que os seus significados são não só socialmente partilhados numa determinada cultura, mas também que os critérios de leitura dessa grelha de inteligibilidade se constituem como modos hegemónicos de pensar e viver as auto e hetero identificações de género (Butler, 1990).

Assim, o sistema de género apresenta-se como dimórfico e assimétrico (Amâncio, 2003), construindo duas formas de subjectivação, masculino e feminino que, por homologia com um processo naturalizador (que simula a biologia), reproduzem a lógica do macho e da fêmea nas outras espécies animais. A investigação tem mostrado que este processo é histórica e culturalmente situado: os conceitos de homem e de mulher constituem-se como relativos, discutíveis e determinados por localização no espaço, no tempo e na cultura, nomeadamente se tivermos em consideração até os modelos distintos de pensamento sobre os corpos dentro do

pensamento ocidental que entendiam as mulheres primeiramente como o avesso dos homens e posteriormente como dimorficamente distintos entre si (Laqueur, 1990). Essas ideologias de produção do género e dos corpos são social e politicamente produzidas, resultando de processos sociais, com os quais cada um/a de nós não pode senão relacionar-se de acordo com significações distintas face às quais apenas o respeito e o reconhecimento podem garantir uma cidadania da diversidade e, através desta, uma verdadeira democracia.

Cabe ao Estado regulamentar os processos sociais de construção destas significações de forma a impedir que elas sejam utilizadas para diferenciar valorativamente, segregar e discriminar; de resto, o Estado reconhece essa sua função de regulação das relações sociais quando se atribui a tarefa de assegurar a igualdade de género, como faz na Constituição da República. O Estado intervém diretamente nesta forma dimórfica e assente numa ontologia de diferença entre dois géneros incorporados em dois sexos no modelo de organização das relações de género, idealizado pelas sociedades como possibilidade únicas e exclusivas de viver o género. Uma vez que sustenta hegemonias e normas que limitam a diversidade humana, a Lei deve ser repensada de forma a reconhecer outras possibilidades de existir que não as que vigoram em tais hegemonias e normas. É essa a intenção nuclear do projeto de lei aqui discutido.

A partir da segunda metade do século XX, uma série de processos de mudança social vieram introduzir outras possibilidades de representação e de identificação e expressão do género, com consequências ao nível dos processos psicossociais de subjetivação. O desenvolvimento de tecnologias médicas, cirúrgicas, psicoterapêuticas, hormonais, a par das lutas dos movimentos sociais, expandiram o horizonte das possibilidades de viver e exprimir os géneros. A luta das pessoas trans e intersexo pelo acesso aos tratamentos médicos que possam ser necessários realizar de forma a viver com bem-estar na sua expressão de género e a necessária luta pelo reconhecimento legal das identidades de género em termos de documentos e registos são fundamentais (Piñeroba, 2008), pelo que este tipo de regulamentação reflete e valoriza as pessoas trans e intersexo como cidadãs de igual estatuto, reconhecendo que o género se apresenta numa diversidade de subjectivações e que todas são merecedoras de um tratamento igual por parte do Estado. Países como a Argentina, Malta, Suécia, Nova Zelândia têm reconhecido e integrado o valor desta auto-determinação: veja-se como a proposta de lei aqui discutida detalha

exaustivamente os inúmeros organismos e declarações internacionais que legitimam esta proposta.

Um dos pressupostos centrais da perspetiva patologizante que recorre a conceitos como disforia de género implica a produção de uma normativa médica e psiquiátrica que separa pessoas com disforia de género de pessoas com género consentâneo com a (fabricada) homologia naturalizadora (Fausto-Sterling, 2000). A disforia de género apresenta problemas de verificabilidade e de testagem (Bento & Pelúcio, 2012), mas com essa categoria se determina o modo como o Estado interage e reconhece direitos de cidadania. Logo, não se trata de um problema científico, mas antes político e de acesso a direitos. Os processos de regulamentação diferenciada só existem para quem a identificação de género não seja homóloga a esse processo naturalizador, o que coloca as expressões de género fora do regime binário numa posição de desigualdade permanente, exigindo um diagnóstico médico que certifique a veracidade da sua posição no sistema de género (Fausto-Sterling, 2000). Mais se deve notar que o escrutínio atento ao que permanece como conjunto de critérios de patologização propostos pela atual edição do DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Perturbações Mentais, torna absolutamente incompreensíveis tais critérios segundo o que aqui expomos, nomeadamente porque todas e todos, independentemente das identificações e/ ou das identidades que construímos, caberíamos mais ou menos diretamente nessa moldura patologizante. Assim, para as pessoas não conformes às normas binárias, as condições de igualdade de género são completamente subvertidas face às que são enquadradas em tais normas (Butler, 2005), com a produção de exercício de autoridade dos saberes biomédicos e psicológicos/psiquiátricos que diagnostica e, ao mesmo tempo, é garante de posição de reserva de mercado para a intervenção médica, para que essa/e cidadã/o tenha acesso ao reconhecimento da identidade de género. Por outro lado, nunca se questiona se a identidade de género em indivíduos não trans é fruto de natureza psicopatológica, mostrando os limites deste argumento.

Ora, a presente lei não condiciona nem retira a possibilidade de realização de atos médicos no sentido de fazer corresponder o corpo à identidade de género com que a pessoa se identifica, nem foi essa nunca a posição defendida por pessoas e coletivos a favor da despatologização como por vezes alguns olhares e algumas apropriações deturpam face a esse intuito de despatologização. Antes, retira da alçada exclusiva dos/as profissionais de saúde a definição normativa que é o

diagnóstico da disforia de género, transformando-o num ato através do qual o Estado garante e reconhece o direito a uma identidade de género e salvaguardando as pessoas de discriminações.

Acrescente-se que a posição defendida por este projeto relativamente a pessoas menores de idade é uma discussão que se faz há bastante tempo e que está contemplada por importantes trabalhos de investigação internacionais (e.g. Garaizabal, 2010; Platero, 2014) que alertam para os benefícios desenvolvimentais decorrentes da não imposição precoce de escolhas sobre o sexo e/ ou das normas de género; apenas os posicionamentos médicos, de intervenção profissional psicossocial e educativa que permitam a exploração livre de identificações e de construções identitárias múltiplas relacionadas com os sexos e com os géneros permitem a edificação de vidas dignas e a redução do intenso sofrimento que vivem crianças e adolescentes não conformes às normas binárias.

Por estas razões, e face aos conhecimentos da área dos Estudos de Género, esta lei configura-se como perfeitamente adequada e é nosso entendimento que se aprovada, irá garantir uma maior igualdade e democratização das relações de género por consagrar as identificações de género como auto-determinadas.